

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROPESP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA INFORMAÇÃO – ICHI
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA – PPGH
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA**

PPGH

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM

**A GÊNESE DA REPÚBLICA NOVA BRASILEIRA NA
PERSPECTIVA DA CARICATURA: ENSINANDO HISTÓRIA
ATRAVÉS DAS ILUSTRAÇÕES DO PERIÓDICO CARETA
(1930-1932)**

ZULEICA SOARES WERHLI

**RIO GRANDE -RS
2016**

ZULEICA SOARES WERHLI

**A GÊNESE DA REPÚBLICA NOVA BRASILEIRA NA
PERSPECTIVA DA CARICATURA: ENSINANDO HISTÓRIA
ATRAVÉS DAS ILUSTRAÇÕES DO PERIÓDICO CARETA
(1930-1932)**

Dissertação apresentada à banca examinadora, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História no programa de Pós-Graduação em História, Mestrado Profissional em História, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, sob orientação do professor Dr. Francisco das Neves Alves.

RIO GRANDE –RS

2016

Ficha catalográfica

W488g Werhli, Zuleica Soares.
A gênese da República Nova Brasileira na perspectiva caricatura:
ensinando História através das ilustrações do periódico Careta (1930-
1932) / Zuleica Soares Werhli. – 2016.
172 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-graduação em História, Rio Grande/RS,
2016.

Orientador: Dr. Francisco das Neves Alves.

1. Getúlio Vargas 2. Caricaturas 3. Careta 4. República Nova
5. Ensino de História I. Alves, Francisco das Neves II. Título.

CDU 981:37

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Dr. Francisco das Neves Alves, meu orientador, por me indicar um rumo investigativo que me proporcionou desvendar os caminhos da pesquisa. Muito obrigada pela oportunidade no mestrado e pela indicação da revista *Careta*, mas principalmente pela atenção e competência com a qual me atendeu nesta trajetória: pessoa admirável na sabedoria e no trato, de conhecimento e crítica refinados. Tornou-se para mim grande referência de educador, pesquisador e pessoa.

Ao querido professor e amigo Daniel Prado, que com tanta prontidão me ajudou nesta caminhada. Seu auxílio, amizade e paciência foram inestimáveis. Um grande exemplo de educador para a vida.

A todos os meus professores, que de uma maneira ou outra contribuíram no decorrer desta caminhada.

Um muito obrigada a turma de Brasileira IV pela colaboração e participação nas atividades propostas.

Agradecimentos aos colegas do mestrado em especial a amiga Nadia, que esteve sempre por perto e acompanhou toda esta jornada. Valeu a força e o constante incentivo.

E, finalmente, ao Adriano, pelo amor e companheirismo ímpares.

RESUMO

Esta dissertação analisa a figura política de Getúlio Vargas na gênese da República Nova, mais precisamente inicia na Revolução de 1930 e se estende até a derrota da Revolução Constitucionalista de 1932. Ademais, é apreciado de que modo Getúlio Vargas foi representado como um dos protagonistas nas páginas da revista *Careta*. Ao estudar tal período, este trabalho busca compreender o posicionamento e as críticas desta revista, com ênfase à relevância da imprensa como fonte histórica e o uso da caricatura como meio para ensinar História. Em meio aos acontecimentos do período, a revista carioca *Careta* retratou através de suas caricaturas, diversas cenas da vida política e social com boa dose de irreverência, crítica e criatividade, permitindo assim, uma maior compreensão em relação à sociedade da época.

PALAVRAS-CHAVE: Getúlio Vargas, caricaturas, *Careta*, República Nova, ensino de história.

ABSTRACT

This thesis analyzes the political image of Getúlio Vargas in the beginning of the *República Nova*. More precisely, it covers the period from the Revolution of 1930 to the Constitutionalist Revolution defeat in 1932. Moreover, this thesis examines how Getúlio Vargas was represented as a protagonist in the magazine *Careta*. By studying the indicated period, this work aims to understand the positioning and criticism of the *Careta* magazine. Special attention is given to the relevance of the press as historical source and the use of caricatures as a resource to History teaching. At its time, the *Careta* magazine portrayed through its caricatures various scenes of the political and social life with irreverence, criticism and creativity, allowing a better understanding about the society of the time.

KEYWORDS: Getúlio Vargas, caricatures, *Careta*, República Nova, history teaching

SUMÁRIO

Introdução -----	07
Capítulo 01 – Contextualização -----	18
1.1. Anos 1930-1932-----	18
1.2. A imprensa nos anos 30-----	29
1.3. A imprensa caricata e a revista <i>Careta</i> -----	33
Capítulo 02 - A trajetória de Getúlio Vargas (1930-1932) contada pelas caricaturas	
2.1. Vargas e os políticos-----	40
2.2. Vargas e o povo-----	94
2.3. O protagonista em si-----	121
Capítulo 03 – Um estudo de caso no ensino superior -----	138
3.1. Considerações preliminares-----	138
3.2. Verificação da validade da aplicação entre alunos-----	139
Considerações Finais -----	151
Fontes e Referências bibliográficas -----	155
Fontes-----	155
Referências bibliográficas-----	158
Anexo -----	162

Introdução

É comum vermos caricaturas em nossos jornais ou revistas. Elas estão presentes em nosso cotidiano e não é de hoje. Por se tratar de um recurso de comunicação cuja mensagem é facilmente assimilada pelos leitores, a caricatura foi e é presença constante não só nos jornais como também, em revistas.

A proposta desta pesquisa é analisar a figura política de Getúlio Vargas na gênese da República Nova e como este foi representado como um dos protagonistas nas páginas da revista *Careta*. Desta forma, pretende-se compreender o posicionamento e as críticas desta revista, com ênfase à relevância da imprensa como fonte histórica e o uso da caricatura como meio para ensinar História.

A publicação *Careta* foi uma revista ilustrada, editada no Rio de Janeiro entre os anos de 1908 e 1960. Tinha um excelente padrão gráfico para a época e além das caricaturas trazia registros fotográficos do cotidiano carioca, envolvendo temas variados como a política, a vida social, o carnaval, o futebol e as praias. Sua circulação era nacional, apresentando ao seu leitor, de forma crítico-humorística, várias das facetas do cotidiano da política brasileira republicana.

Em virtude da necessidade de delimitar este trabalho, o presente estudo retrata um recorte temporal de 1930 a 1932, ou seja, começa no momento da formação histórica brasileira representado pela Revolução de 1930 e se estende até a derrota da Revolução Constitucionalista de 1932. Mais precisamente engloba o período da ascensão à consolidação do grupo varguista no poder, através das páginas caricatas da revista *Careta*. Os exemplares estão disponíveis na Hemeroteca digital brasileira, a qual pertence à Fundação Biblioteca Nacional, constituindo um portal de periódicos nacionais que oferece extensa consulta, pela internet, ao seu acervo. É importante salientar a gratuidade do serviço oferecido pela Hemeroteca digital brasileira.

A utilização de registros de imagens, seja fotografias ou caricaturas, vem se constituindo em um novo campo para o historiador. Eles têm se valido desse material como meio de investigação para fazer uma releitura, ou seja, oferecer uma alternativa de interpretação histórica, de uma sociedade em um determinado momento da história. Ao historiador cabe então, decifrar os códigos de outro tempo, o qual não é o seu, ele vai tentar desnudar o passado utilizando-se de metodologias específicas visando a busca desses sentidos.

O espaçamento temporal, algo por muito tempo considerado crucial para se fazer uma análise histórica, entre o pesquisador, o objeto pesquisado e o autor do objeto, reproduz diferentes apreensões, uma vez que as percepções se realizam no presente, em direção ao passado. Ler uma imagem sempre depreende partir de valores, problemas, inquietações e padrões do presente, os quais muitas vezes não existiram, ou eram muito distintos no tempo da produção do objeto.

Segundo Paulo Knauss em seu artigo *O desafio de fazer História com imagens: arte e cultura visual* (2006), existem duas grandes perspectivas de estudo da cultura visual: uma mais restrita, trata da experiência visual da sociedade ocidental na atualidade (marcada pela imagem digital e virtual); e outra mais abrangente, possibilita pensar as diferentes experiências visuais ao longo da história em diferentes épocas e sociedades. A história melhor se utilizaria desta segunda perspectiva, pois ela permite problematizar os olhares, os dispositivos e os modos de ver próprios de cada época.

São muitos os elementos que compõe e estão associados às imagens, e isto permite uma infinidade de possibilidades de leitura e interpretação dessas imagens.

Os cuidados a serem observados no trabalho com este tipo de documentos são muitos, pois as imagens são fontes que permitem os mais diversos tipos de leitura e interpretação, uma vez que ela não é universal. Assim uma mesma imagem pode ter seu significado alterado de acordo com o tipo de olhar que é lançado sobre ela. O historiador que se utiliza de imagem como fonte histórica precisa enxergar para além dela mesma, ler suas lacunas, silêncios, decifrar seus códigos, pois ela não se esgota em si mesma.

Martine Joly expõe que, o percurso para uma análise de um objeto visual qualquer, transcorre do significante para o significado, do veículo para a mensagem e, desta, para os grupos sociais que a produzem ou que se apropriam dela. Segundo Joly, *“...a significação global de uma mensagem visual é construída pela interação de diferentes ferramentas, de tipos de signos diferentes: plásticos, icônicos, linguísticos. E que a interpretação desses diferentes tipos de signos joga com o saber cultural e sociocultural do expectador, de cuja mente é solicitado um trabalho de associações.”* (JOLY, 2009, p.113).

A pesquisa histórica tem muito a ganhar ao utilizar-se da interpretação da imagem no campo da cultura visual, ao apropriar-se desses conhecimentos o historiador se permite pensar a dimensão visual da história, como prática social no tempo, e também abre um leque de novas possibilidades no ensino de história com a utilização de novas tecnologias.

Também, é necessário explicitar que, as imagens, mesmo sendo fontes de complexa análise, nos permitem escapar das ditas “fontes tradicionais¹”, ampliando assim as possibilidades de pesquisas, de interpretação, descortinando assim, outros olhares dos processos históricos.

O pesquisador passou a explorar essas fontes devido a sua reconhecida capacidade de penetração no imaginário social e pela força de expressão que possuem, pois, a caricatura transita em uma ordem diferente da do texto escrito. Através de uma linguagem simples e direta consegue que a mensagem atinja o receptor sem a necessidade de grandes análises para o seu entendimento.

Lima ressalta a força do recurso iconográfico quando afirma que a caricatura “*era o único tribunal a que os políticos não podiam fugir, temendo a exploração pública de seus vícios.*” (LIMA, 1963, p. 180).

Segundo Joaquim da Fonseca, historicamente a palavra caricatura vem do italiano *caricare* (carregar, no sentido de exagerar, aumentar algo em proporção) e aparece pela primeira vez com A. Mosini quando este quis se referir a *Diverse Figure*, uma coleção que foi lançada em 1646 contendo uma série de gravuras chamadas de *ritratini carichi* (retratos carregados), executadas a partir dos desenhos originais dos irmãos Agostino e Annibale Carracci que satirizavam tipos humanos das ruas de Bolonha. (FONSECA, 1999).

Ainda segundo Fonseca, caricaturas são formas de arte que de maneira ampla e abrangente, narram, retratam, e destacam a sociedade como um todo. As caricaturas, podem ser de pequenos grupos, ou de apenas um indivíduo, com a função de expor suas qualidades e/ou seus defeitos em representações gráficas sob o prisma do humor. (FONSECA, 1999).

Tendo como principais características o humor e o exagero a caricatura, pode ser uma colaboradora para uma melhor compreensão da sociedade. É através de sua análise que podemos nos aproximar de questões que envolvem a formação da identidade e do imaginário social coletivo e/ou individual. As imagens produzidas, por meio de sua força, muitas vezes chegam a suplantar o poder das palavras, transformando-se em uma arma de persuasão.

¹ Em concordância com o texto: *Novos Domínios da História – Conclusão/Avanços em xeque, retorno úteis.*

Para Fonseca,

Ninguém pode negar a importância do desenho humorístico na imprensa, seja como documento histórico, como fonte de informação social e política, como termômetro de opinião, como fenômeno estético, como expressão artística e literária ou como simples forma de diversão e passatempo. (FONSECA, 1999, p.13)

É perceptível a partir do exposto no excerto acima, que a caricatura pode ir muito além da simples representação de algum fato ou personagem, ela pode vir a revelar, a denunciar através olhos do artista, toda uma estrutura vigente. O humor torna-se, desse modo, uma ferramenta para transmitir mensagens ou convencer o leitor, ou seja, ele se transforma em um veículo de divulgação de ideias.

Fica também claro o papel didático que a imagem pode vir a ter, o papel de formadora de consciência crítica no leitor, que deixa de ser um receptor passivo da mensagem passada, mas é incentivado a interpretar a ideia proposta, a pensar e a concordar ou não, com a visão do cartunista. Assim, constata-se que as caricaturas buscam muito mais do que simplesmente fazer rir.

A revista *Careta* pode até ser considerada como uma edição que se utilizou do humor e da abordagem de variedades como carro chefe para suas publicações, mas não deve ser percebida apenas como uma revista ilustrativa e com a finalidade única de entretenimento. Em 52 anos de circulação veio a dispor-se inclusive a fazer oposição, trazendo em suas páginas críticas aos governos existentes, inclusive o de Vargas.

Ao observarmos suas caricaturas, foco desta pesquisa, referentes à questão da Nova República no Brasil, nos anos de 1930-1932, o teor da revista *Careta* se apresentou como uma rica possibilidade de conteúdo educacional. São caricaturas instrutivas, inteligentes e mostram a realidade brasileira da época. Sendo assim, evidenciam um papel educativo de maneira lúdica, de fácil entendimento a toda a população.

Maria Alice Faria destaca,

Muitas das atividades propostas são LÚDICAS, e podem parecer brincadeira dispensável para os trabalhos considerados “sérios”. Gostaríamos de enfatizar que o LÚDICO TAMBÉM É TRABALHO. Em muitos casos, o lúdico pode criar na classe um clima de boa vontade com trabalhos mais áridos. Em outros, torna o trabalho escolar mais agradável, um momento de distensão em que o aprendizado não está absolutamente ausente. (FARIA, 2008 p.25)

Nossa intenção assim, foi destacar a postura assumida por este periódico de circulação nacional e elencá-lo como uma fonte de pesquisa para promover análise histórica e, por meio dessa, possibilitar novas ferramentas para o ensino da História.

A revista *Careta* apresenta-se como uma excelente fonte para os estudos históricos, pois a abundância de caricaturas por edição semanal, matizadas de fortes críticas sociais e políticas, permite uma contextualização do período e por consequência, uma maior compreensão em relação à sociedade da época.

Trabalhando com tal fonte, nossas indagações buscam responder a algumas questões, tais como:

- O estudo através de caricaturas é mais agradável e de fácil compreensão com relação aos métodos tradicionais (livros didáticos, internet, etc)?
- Qual o alcance e os limites do documento histórico como fonte para o ensino e pesquisa?
- Considerando a revista como documento histórico, há possibilidade da construção do conhecimento utilizando-se dessas fontes primárias?
- O uso de um periódico de época em sala de aula poderá despertar nos alunos um interesse pelo passado?
- Consegue o aluno perceber as várias formas que pode ter a informação a respeito de um mesmo fato?

A partir destes questionamentos, o que está proposto nesta pesquisa é a análise do protagonismo da figura de Getúlio Vargas através das caricaturas, bem como o uso de mesmas para pesquisar/ensinar a História da aurora da Nova República.

Partindo deste objetivo principal, pautamos nossa linha de trabalho a partir dos objetivos específicos: promover, através da pesquisa-ação, estudo do uso das caricaturas da revista *Careta* na percepção da validade da utilização das mesmas para a promoção do ensino de História; identificar se o ensino de História através do uso de caricaturas é mais lúdico e flexível; verificar como a imprensa pode estabelecer novos objetivos e interesses de leitura; proporcionar aos educandos novas formas de expressão na promoção do ensino de História.

Desta forma, esta pesquisa tem em sua gênese a concepção de que a imprensa é uma significativa fonte histórica. Cumprindo assim, o seu papel de informar, fazer circular opiniões e saberes, é através da imprensa, que foi utilizada como uma fonte documental para a recuperação de um determinado período histórico, que vamos tentar melhor compreender a época a qual estamos estudando. Pela imprensa podemos perceber

dados referentes à História que provavelmente não seriam encontrados em outra documentação, notadamente por ser ela direcionada às massas.

Para o presente trabalho, o referencial teórico utilizado está ligado à vertente historiográfica da Nova História (Le Goff, 1998). Segundo Le Goff:

Nosso objetivo é dar a conhecer a um vasto público as mais modernas orientações da história, cuja importância tornou-se tão grande, que há uma “nova história” e que, embora permanecendo uma ciência de vanguarda, ela arrasta visivelmente uma parte cada vez maior da produção histórica atrás de si, nos domínios da pesquisa, do ensino, da edição. (LE GOFF, 1989, p.15)

Assim, conforme tal afirmação, esta pesquisa encontrará seu lugar dentro do contexto da Nova História, no que tange ao alcance de todo e qualquer documento como fonte privilegiada para o conhecimento histórico, mas cabe-nos atentar que os princípios básicos das ideias apresentadas no periódico estudado devem ser compreendidos como construções que vem a moldar a forma de pensar de uma sociedade.

A abordagem utilizada tem seu foco com relação às representações sociais, bem como às práticas discursivas associadas ao jogo político de poder.

A nova história política continua trabalhando temas tradicionais, como partidos, eleições, guerras ou biografias, porém sob uma nova perspectiva, através de novos métodos, como o uso da opinião pública, da mídia e do discurso. Além disso, os contatos com a ciência política, com a sociologia, a linguística e a antropologia também frutificaram, resultando no desenvolvimento de trabalhos sobre a sociabilidade, a história da cultura política e em análises de discurso. (HILÁRIO, 2006, p.145)

Como vemos, a autora confirma a utilização de novos métodos de estudo em temáticas tradicionais utilizando-se de novas ferramentas metodológicas. Acompanhando a essas considerações, diz Sandra Pesavento:

O campo do político tem demonstrado ser um dos mais ricos para o estudo das representações, [...] não seria demais falar em uma verdadeira revolução do político, trazida pela História Cultural. Sobretudo, o uso dos meios de comunicação de massa, lidando com efeitos de verdade e efeitos de real, operando cada vez mais com fazer crer, com imagens computadorizadas, ou discursos distanciados do real, mas que são legitimados e aceitos, com curso de verdade. (PESAVENTO, 2004, p.75-76)

Percebendo este novo campo de estudo, citado acima por Hilário e Pesavento, com relação a esta comunicação se fez o uso dessas novas ferramentas para compreender a figura de Getúlio Vargas e a representação de poder, pois, na época, tratava-se de uma revista de ampla abrangência, convertendo-se em um documento histórico capaz de retratar aspectos do cotidiano de uma sociedade, tendo como princípio ético o de divulgar temas de interesse público de modo crítico e, como agente formadora de opinião, tornando-se ela de grande relevância para os estudos da história. A imprensa escrita, meio que veicula informações, têm como matéria-prima a notícia, e esta é emitida conforme os interesses do emitente e, também, como são escritas ou reproduzidas por pessoas são influenciadas pela visão de quem escreve, chegando ao seu leitor como um produtor de significados.

Conforme Alves,

A formação histórica do Brasil e a evolução da imprensa constituem dois processos de caminhos paralelos que interagem entre si. A imprensa, através das mais variadas posturas, significou um elemento impulsionador em algumas das transformações ocorridas no país, ou ainda, em outros casos, agiu na manutenção de estruturas vigentes, assim como, em seu desenvolvimento, sofreu a ação dos diversos contextos históricos nos quais se inseriu. (ALVES, 1995, p.11)

A citação acima explicita a relevância da imprensa como meio de comunicação e de difusão de informações e opiniões, exercendo um papel significativo para a formação da opinião pública.

Utilizando como fonte a revista *Careta*, de alcance considerável na época, percebemos como as caricaturas são ótimas fontes a respeito do período estudado, pois elas literalmente “ilustram” a construção da República Nova. Isto é primordial para a constituição desta pesquisa, pois a partir da expressão das caricaturas é que podemos destacar a representação social do seu tempo.

De fato, as publicações das caricaturas da revista *Careta* confundem-se com os momentos vividos pelo país. Por ser propriamente uma forma de expressão imagética, a caricatura, representa uma de diversas maneiras de se expressar de forma crítica, política, social, etc. A imagem atua de modo diferente do texto escrito, pois são de rápida compreensão e podem ou não se utilizar de legenda ou fragmento de textos para explicar ou adicionar algo para facilitar a compreensão da imagem.

Segundo Joaquim da Fonseca,

... caricaturas e charges se tornam verdadeiros editoriais, comentários sociais que, velados pela ironia ou explicitamente opinativos pela sátira e pelo sarcasmo, mostram com simples figuras o que poderia ser dito com menos de mil palavras. A linguagem visual que utiliza, pelo seu impacto e universalidade, fica impregnada de conteúdo indelével de opinião... (FONSECA, 1999, p. 13)

Este mesmo autor ainda reitera, “*Além de orientar ou refletir a opinião do público a que se dirige é também sua voz, o que torna uma forma de expressão importante e temida.*” (FONSECA, 1999, p. 13)

Aqui, cabe destacar um expoente para os estudos sobre caricaturas, a obra *História da Caricatura no Brasil*, de Herman Lima. Ela é dividida em quatro volumes e foi publicada em 1963 se mantendo até os dias atuais como referência para os trabalhos que envolvem caricaturas.

O primeiro volume, basilar nesta pesquisa, é praticamente um tratado explicitando sobre o que é caricatura, suas características e o modo de como ela foi concebida no Brasil e no mundo.

Para Herman Lima,

... a importância da caricatura, como divulgadora dos acontecimentos contemporâneos, a tal ponto que a própria História tanta vez se verá forçada a recorrer a uma expressão do grotesco intencional numa *charge* do passado. Para a exata compreensão dos homens e das coisas do seu tempo, dando-se-lhe, assim, o mesmo apreço que a um palimpsesto ou a um códice. (LIMA, 1963 p.6)

O trecho acima, demonstra a visão de Lima sobre o poder da caricatura na sociedade, abrindo possibilidades para tal tipo de estudo. O que nos interessa é atentar para a visão crítica, moral, política e/ou social que encontramos nas caricaturas.

Neste contexto, que contempla os meios de comunicação, aqui partindo especificamente para a mídia impressa, é que se desenvolverá a presente pesquisa. Partindo do pressuposto que foi a revista *Careta* um dos meios de comunicação impresso que comunicou a população sobre os acontecimentos da época, esta, mergulhando nas memórias do passado, visa uma melhor compreensão do papel que os meios de comunicação desempenharam no nascimento da República Nova nos primórdios dos anos de 1930. Para tentar melhor compreender os acontecimentos desta época tomamos como referências diversas obras que no decorrer da pesquisa serão referenciadas.

Também gostaríamos de enfatizar como depois de passados cinquenta e dois anos de publicação semanal a revista *Careta* já não é mais produzida desde 1960, porém marcou a história do país.

Já como metodologia de pesquisa, apropriamo-nos de procedimentos da análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011) por entender ser esse o método mais adequado, pois conforme a autora é fundamental distinguir as principais características do material a ser analisado, organizando e separando, conforme objetivos que orientam esta pesquisa.

Bardin explicita,

O maior interesse deste instrumento polimorfo e polifuncional que é a análise de conteúdo reside – para além das suas funções heurísticas e verificativas – no constrangimento por ela imposto de alongar o tempo de latência entre as instituições ou hipótese de partida e as interpretações definitivas. Ao desempenharem o papel de “técnicas de ruptura” face à instituição aleatória e fácil, os processos de análise de conteúdo obrigam à observação de um intervalo de tempo entre o estímulo-mensagem e a reação interpretativa. (BARDIN, 2011, p. 15-16)

Seguindo esta lógica, foi feito o levantamento das fontes, realizou-se a preparação do material, fragmentando-o em sistemas de categorias e unidades que em consoante com Roque Moraes (2007) este processo vem em auxílio para uma melhor compreensão dos discursos utilizados nas caricaturas.

Ainda conforme Moraes, a Análise de Conteúdo, abarcaria quatro etapas necessárias à absorção do texto de forma qualitativa pelo investigador. São elas:

- 1- Preparação das informações;
- 2- Transformação do conteúdo em unidades;
- 3- Classificação das unidades em categorias;
- 4- Descrição e Interpretação (MORAES, 2007)

Deste modo nos é permitido traduzir e interpretar os dados em conjunto com o contexto com vistas a um melhor aproveitamento das fontes documentais e fazer a elaboração final da pesquisa.

Outra metodologia adotada para a captação de dados foi a pesquisa-ação uma vez que, de acordo com os embasamentos teóricos de Pinsky, os currículos escolares vêm se adequando às transformações dos estudos históricos dentro do meio acadêmico, ou

seja, a utilização da imprensa escrita, pode vir a contribuir com os “novos temas” ou, fazer uma releitura das temáticas clássicas, porém com um outro olhar. (PINSKY, 2010, p.7).

É incontestável que a utilização deste tipo de documentação para o ensino/aprendizado de História requista uma vasta gama de prudência por parte do educador, não pode ser simplesmente utilizado sem disciplina, sob pena de se tornar um desserviço ao ensino. Sendo assim, Pinsky, em seu livro “Novos temas nas aulas de História” (2010) nos desvelam algumas temáticas essenciais para que o professor as utilize amparadas pela pesquisa-ação a fim de enriquecer o ensino de História.

Consequentemente, novas temáticas emergem amparadas pela pesquisa-ação. Surgem com o objetivo de suprir lacunas entre teoria e prática. A pesquisa-ação, como seu próprio nome diz, é uma aliança entre prática e ação, com o fim de expandir o conhecimento e a compreensão onde o sujeito da pesquisa atua dentro do próprio projeto de estudo.

É neste assomo que a pesquisa-ação se caracteriza como um tipo de pesquisa com base empírica, idealizada em fusão com uma ação no qual os pesquisadores e os participantes estão envolvidos de forma cooperativa e participativa.

Para Engel,

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa participante engajada, em oposição à pesquisa tradicional, que é considerada como “independente”, “não-reativa” e “objetiva”. Como o próprio nome já diz, a pesquisa-ação procura unir a pesquisa à ação ou prática, isto é, desenvolver o conhecimento e a compreensão como parte da prática. É, portanto, uma maneira de se fazer pesquisa em situações em que também se é uma pessoa da prática e se deseja melhorar a compreensão desta. (ENGEL, 2000, p.182)

A pesquisa-ação, em outras palavras, abarca um processo que compreende a identificação de um problema, o levantamento de dados relativos a este problema e, a análise e significação dos dados levantados pelos participantes. Além disso, a pesquisa-ação tem o sentido de provocar a transformação. Ela permite congrega o processo de investigação a possibilidade de aprendizagem, pelo envolvimento tanto do pesquisador como dos pesquisados.

Sendo assim, a pesquisa vai muito além de um simples levantamento de dados. Para além do já pontuado, a pesquisa-ação incorpora discussões e/ou explicações permitindo assim, gerar novos conhecimentos.

Portanto, para a efetivação desta pesquisa, optamos por uma divisão didática do trabalho em três capítulos sequenciais e encadeados entre si.

No primeiro capítulo (I), **Contextualização** se dá a abordagem da formação histórica brasileira da Revolução de 1930 até a derrota da Revolução Constitucionalista de 1932 (ou seja, da ascensão à consolidação do grupo varguista no poder) – com base em pesquisa bibliográfica. Também se estabelece um breve histórico da imprensa brasileira na década de 30, com destaque ao espaço do jornalismo humorístico e caricato, e um enfoque específico da *Careta*;

No segundo capítulo (II), **A trajetória de Getúlio Vargas (1930-1932) contada pelas caricaturas** se dá à análise das caricaturas que retrataram o período. O acréscimo que suas contribuições proporcionam para o desenvolvimento não só da História, mas também o seu caráter interdisciplinar e as suas potencialidades investigativas a serviço do desenvolvimento dos estudos históricos.

No terceiro capítulo (III), **Um estudo de caso no ensino superior** é realizada uma descrição/interpretação do estudo de caso realizado no âmbito do ensino universitário.

Efetivamente, nossa pesquisa foi desenvolvida a partir da revista *Careta* e terá como “pano de fundo” toda a base teórica proporcionada pela Nova História e pelo aporte teórico e metodológico já apresentado anteriormente.

Capítulo 01

Contextualização

Neste capítulo vamos abordar brevemente sobre a formação histórica brasileira da Revolução de 1930 até a derrota da Revolução Constitucionalista de 1932, ou seja, da ascensão à consolidação do grupo varguista no poder, salientando a figura de Getúlio Vargas. Também, com apoio de diversos autores, vamos fazer um breve histórico da imprensa brasileira na década de 30, com destaque ao espaço do jornalismo humorístico e caricato, e um enfoque específico da revista *Careta* com base em pesquisa bibliográfica.

1.1 Anos 1930-1932

Três de outubro de 1930, começa o ataque a vários quartéis do Exército brasileiro. Era a chamada Revolução de 1930,² que veio a desmoronar as estruturas políticas da Primeira República, as quais apareciam como carcomidas, arcaicas e esgotadas. Este acontecimento possibilitou, progressivamente, a participação política de forma mais ampla e com alguma organização de setores sociais não ligados aos esquemas oligárquicos vigentes. A revolução também veio a permitir a modernização do país o que o deixou apto para o ingresso em uma nova etapa do capitalismo.

Porém, antes e depois da Revolução de 1930 o país passou por períodos de efervescência e disputa política. Isto tudo tinha relação com a diversidade das forças que haviam aderido para a formação da Aliança Liberal, ou seja, a coligação partidária oposicionista que, em 1929, lançou a candidatura de Getúlio Vargas à presidência da República.

O esgotamento da política oligárquica da Velha República, o Movimento Tenentista e mais a crise de outubro de 1929 foram os principais estopins para a Revolução de 1930.

Nesta época, de acordo com os oposicionistas ao modelo vigente, como no caso dos tenentistas, *“O país estaria perdido. As classes políticas perdidas em “discussões bacharelescas” junto aos “altos oficiais”, que nenhuma confiança mereciam. Em um*

² Utilização da expressão Revolução de 1930 como senso comum. Revolução é um termo muito mais abrangente e profundo. Porém conforme Holien Gonçalves Bezerra em sua obra, *O jogo do poder: Revolução paulista de 32*, esta é uma expressão que já se consagrou e é usada correntemente por muitos historiadores e cientistas sociais.

projeto fechado, caracterizado por uma mística salvacionista, os tenentes pensam em moralizar o Exército e com ele o país. (TREVISAN, 1982, p.61)

A movimentação para formação de uma candidatura oposicionista remonta ao final de 1928 quando ainda não se tinha ideia e perspectiva do impacto que a Grande Depressão³ viria a causar ao mundo e ao país, porém já refletia na sua composição uma tentativa de argumentação ideológica fundada no convencimento político que expressava o “interesse nacional” contra os interesses parciais, principalmente da cafeicultura (monocultura que era a base da economia do país na época). Também, é relevante mencionar, a formação doutrinária de Vargas, cujo partido político o qual ele se filiará, o PRR (Partido Republicano Rio-Grandense), oficialmente assumira explicitamente a ideologia positivista. Para Fonseca, “*Em linhas gerais, o positivismo, como ideologia oficial do PRR, significou um elemento de coesão interna e de diferenciação frente aos adversários.*” (FONSECA, 2012, p.53).

Ainda segundo Fonseca,

Essa nova geração de políticos, ao ingressar no Partido Republicano Rio-Grandense (PRR), perfilhou-se às linhas básicas da mesma doutrina positivista da velha geração de seus fundadores; todavia, enquanto esta se voltava mais à política estadual, até pelas dificuldades de consolidar a república no Estado devido aos conflitos internos, a nova geração desde cedo demonstraria interesse maior pela participação na política nacional. (FONSECA, 2012, p.53)

Independente da sua heterogeneidade, a Aliança Liberal tinha presente em seu programa de governo temas que propunham reformas no sistema político e econômico do país tais como, a adoção do voto secreto e o fim das fraudes eleitorais, a anistia para os perseguidos políticos e defesa dos direitos sociais, como jornada de oito horas de trabalho, férias, salário mínimo, regulamentação do trabalho das mulheres e dos menores. Propunha também a diversificação da economia, com a defesa de outros produtos agrícolas além do café e diminuição das disparidades regionais, o combate à seca, a industrialização do país, principalmente com a indústria de base, a instituição de uma pecuária avançada, etc. Ficava também latente em seus discursos a ideia de nacionalismo.

³ A Grande Depressão foi causada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. Tal crise foi gestada pela superprodução e especulação financeira. Conseqüentemente, houve a falência de empresas e uma geração muito grande de desemprego. Os EUA, país hegemônico desde o fim da I Guerra Mundial, teve sua economia retraída e assim passou a não mais financiar os países europeus. Assim a crise se generalizou. Era o fim do liberalismo econômico e o do modelo econômico denominado *laissez faire*.

A Aliança Liberal então formada por variados matizes oligárquicos do Brasil, com inúmeras diferenças político-partidárias, com desconfianças mútuas, porém com um objetivo em comum, a chegada ao poder, tinha como palavra-chave a modernização e sua campanha exprimia uma generalizada e vigorosa tentativa de renovação.

O candidato à presidência proposto pela Aliança Liberal seria Getúlio Vargas do Rio Grande do Sul, e seu vice seria João Pessoa da Paraíba. Eles viriam a representar o “contraponto às elites agrárias do Estado”.⁴

Em um de seus discursos proferidos na Esplanada do Castelo, Rio de Janeiro em 1930, Getúlio pronunciou,

Não desejei a indicação de meu nome à Presidência da República. Nenhum gesto fiz, nenhuma palavra pronunciei neste sentido. Minha candidatura surgiu espontaneamente, apresentada por várias correntes de opinião, que se solidarizaram em torno de um conjunto harmônico de ideias, de métodos administrativos, de normas governamentais. A esse apelo submeti-me, não sem relutância, como a um imperativo cívico do instante histórico brasileiro. Trata-se, pois, de uma candidatura popular, candidatura do povo brasileiro, sem eiva alguma de oficialismo... (MENDES, 1986, p. 27)

Pessoa controversa, Getúlio Vargas, para alguns era o modelo de franqueza e honestidade, porém para outros, era visto como um demagogo.

Getúlio Dornelles Vargas nasceu na cidade de São Borja, Rio Grande do Sul em 19 de abril de 1882 em uma família tradicional gaúcha. Na juventude, para poder ingressar na Faculdade de Direito de Porto Alegre, alterou alguns documentos, fazendo constar o ano de nascimento como 1883. Este fato foi descoberto quando se verificou os livros de registros de batismos da Paróquia de São Francisco de Borja, descobrindo-se então que Getúlio nasceu em 1882, pois assim estava constatado no seu registro oficial de batismo.⁵

Antes de se matricular na Faculdade de Direito de Porto Alegre, na qual viria a se formar em 1907 teve uma breve passagem pelo Exército. Porém foi na Faculdade de Direito que aflorou toda a força e personalidade desse personagem.

Conhecido como uma pessoa afável, de pensamento lógico, com gosto pela leitura e que não desperdiçava palavras, se destacou tanto por seus escritos quanto por sua oratória.

⁴ Expressão utilizada por Oswaldo Mendes em seu livro *Getúlio Vargas*.

⁵ Informação apresentada por Boris Fausto em seu livro *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*.

Na Faculdade tinha como grupo de amigos, João Neves da Fontoura, Osvaldo Aranha, Lindolfo Collor, Maurício Cardoso, que mais tarde viriam a ocupar relevantes cargos públicos, entre outros, com quem lia e discutia escritores como Nietzsche, Comte, Spencer, etc. Já na vida política, inicialmente se identificou com Júlio de Castilhos (um dos fundadores do Partido Republicano Rio-Grandense) e Pinheiro Machado.

Em 1909, foi eleito deputado estadual e reeleito em 1913. Já em 1922 ocupou uma cadeira na câmara federal para completar o mandato de outro deputado que veio a falecer. Foi reeleito em 1924 assumindo a liderança da bancada republicana gaúcha.

Em 1926, o presidente Washington Luís nomeou Getúlio Vargas para ministro da Fazenda, porém ele permaneceria pouco no cargo, pois logo no final de 1927 viria a assumir a presidência do estado do Rio Grande do Sul.

Em junho de 1929 ocorreu a formação da Aliança Liberal mediante acordo entre Minas Gerais e o Rio Grande do Sul. Houve uma significativa caminhada, grandes negociações, mútuas desconfianças, até a formação da mesma. Mesmo assim, era o indicativo do declínio do sistema político até então vigente no país, ou seja, a alternância de poder entre as elites agrárias paulistas e mineiras na presidência do país.

Ao final do mandato de Washington Luís, paulista, o esperado seria o apoio do mesmo para Antônio Carlos de Andrada, este mineiro. Porém Washington decidiu ir contra o até então vigente acordo e resolveu apoiar outro paulista, Júlio Prestes. Era o que faltava para as oligarquias em ascensão se movimentarem para mudar a até então estrutura vigente.

Em São Paulo, o Partido Democrático (P.D.), dissidência que vem a apoiar a Aliança Liberal, já fazia algum tempo que estava promovendo enfrentamentos com o hegemônico Partido Republicano Paulista (P.R.P), no Rio Grande do Sul a Frente Única a muito já questionava a dominação das oligarquias paulistas e mineiras e as oligarquias paraibanas, a exemplo de outros grupos oligárquicos periféricos, também se sentiam politicamente prejudicada pelo governo central.

É necessário aqui acrescentar também o movimento tenentista, que durante toda a década de 20 ajudou a desestabilizar a política vigente no Brasil, na busca da derrubada do que chamavam de um processo eleitoral corrompido. Esse movimento lutava por uma campanha moralizadora no país, e também pela modernização do mesmo.

Realizadas as eleições em março de 1930, o então candidato da Aliança Liberal, Getúlio Vargas, foi derrotado, *“...o poder da ‘máquina’ de corrupção eleitoral governista, contando com o governo de 17 Estados, levou Júlio Prestes à vitória nas*

urnas.” (MENDES JÚNIOR, 1989, p.79). Todavia, enquanto um grupo de aliancistas reconheciam a derrota e davam a campanha por finalizada, outros membros, entre eles, líderes tenentistas e dos partidos democráticos, decidiram articularem-se, desse modo, passaram a reunir-se constantemente tendo como único tema a derrubada do governo.

O recurso ao uso das armas tão explicitamente proposto pelos tenentes não era a ideia mais aceita pela maioria, porém um fato veio a precipitar os acontecimentos, foi o assassinato de João Pessoa, que ocorreu em julho de 1930. Ele, que tinha sido candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio, foi transformado num mártir contra as oligarquias. O crime nada tinha de político, mas como seu mandante era pessoa muito ligada ao Presidente Washington Luís, era o que faltava para a insurgência.

O movimento das forças rebeldes foi logo ganhando terreno em proporções gigantescas e a revolução eclodiu em 03 de outubro sob a chefia de Getúlio Vargas.

O comando militar ficou a cargo do coronel Góis Monteiro, mesma pessoa que anos antes combatia os “tenentes”. Este, tinha a ampla confiança de Getúlio e conseguiu através de articulações, neutralizar parte das Forças Armadas que não apoiavam a Revolução.

Porém, a parte das Forças Armadas que apoiou a Revolução foi vital, pela primeira vez se conseguiu montar uma estratégia nacional e efetiva.

Em 24 de outubro o então presidente Washington Luís foi deposto do cargo por um grupo de alta patente militar composto pelos oficiais-generais, Tasso Fragoso, Mena Barreto e o Almirante Isaías de Noronha. A partir de então, cria-se uma nuvem de indecisão e conforme Silva, *“Alguns supõem que a Junta Governativa vai assumir o governo e pacificar o país. As tropas revolucionárias, sob o comando do Coronel Pedro Aurélio de Góes Monteiro, não aceitam esta solução e enviam ao Rio de Janeiro Oswaldo Aranha, para negociar a entrega do poder a Getúlio Vargas.”* (SILVA, 1980, p.48).

No dia 3 de novembro, Getúlio Vargas assumiu a chefia do Governo Provisório da nação. Conforme Carrazzoni, após a junta governativa transmitir-lhe o poder, *“o seu discurso de posse é um paradigma de tino político e de tato psicológico. Nem sequer uma única palavra de mais ou de menos. Cada uma delas teria sido pesada e repesada numa balança de precisão, capaz de acusar a oscilação de um miligrama. Somente um instrumento prodigioso não falharia: uma inteligência prodigiosamente alerta e sensível, por exemplo.”* (CARRAZZONI, 1939, p.228)

As palavras chaves que vão nortear o Brasil a partir de então passariam a ser: modernização, centralismo e nacionalidade.

Passada a euforia da vitória, o novo cenário político que se descortinava, era de incertezas, de lutas sociais e políticas, uma nova ordenação de poder e a divisão do mesmo entre os vencedores.

De acordo com Silva,

O governo provisório, como todo governo revolucionário, inaugurou-se através de medidas punitivas e repressivas, na *limpeza do terreno*, afastando aqueles que haviam combatido ou persistiam em combater a nova situação. Substituíram-se velhos chefes republicanos pelos opositoristas que os combatiam, desafortunadamente, em seus redutos. Derrubaram-se oligarquias e privilégios. Surgiu uma *nova classe*, a dos *revolucionários*, enquanto crescia, em prestígio, o *tenentismo*, congregando, no Clube 3 de Outubro, os remanescentes do primeiro e do segundo 5 de julho e mais aqueles que aderiram ao partido militar. Houve descontentamentos de políticos e as frentes únicas do Rio Grande do Sul e São Paulo lideraram o movimento de retorno aos quadros constitucionais, somando-se ao movimento paulista de reconquista da hegemonia político-econômica do estado, desaguando na Guerra Paulista de 1932. (SILVA, 1980, p. 48)

As medidas centralizadoras e intervencionistas não tardaram a aparecer, de imediato o Congresso Nacional e os legislativos estaduais e municipais foram fechados, os governadores de estado depostos e em seus lugares foram nomeados interventores federais e a Constituição de 1891 revogada. Getúlio Vargas passou a governar através de decretos-lei.

Segundo Mendes, Getúlio Vargas, acusado de apoiar o Tenentismo, em carta a Assis Brasil explica:

A missão administrativa, que me impus levar adiante, tornou-se de tal modo absorvente que cheguei a despreocupar-me das contingências políticas. O aproveitamento de militares em algumas interventorias foi consequência dessa preocupação predominante. Considerava-os elementos úteis à obra da revolução não só porque, no momento, eram os mais capazes de manterem um regime de autoridade, como porque, não tendo ligações partidárias, tratariam apenas de recompor a desordem financeira nos Estados. Não fiz política, na acepção comum que se dá entre nós ao vocábulo, como subordinação aos postulados e aos interesses dos partidos. (MENDES, 1986, p.31)

Holien Bezerra reitera,

Após os primeiros meses de governo, as desavenças entre os aliados se acentuam. O presidente revolucionário, Getúlio Vargas, embora propalando neutralidade entre as partes, de fato tende mais para governar com os tenentes. Após desvencilhar-se dos aliados políticos da vitória, o tenentismo adquire forças tanto no governo federal quanto

na maioria quase absoluta dos estados, até 1934, quando do episódio da constituinte. Assim, a trajetória do tenentismo deve ser devidamente considerada, para se entender a complexidade da articulação entre as classes nesse período crítico da história brasileira e a eclosão do movimento constitucionalista. (BEZERRA, 1988 p.13)

Desde o começo, o governo aplicou a política de criar órgãos estatais voltados a setores específicos de modo a deixar claro o posicionamento do governo central e o modo de arregimentação das forças constituídas na formação da Nova República.

À medida que as propostas intervencionistas e centralizadoras eram implementadas, crescia a insatisfação. A elite paulista não tendo mais o aparelho do Estado nas mãos estava muito insatisfeita com o governo provisório. Os tenentes, por sua vez, temerosos com a força das oligarquias regionais, buscavam se organizar enquanto movimento político.

Com relação à atuação social, o Governo Provisório executou mudanças significativas. Criou novos ministérios, entre eles, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, com o intuito de resolver a chamada “questão social”, ou seja, dar algum tipo de proteção ao trabalhador, mas, ao mesmo tempo, mantê-lo atrelado ao controle estatal.

Para Hartmann, *“Getúlio logo percebeu a força de um novo brasileiro que surgia: o trabalhador industrial, ou, melhor ainda, a imensa massa de trabalhadores que se concentrava nas principais cidades do país; moralizando-se as eleições, tornaria-se uma força eleitoral respeitável.”* (HARTMANN, 1984, p.61)

Em março de 1931, implantou a Lei de Sindicalização cujo objetivo primordial era a subordinação dos sindicatos à tutela do Estado. Esta lei adotou o modelo de sindicato único.

Segundo Fausto,

O enquadramento dos sindicatos foi estabelecido pelo Decreto nº 19770 de 19 de março de 1931, que dispunha sobre a sindicalização das classes operárias e patronais, mas eram as primeiras o foco de interesse. O sindicato foi definido como órgão consultivo e de colaboração com o poder público. Adotou-se o princípio da unidade sindical, ou seja, do reconhecimento pelo Estado de um único sindicato por categoria profissional. A sindicalização não seria obrigatória. O governo se atribuiu um papel de controle da vida sindical, determinando que funcionários do ministério assistiriam às assembleias dos sindicatos. A legalidade de um sindicato dependia do reconhecimento ministerial, e este poderia ser cassado quando se verificasse o não cumprimento de uma série de normas. (FAUSTO, 2012, pp. 286-287)

Percebe-se que desta maneira o Estado vinha criando meios para o estabelecimento de negociações e ao mesmo tempo garantia a repressão e destruição de qualquer tentativa de autonomia por parte dos trabalhadores. Eram leis feitas pelo governo com o intuito da manutenção dos trabalhadores nos seus papéis sociais.

Um grande colaborador do novo governo que se faz necessário mencionar, foi a Igreja Católica. Já no governo de Artur Bernardes havia se iniciado um estreitamento de laços entre governo e Igreja.

No momento que ficou evidenciado que o movimento revolucionário de 1930 não era de origem comunista, a Igreja Católica não viu razão para combatê-lo, pelo contrário, inteirou aos líderes das dioceses que era chegado o momento de lutar para que a nova ordem a ser implantada pela Nova República fosse de caráter claramente cristão.

Ela passou a oferecer sua colaboração ao poder constituído, enfatizando a necessidade de reforçar o ensino religioso para a população uma vez que, diante da população brasileira, a Revolução de 1930 se apresentava como o esforço por criar uma nova ordem política e social.

As lideranças católicas tinham uma posição evidente, era de estabelecer um pacto de aliança com os governadores do país para a defesa e manutenção do poder constituído, em oposição aos movimentos revolucionários. Para isso o ensino da religião, era fundamental, pois era o meio pelo o qual a população católica era instigada a obedecer aos detentores do poder, não apenas através das leis vigentes, mas principalmente, como uma obrigação moral, de consciência e fé.

Já no campo econômico, o país estava sofrendo o fortíssimo impacto da crise econômica mundial, o preço do café, produto este considerado o sustentáculo das divisas brasileiras para as importações, despencou. Assim, em março um decreto governamental determina a compra do café excedente e posterior queima ou lançamento ao mar do mesmo, para a sustentação do seu preço internacional.

O Ministério da Fazenda ficou a cargo de José Maria Whitaker e também como medida de contenção da situação vigente é criado o Conselho Nacional do Café. Conforme Faria & Barros,

Com esse conselho, o novo regime passou a executar a velha política de valorização do café, mas de forma centralizada no poder federal e com atitudes muito mais rígidas. As medidas radicais adotadas por este organismo, com a queima de dezenas de milhões de sacas, a proibição do plantio e a redução dos salários nas fazendas, canalizaram para as

cidades uma grande massa populacional. (FARIA & BARROS, 1988, p.29)

As medidas implementadas a partir da criação do Conselho Nacional do Café, destacada acima, trouxe o agravamento da crise social no país. O índice de desempregados e subempregados crescia expressivamente. A escassez de crédito, de equipamentos e de condições de trabalho levou muitas empresas à falência.

São Paulo, cidade muito afetada pela crise econômica e social, neste momento tem como interventor, João Alberto Lins e Barros, pernambucano e representante das forças tenentistas. Sua atuação era muito criticada pela classe dominante paulista e em abril de 1931, políticos do Partido Democrático, opositores dos tenentistas, e oficiais da Força Pública de São Paulo tentam derrubar João Alberto da interventoria. Este, após inúmeras pressões, em 13 de julho demite-se. Seguiu-se uma sucessão de interventores não ligados a São Paulo, gerando em meio à elite e às classes médias o clamor pela reconstitucionalização do país e também gerou uma forte revolta contra o governo federal.

Mesmo com a atuação contundente e ativa da Legião Revolucionária de São Paulo, fundada e liderada por Miguel Costa. Organização esta, que buscava mobilizar setores médios e do operariado, como sustentáculo ao novo regime, não houve meios de evitar o confronto com a elite paulista. Esta, não via com bons olhos a presença de militares no comando da política estadual e menos ainda em uma organização, que baseava sua atuação política na mobilização de massas.

Para Fausto, *“Esta foi a época da criação das legiões em muitos estados, quase sempre por inspiração “tenentista”, com objetivos diversos, mas tendo como ponto comum a sustentação de Getúlio e o prolongamento indefinido do governo provisório.”* (FAUSTO, 2006, p.61).

O discurso latente era que o povo não estava preparado para votar, conseqüentemente não poderia haver eleições. Tal concepção defendia também um governo sem constituição, a ditadura seria a única forma de consertar os problemas que o país enfrentava.

No início de 1932 o Partido Democrático de São Paulo rompe com Getúlio Vargas, faz uma aliança com o Partido Republicano Paulista e assim ocorre a formação da Frente Única Paulista. Para Bezerra,

As medidas tomadas por Getúlio e pelos tenentes interventores assustam os donos do poder em São Paulo. O PRP e o PD, que até então se combatiam ferrenhamente, já no final de 1931 estão procurando

harmonizar-se, para pôr um paradeiro às pretensões dos novos governantes políticos. De atacantes isolados ao novo governo, passam a unir esforços para um combate que se lhes afigura difícil. Em fevereiro de 1932 firma-se um pacto político entre as duas principais facções organizadas em São Paulo, através da Frente Única. Embora um compromisso estável, como se confirmou nas rupturas posteriores à Revolução de 32, esta aliança é a responsável por uma série de acontecimentos importantes em São Paulo. (BEZERRA, 1988, p.14)

Conforme o descrito acima fica evidenciado o descontentamento paulista com o governo central. Os gaúchos por sua vez, também se sentindo cada vez mais excluídos do poder decisório, rompem com o governo federal e passam a clamar pelo retorno à normalidade constitucional.

Sofrendo grandes pressões, o governo provisório em fevereiro de 1932 publica o novo Código Eleitoral. Este por sua vez, apresentava diversas bandeiras apregoadas pela Aliança Liberal no momento de sua formação.

Instituiu-se a Justiça Eleitoral, um aceno para a moralização do voto e um passo para a redução da corrupção eleitoral. A adoção do sufrágio universal, direto e secreto. Reconhecia o direito de voto das mulheres, a idade para ser eleitor passou dos 21 para os 18 anos. O Código instituía também a representação classista, uma das reivindicações do tenentismo, mas esta, só foi regulada por um decreto em abril de 1933.

Em março de 1932, Getúlio Vargas com o intuito de acalmar os ânimos, nomeou para interventor de São Paulo, Pedro Toledo. Este por sua vez era paulista e civil, porém não tinha grande prestígio junto à elite paulista.

No campo de atuação da política trabalhista, no mês de maio de 1932, dois decretos modificam a estrutura até então vigente no país. No dia 04 de maio, fica estabelecida a jornada de oito horas de trabalho na indústria, e no dia 17 de maio um decreto estabeleceu o princípio do “salário igual para trabalho igual” e a regulamentação do trabalho feminino.

Também neste mesmo mês, as manifestações nas ruas de São Paulo contra o governo de Getúlio Vargas tomaram vulto. Apesar de Getúlio Vargas ter assinado um decreto criando uma comissão para elaborar o anteprojeto constitucional e marcando para 3 de maio de 1933 as eleições para a Assembleia Nacional Constituinte, as insatisfações contra o governo continuavam.

Um acontecimento trágico veio a estimular a explosão da Revolução Constitucionalista, quatro estudantes, Martins, Miragaia, Dráusio e Camargo, foram assassinados a tiros quando tentavam invadir a sede da Legião Revolucionária.

No dia 09 de julho de 1932 explode a Revolução Constitucionalista. Era o movimento dos insatisfeitos e derrotados a partir da Revolução de 1930 contra o governo federal.

Os revoltosos esperavam o apoio dos estados do Rio Grande do Sul e de Minas Gerais, mas este não chegou. O Interventor do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, no último momento decidiu por apoiar Getúlio Vargas. Mesma atitude tomou também o então presidente do estado de Minas Gerais, Olegário Maciel. Assim a “guerra paulista”, apesar de despertar muita simpatia, ficou restrita ao território de São Paulo.

Num primeiro momento o plano dos revolucionários era atacar a capital da República para assim abrir negociações com o governo federal. Porém São Paulo ficou sozinho e não tinha condições militares para enfrentar as forças federais. Seu contingente era despreparado e o armamento era precário. Segundo Fausto, *“Para simular a posse de arma que não existiam, inventou-se a “matraca” – uma geringonça que imitava o ruído de uma metralhadora despejando balas.”* (FAUSTO, 2012, p.296).

Assim ficava evidenciada a superioridade das forças federais comandadas pelo general Góis Monteiro, porém mesmo assim, a luta durou aproximadamente três meses.

Apesar da derrota militar, os paulistas tiveram ganhos políticos, *“... o governo percebeu mais claramente a impossibilidade de ignorar a elite paulista. Os derrotados, por sua vez, compreenderam que teriam de estabelecer algum tipo de compromisso com o poder central.”* (FAUSTO, 2012, p.299).

Foi neste momento que, Getúlio Vargas, finalmente, nomeou um interventor civil e paulista ao gosto da elite paulista, ou seja, vinculado ao Partido Democrático e cunhado do diretor do jornal *O Estado de S. Paulo*, era Armando de Salles Oliveira. Também neste mesmo período baixou um decreto que reduzia o débito dos agricultores atingidos pela crise. Por outro lado, a elite política paulista passou a adotar medidas mais comedidas com relação ao governo central.

Segundo Del Priore,

A denominada Revolta Constitucionalista, embora derrotada, alcança parte importante de seus objetivos. Além da confirmação da convocação da Assembleia Constituinte, os paulistas influenciaram a escolha do interventor local, Armando de Salles Oliveira. O mérito de Getúlio foi o de ter conseguido permanecer no poder. Mas a situação o fragilizava. Na ausência de um partido político de alcance nacional que o apoiasse, foi necessário fazer concessões às oligarquias, como aconteceu por ocasião da escolha do interventor paulista. O presidente teve de aceitar uma Constituição de cunho liberal, que em muito

restringia a ação do Poder Executivo. De certa maneira, Getúlio pagava o preço por fazer uma revolução política, mas não econômica ou social. (DEL PRIORE & VENANCIO, 2010, p.250)

Como podemos perceber, a Revolução de 1932 ou Revolução Constitucionalista tinha como objetivo a busca pelo retorno do país aos rumos institucionais, combatendo ferozmente a ditadura e também nela, pela primeira vez no Brasil, se fez uso maciço da propaganda como um meio de aliciar voluntários à causa. Apregoava um discurso salvacionista, segundo o qual a população poderia participar, porém, o destino da nação ficaria nas mãos das lideranças.

Fica evidenciado também, que o governo federal ganhou a causa porque conseguiu manter as forças armadas do país ao seu lado e assim se estabeleceu a consolidação de Getúlio Vargas no poder, agora praticamente sem mais nenhuma oposição de envergadura.

1.2. A imprensa nos anos 30

Com a da consolidação da política “café-com-leite”⁶ no país, a República já era um fato consumado, o Império e seus ideais fora esvaecido, porém o latifúndio permanecia o carro chefe da economia no Brasil, assim, os representantes de uma minoria, os cafeicultores, elegiam os governantes. O país apresentava pouco sinais de modernização, o quadro político era constantemente permeado por desavenças e disputas, e a liberdade de expressão era praticamente inexistente, o índice de analfabetismo era muito alto, desse modo, a imprensa ficava restrita mesmo a uma elite.

Na década de 20, tivemos um tempo de variações políticas e sociais que, vieram a constituir, um cenário revelador de uma República em crise.

Foi este um período fortemente demarcado pelo poder oligárquico, tanto regional quanto local, caracterizando a República como um modelo de controle político agrário, cafeeiro e agroexportador. Os anos 20 significaram também uma tímida iniciação à ascensão de industriais, das camadas médias nos meios urbanos e a busca de um novo equilíbrio do jogo político e nos interesses econômicos.

Para Alves,

⁶ Nome dado à alternância de poder entre as elites agrárias paulistas e mineiras na presidência do país.

A conjuntura histórica do início dos anos vinte caracterizou-se pelos primeiros passos de um processo que resultaria numa série de transformações na política nacional, como reflexo da desagregação do sistema oligárquico predominante durante a República Velha; neste contexto, a imprensa representou um papel relevante, fazendo, muitas vezes, ecoar as ideias de mudança. Assim, desenvolvia-se em diversos jornais um espírito de contestação às estruturas políticas, sociais, econômicas e culturais do país; ... (ALVES, 1997, p.53)

Marialva Barbosa com relação a este período retratado, ainda aponta,

Marcada pelas transformações econômicas e políticas da sociedade, a imprensa na década guarda ainda muitas relações com o início do século. O ingresso no mundo do jornalismo se faz – tal como nos anos 1900 – pelas indicações. Jovens estudantes de Direito constituem a massa dos jornalistas, que faz das redações o lugar necessário para garantir a subsistência e o pendor literário. Ingressando nas redações com idade entre 16 e 20 anos, valem-se das relações de amizade e de simpatia pessoal para entrar no mundo do jornalismo. Os méritos profissionais em nada contam. (BARBOSA, 2007, p.88)

Conforme os excertos acima, evidencia-se que a década de vinte foi um período de instabilidade política acentuada no qual os grupos dominantes passam a perder massivamente sua força, possibilitando assim o surgimento de novas vozes políticas no cenário nacional. Foi também um período de gestação dos pressupostos ideológicos que viriam a se propagar na década de trinta.

No final dos anos 1920 e início dos anos 1930, o Brasil, mesmo já enfrentando uma recessão econômica, que depois teve seus efeitos muito acentuados pela “Grande Depressão”, apresentou um crescimento no investimento na área da imprensa. Os setores mais contemplados foram o de aperfeiçoamento e o de difusão de novas tecnologias. Porém investiu-se também em novos processos de impressão e na aquisição de novos maquinários o que possibilitou a impressão a cores. Com este novo padrão visual, no qual o leitor passa a contemplar algo além da notícia e informação nasce uma nova forma de fazer jornalismo.

Conforme Maria de Lourdes Eleutério,

Nesse período de transformações, a imprensa conheceu múltiplos processos de inovação tecnológica que permitiram o uso de ilustração diversificada – charge, caricatura, fotografia –, assim como aumento das tiragens, melhor qualidade de impressão, menor custo do impresso, propiciando o ensaio da comunicação de massa. No campo gráfico, as transformações foram intensas e impactantes... A imprensa tornava-se grande empresa, otimizada pela conjuntura favorável, que encontrou no

periodismo o ensaio ideal para novas relações de mercado no setor. ELEUTÉRIO, 2013, p.83)

Barbosa reitera,

O aperfeiçoamento e a difusão de novas tecnologias – entre elas a incorporação de novos processos de impressão –, ao lado de estruturação empresarial que inclui novos planos de assinaturas e vendas avulsas, são determinantes para o desenvolvimento da imprensa da cidade em novos moldes. A aquisição de novas rotativas Man, de fabricação americana, possibilita o aparecimento de suplementos a cores... (BARBOSA, 2007, p.85)

É perceptível que neste momento, mesmo em meio a uma recessão econômica, o jornalismo brasileiro encontra um nicho economicamente lucrativo. Com o público observando algo mais que notícia e informação, os jornais cada vez mais se inserem no jogo político e passam a ser agentes formadores de opiniões, divulgadores de ideias e valores.

Lira Neto amiúda,

Subsídios oficiais a redações apesar de constituir um ato condenável do ponto de vista da ética jornalística, eram prática comum na imprensa brasileira. Financeiramente deficitários, dependentes do poder político para satisfazer os elevados custos de produção, impressão e circulação, os jornais quase sempre eram mantidos às expensas dos governos. Para sustentar as aparências de licitude, o dinheiro público entrava na contabilidade como pagamento pela compra de espaço para publicação de editais e mensagens do Executivo. (NETO, 2012, p.301)

Nota-se que a imprensa assumiu uma condição empresarial. Segundo Oliveira, *“Os jornais de cunho empresarial começaram a se desenvolver e atingir as capitais e principais cidades do país. Contudo, não há um aumento radical no número de jornais-empresas, ficando restritos a poucos deste tipo por cidade, que disputavam entre si a parcela de mercado crescente que era a própria “informação”.*” (OLIVEIRA, 2011, p.139)

Francisco Rüdiger corrobora,

O futuro do jornalismo estava se ligando progressivamente às condições determinadas pelo desenvolvimento do capitalismo no País, adotando padrões de organização empresarial como meio de sobrevivência. Porém, ainda assim, essa transição para um novo regime jornalístico não foi progressista; o mercado não comportava, como não comporta até hoje, grande concorrência: o público leitor era limitado por fatores econômicos e educacionais, e o número de anunciantes não era suficiente para sustentar várias empresas. Por isso, as tendências

jornalísticas que se vêm consolidando desde essa época têm-se caracterizado pela concorrência monopolista entre poucos jornais. (RÜDIGER. 2003, p.75)

Assim, observa-se que a partir dos anos vinte no Brasil, o jornalismo de modelo empresarial, aos poucos vai ganhando corpo e tomando conta do mercado. Em contrapartida, os jornais de modelo artesanal, local, vão desaparecendo, ficando poucos remanescentes, que atendem demandas locais específicas. Porém, mesmo com o progresso jornalístico crescente Barbosa destaca, *“Neste cenário de mutações econômicas, políticas e tecnológicas, a imprensa continua dependente dos favores e favorecimentos oficiais para garantir a sua sobrevivência. A independência dos jornais existe apenas como discurso memorável construído pelos próprios jornalistas.”* (BARBOSA, 2007, p.85)

A Aliança Liberal, quando em campanha, teve inestimável apoio de órgãos da imprensa pela nova ordem política no Brasil, revelando assim, o alto desgaste do sistema político até então vigente no país. Porém segundo Luca

Ao se instalar no Palácio do Catete, o líder do movimento que depôs Washington Luiz contava com os aplausos dos vários jornais de Assis Chateaubriand.... Entretanto o relacionamento amistoso entre a grande imprensa e o governo provisório não durou muito. A instabilidade dos momentos iniciais foi um dos argumentos mobilizados para justificar o cerceamento da liberdade de expressão tanto nos jornais e revistas, que se constituíam nos veículos privilegiados para formação de opinião, quanto em outros meios de difusão da informação disponíveis na época – cinema e especialmente o rádio, que se expandiu exatamente nas décadas de 1930 e 1940 e cuja importância num país de dimensões continentais e com altas taxas de analfabetismo não passou despercebida ao regime. (LUCA, 2013, pp.166 a 168)

O excerto acima evidencia que o Governo Provisório logo se apercebe da força da imprensa e passou a usá-la sob forma de coerção ou cooptação contra os jornais oposicionistas, e por outro lado, se utilizou dos diários para divulgar e promover o Novo Governo.

Marialva Barbosa aprofunda este pensamento quando declara,

A complexidade das relações políticas, que se inicia com a coalização de forças que assume o poder em 1930, se reflete na própria configuração do jornalismo do Rio de Janeiro, que funciona nas cercanias do poder. Ainda que haja a clara utilização dos meios de comunicação – inclusive os mais modernos, como o rádio – para atingir um público agora identificado como massa, há também o alinhamento dos dirigentes das principais publicações com o regime. Ainda que haja

encampação de alguns periódicos, perseguição de outros tantos, há mais proximidades, acordos e relações conjuntas entre os homens de governo e os homens de imprensa do que divergências. (BARBOSA, 2007, p. 103)

Partindo do exposto pela literatura estudada, fica nítido que Getúlio Vargas utilizou-se amplamente da imprensa para a difusão e continuidade de seus ideais. Por ser um período de muita instabilidade política, a máquina estatal fez uso cerrado da máquina propagandista para a manutenção do poder. Também a ideologia nacionalista foi amplamente difundida com a ajuda dos meios de comunicação, criou-se a supervalorização da imagem de Getúlio Vargas, como o único com qualidades para organizar a sociedade moderna que aos poucos estava florescendo. Ele era exaltado como o único capaz de dar direção à nação.

1.3. A imprensa caricata e a revista *Careta*

No Brasil a caricatura se propagou alguns anos após a chegada da Família Real Portuguesa em 1808. A chegada da mesma, resultou em perceptíveis mudanças sociais. O Brasil, até então, um país de economia basicamente extrativista e agrária com a presença da Corte elevou a colônia à posição de Reino Unido de Portugal, sendo assim, foi necessária a reorganização das instituições existentes na colônia bem como a criação de outras, já que, sobretudo, havia a necessidade de atualizar o Brasil de acordo com os valores culturais vigentes na Europa, desse modo, foi que se autorizou a instalação de empresas tipográficas por aqui, permitindo a circulação de jornais que, até então, era proibida.

A primeira caricatura brasileira é atribuída a Manoel de Araújo Porto Alegre, datada no ano de 1837, aparecendo como uma estampa avulsa. Conforme Fonseca, a primeira matéria sobre ela foi noticiada pelo Jornal do Comércio do Rio de Janeiro em 14 de dezembro de 1837. Assim foi noticiado,

Saiu à luz o primeiro número de uma nova invenção artística, gravada sobre magnífico papel representando uma admirável cena brasileira, e vendida pelo módico preço de 160 réis cada número, na loja de livros e gravuras de Mongie, Rua do Ouvidor nº87. A bela invenção de caricaturas, tão apreciadas na Europa, apareceu hoje pela primeira vez no nosso país, e, sem dúvida, receberá do público aqueles sinais de estima que ele tributa às coisas úteis, necessárias e agradáveis. (FONSECA, 1999, p.209)

Ainda conforme Fonseca, a caricatura tratava-se de uma crítica às propinas recebidas por um funcionário do governo relativas ao Correio Oficial. Faz-se necessário salientar que Manoel de Araújo Porto Alegre era ligado ao governo, foi nomeado professor da Imperial Academia de Belas Artes, e através dessas caricaturas fazia uma crítica ao oficialismo do qual participava.

Segundo Herman Lima, em sua obra *História da caricatura no Brasil*, foi “No entanto, o lançamento do periódico ilustrado *Lanterna Mágica* em 1844 na Corte, tornou-se o marco da imprensa ilustrada no Brasil, pois sua fundação trouxe a caricatura integrada ao corpo do jornal, e a partir dele iniciou-se o ciclo das publicações com desenhos humorísticos.” (LIMA, 1963, p. 90)

Ana Luiza Martins aponta,

A julgar pela limitada evolução gráfica da Impressão Régia, os avanços técnicos foram modestos no Império. Os primeiros equipamentos de 1808 só seriam substituídos em 1845 por prelo mecânico; em 1877 se reequiparia através de módico investimento, para efetivamente modernizar-se só com a República. Mas se, inicialmente, contavam-se nos dedos os números de tipografias do país, a atividade foi crescente ao longo do século, registrando-se no Rio de Janeiro uma tipografia em 1808; meia dúzia em 1822; vinte e cinco em 1850; trinta em 1862; um sem-número delas em 1889; quase uma a cada esquina em 1908. (MARTINS, 2013, p.57)

Alves ainda salienta,

Inserida no quadro de desenvolvimento da pequena imprensa, a prática da caricatura associava ao discurso crítico um elemento de apelo popular inegável – a imagem. Assim, intercalando imagem e discurso, os semanários caricatos construíram caricaturalmente uma dada realidade, constituindo-se em significativo manancial de análise histórica, mormente no que tange aos assuntos de natureza política constantemente abordados em seus desenhos e textos. Ao não se vincular à linha editorial dita “séria” que norteava as publicações diárias, este gênero jornalístico discursivo, optando por um jornalismo marcadamente opinativo, com um espírito crítico e, muitas vezes, combativo. (ALVES. 2004, p. 22)

Conforme os excertos destacados acima, fica evidenciado o processo lento e gradual da evolução da imprensa brasileira e também se verifica que para alguns periódicos o cômico tornou-se uma forma diferenciada de expressar o sentimento do que se enxergava na sociedade. Através do jogo caricatural que o humorista apresentava por meio dos seus traços é que podemos reinterpretar a representação social da época.

Foi na virada do século XIX para o XX que a imprensa periódica brasileira passou por significativas transformações decorrentes da modernização do setor. Com a aquisição de novos maquinários gráficos e a introdução de novas técnicas de produção, houve um aumento da tiragem dos jornais, concomitante a isto formava-se um novo cenário urbano nas cidades como, Rio de Janeiro e São Paulo, proveniente de um expressivo crescimento demográfico, do desenvolvimento das atividades econômicas e da intensa diversidade social. Esse processo de expansão demandou novos rumos empresariais, o que, no caso da imprensa, fomentou o desaparecimento progressivo das pequenas tipografias e promoveu a transição do jornalismo artesanal para o empresarial.

Para Gisela Taschner (1992 apud Oliveira, 2011),

Esse período que [...] vai de 1880 a 1930 aproximadamente é a fase da aventura e consolidação industrial. A organização (ou reorganização) empresarial dos jornais, que então se deu, está ligada a um processo de modernização tecnológica e diferenciação funcional. As gráficas dos jornais foram se separando das tipografias e adquirindo contornos mais industriais. [...]influíram sobre as características dos jornais, que evoluíram para o formato *standard* e puderam ampliar as suas tiragens. (OLIVEIRA, 2011, p.139)

Com este processo de transformação, observou-se o fechamento progressivo de inúmeros pasquins, folhas e jornais de pequena circulação, os quais não conseguiam mais se manter e não tinham muitas perspectivas de se adaptarem às exigências do novo modelo de jornais-empresas que estavam tomando conta do mercado das capitais e principais cidades do país.

No início do século XX, acompanhando a crescente evolução da indústria no país, começam a surgir os mais variados tipos de publicações. A fotografia passa a ter lugar de destaque junto aos periódicos nacionais. E, foi em parte por conta dessas mudanças que as revistas ilustradas proliferaram. Elas que, inicialmente, tinham a caricatura como principal manifestação imagética, se transformariam, posteriormente, nos principais veículos de difusão das imagens fotográficas. Uma característica relevante dessas novas publicações referia-se então, à sua apresentação gráfica.

As revistas ilustradas apareceram, como uma alternativa aos jornais tanto em relação ao conteúdo quanto à forma. Embora a evolução gráfica dessas revistas tenha acompanhado a mudança visual dos jornais, a partir de determinado momento elas passam a adotar linguagens visuais mais específicas, o que conseqüentemente veio a desenvolver um veículo impresso diferente dos jornais.

Consideradas importantes meios de expressão cultural, revistas como *A Vida Moderna*, *Revista da Semana*, *O Malho*, *O Pirralho*, *Fon-Fon* e *Careta*⁷, entre outras, apostaram em novas formas de comunicação social para atrair o público leitor e, ofereciam notícias, reportagens, humor e a publicidade, elementos que, aliados a uma linguagem ágil e acessível, garantiram o sucesso das vendas.

Para Ana Maria Mauad,

Janelas que se abriam para o mundo retratado foto, tais revistas contribuíram para a generalização do mito da verdade fotográfica. Ao mesmo tempo, por meio de suas crônicas e notas sócias, impunham valores, normas e criavam realidades, num processo que transformaria a cidade em cenário e as frações da classe dominante, associadas às agências do Estado e às atividades urbanas [...] em seus protagonistas. Foram, pois, importante instrumento desse grupo social no empenho de naturalizar suas representações pela imposição de determinada forma de ver e reproduzir o mundo, sobre todas as outras possíveis. (MAUAD, 2006, p.372)

Ainda segundo Mauad,

Careta, *Fon-Fon*, *O cruzeiro*, *Revista da Semana*, *Kosmos*, *O Malho*, *Avenida*, *Ilustração Brasileira*, *Rua do Ouvidor*, *Vida Doméstica*, *Seleta*, *Eu Sei Tudo*, *Para Todos*, *Vamos Ler*, *Cena Muda*, *Cinearte*, *Beira Mar*, entre outras, compuseram, o perfil de uma época em que as imagens fotográficas tinham nas revistas ilustradas seu principal veículo de divulgação – um veículo que, mediante uma composição editorial adaptada a seu próprio tempo e às tendências internacionais, criava modas e impunha comportamentos, assumindo a estética burguesa como a forma fiel do mundo representado. (MAUAD, 2006, pp.371-372)

A partir do exposto acima, percebe-se que as revistas ilustradas naquele período se tornaram ícones da modernidade que vinha gradualmente se apresentando, pois, além de representarem toda esta nova gama de inovações tecnológicas no campo da imprensa, também buscam mostrar o sistema cultural da época com sua nova linguagem e as novas relações entre a imagem e o padrão gráfico, ou seja, elas seriam o símbolo da forma de abordagem da comunicação de massa do início do século XX.

A revista carioca *Careta*, pilar desta pesquisa, foi um dos frutos dessa nova forma de comunicação. Ela teve seu primeiro número lançado em seis de junho de 1908 e apresentava, na capa, a caricatura do então presidente da república, Afonso Pena,

⁷ Conforme a obra, IMPRESSO NO BRASIL, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional.

assinada pelo caricaturista J. Carlos. Fundada em 1908 por Jorge Schmidt, desfrutou desde o início de sua existência de grande prestígio nacional tanto entre os intelectuais quanto nas classes populares.

Por ser eclética, tanto com relação ao alcance de público atingido quanto na diversidade de seus colaboradores, no seu conteúdo gráfico e modelo editorial, a revista *Careta* conseguiu se tornar um diferencial no seu tempo.

Para Fonseca,

A revista mais característica daquela fase, entretanto, foi *Careta*, que começou a circular em 1908, fundada por Jorge Schmidt, o mesmo que já realizara, como *Kosmos*, algo inovador. Contando, desde o início, com a colaboração inconfundível de J. Carlos, cuja obra artística longa e brilhantíssima praticamente confunde-se com a vida dessa revista, *Careta* alcançou popularidade como nenhuma outra, circulando nos barbeiros, nas engraxaterias, nos consultórios, em todo o lugar. (FONSECA, 1999, p.220-221)

Foi uma publicação que sacudiu o mercado editorial da época e fazia com frequência, ironia e críticas políticas, além dos textos, ilustrações e humor que constituíam verdadeiras crônicas do Rio de Janeiro e do Brasil dos primeiros anos de século XX.

A revista *Careta* era semanal, vindo a público sua nova edição todos os sábados. A sede da revista estava localizada primeiramente na Rua da Assembleia e posteriormente se mudou para a Rua Frei Caneca, no Rio de Janeiro. Ela tinha por volta de 40 páginas e dimensões aproximadamente de 20x30cm. Suas capas eram chamativas, normalmente bem coloridas, e era ocupada em sua totalidade por uma grande caricatura, que representava o destaque da semana. Tinha o título *Careta* sempre centralizado na parte superior, seguido então da caricatura do dia e sua respectiva legenda.

Seu interior possuía em torno de oito caricaturas, padrão este mantido ao longo de sua existência, bem como o número aproximado de quarenta páginas. Tendo o humor como principal elemento do seu projeto editorial, a revista *Careta* defendia a proposta de ser uma revista singular e irreverente, crítica em relação à política e à sociedade de seu tempo. O teor humorístico era amparado pelas caricaturas, que ocupavam posição de destaque entre as matérias.

Desta forma, além de possuir o citado tom de zombaria, graça, deboche, o semanário, em suas páginas, também difundia imagens pelas quais poderia se visualizar a concepção de códigos de representação social, que viriam a nortear as formas de ser e de agir da sociedade na época, como era o caso dos registros fotográficos outro dos destaques na revista.

Como veremos nas caricaturas por ela apresentadas, a revista estabeleceu diálogos com diversos setores da sociedade. Por isto, os mais diversos assuntos e notícias, eram passíveis e inspirações para as caricaturas do período, o uso do humor e ilustrações, tendia a fazer com que os acontecimentos tivessem uma mais de fácil compreensão, tornando alvo todos aqueles que faziam parte daquele momento histórico.

Assim, conforme Martins,

...o gênero caricatura revelou-se ideal na comunicação do País de fraca população leitora, onde a imagem, e sobretudo o humor garantiam rápida absorção das mensagens, potencializando a comunicação periodística. Com mais alcance então que o texto e valendo-se de recursos de uma imprensa artesanal, estas primeiras imagens carregaram particular carga histórica, resultando hoje em matérias privilegiadas para inúmeras abordagens. (MARTINS, 2003)

No período de estudo proposto por esta pesquisa (1930 a 1932) homens do cenário do poder político brasileiro, como Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha, entre outros, eram figuras caricaturadas constantemente, ora sozinhos ora dialogando com o povo, ou com o *Jeca*⁸ nas mais curiosas situações políticas, sociais, econômicas, sempre de maneira cômica.

Assim, a revista *Careta* se manteve nas bancas por mais de 50 anos. Representante de um novo modelo de imprensa que estava despontando no início do século XX, a revista se destacou ao conseguir atingir os mais variados seguimentos da sociedade. Em seu editorial de abertura, intitulado *Ahi vae a nossa Careta*, a revista evidencia claramente suas intenções ao público leitor:

Aí vai a nossa *Careta*. Lançando à publicidade esse semanário, é preciso confessar, e contritamente o fazemos, que a *Careta* é feita para o público, o grande e respeitável público, com P maiúsculo! Se tomamos esta liberdade foi porque sabíamos perfeitamente que ele não morre de caretas. Longe vai o tempo em que isso acontecia. Todavia, nossa esperança é justamente que o público morra pela *Careta*, a fim de que ela viva. E, feita cinicamente essa confissão egoísta (nós estamos no século XX) digamos logo que o nosso programa cifra-se unicamente em fazer caretas [...] As nossas caretas são sérias como as sessões do Instituto Histórico e a sua perfeição e semelhança garantidas.[...] Se ao ver a *Careta*, gentil senhorita, apreciadora entusiasta das seções galantes do jornalismo smart, franzir graciosamente as graciosas sobranceiras, na boquita rubra estalando um desprezado muxoxo, nós já temos meia vingança: o muxoxo é meia careta, pelo menos[...]⁹.

⁸ *Jeca* - Imagem da representação do povo brasileiro desvalido, sem cultura e educação, conforme trabalho de Márcio José Melo Malta.

⁹ Retirado do editorial da primeira edição da revista *Careta*.

Suas caricaturas de linguagem cômica, provocativa, irônica e muitas vezes sarcástica, trouxeram nas suas páginas discussões sobre as mais variadas temáticas, não só de contexto local, como nacional e até internacional. Tudo isto, resultou num grande sucesso de público, bem como um longo período de existência, que foi de 1908 até chegar em 5 de novembro de 1960.

Capítulo 02

A trajetória de Getúlio Vargas (1930-1932) contada pelas caricaturas

Neste segundo capítulo, faremos a abordagem do nosso objeto de estudo que constitui a análise das caricaturas que retrataram o período proposto nesta pesquisa, ou seja, de 1930 a 1932 – ascensão e consolidação de Getúlio Vargas no poder. Pretendemos salientar o acréscimo e as contribuições que as caricaturas proporcionam para o desenvolvimento não só da História, mas também o seu caráter interdisciplinar e as suas potencialidades investigativas a serviço do desenvolvimento dos estudos históricos.

2.1. Vargas e os políticos

A primeira categoria que lançamos mão neste capítulo é Vargas e os políticos. O parâmetro básico utilizado para a montagem deste grupo foi a representação caricaturada de políticos no âmbito nacional presentes juntamente de Getúlio Vargas nos desenhos. Em ordem cronológica de produção, as caricaturas vinham a traduzir as ações políticas do presidente Vargas durante o período proposto por este estudo. Desse modo, narramos os momentos históricos através das caricaturas políticas, no qual, podem ser percebidos três momentos bem distintos. Foram eles: a chegada, a permanência e a consolidação do poder de Getúlio Vargas.

É necessário redizer que a década de 20 foi marcada por um tempo de crises institucionais, econômicas e sociais. O sistema oligárquico, base política da Primeira República começou a entrar em derrocada. A longa hegemonia até então presente no cenário nacional, começou a ser contestada com maior vigor por outros grupos oligárquicos, somado a uma crise militar que deu origem ao movimento tenentista, temos os instrumentos necessários que levou a condução da Revolução de 1930.

Por política, podemos considerar que, para Catherine Colliot-Thélène

É evidentemente arriscado comprometer-se com uma determinada definição de política, mesmo que essa definição seja limitada à compreensão moderna do que política quer dizer. Esse conceito é ele mesmo objeto de discussão, discussão na qual se reflete a diversidade de abordagens e tradições que contribuíram para a redação dos textos do corpus da Filosofia Política ou da teoria política moderna. (Colliot-Thélène, 1999, p.7)

Segundo Bobbio, *“Na época moderna, o termo perdeu seu significado original, [...], passando a ser comumente usado para indicar a atividade ou conjunto de atividades que, de alguma maneira têm como termo de referência a pólis, ou seja, o Estado.”* (BOBBIO, 2000, p. 954)

Com relação aos partidos políticos, Duverger elucida,

A organização dos partidos repousa essencialmente em práticas e hábitos não-escritos; ela se conserva quase inteiramente costumeira. Os estatutos e os regimentos internos jamais descrevem mais que uma pequena parte da realidade, quando descrevem a realidade: porque eles são raramente aplicados de forma precisa. Por outro lado, a vida dos partidos cerca-se intencionalmente de mistério: não se pode obter facilmente deles os ensinamentos precisos, mesmo elementares. (DUVERGER, 1987, p. 16)

Partindo dos conceitos acima descritos parece que humor e política são discursos aparentemente adversos, mas, embora pareçam num primeiro momento extremamente afastados um do outro, encontram-se paradoxalmente cotejados. O discurso humorístico, reconhecidamente refuta a ordem estabelecida e mantem, conseqüentemente, relações adversas com o discurso político. Entendemos também, que a caricatura percorre os tempos e sobrevive através deles por evidenciar e clarificar os defeitos de quem está no poder. Como afirmou Herman Lima: *“[...] O certo é que a caricatura política ou social raramente pode levar ao riso despreocupado, como acontece com o desenho humorístico.”* (LIMA, 1963, p. 26)

Segundo Alberto Gawryszewski, a caricatura política tem a capacidade de ser um agente formador de opinião, de proporcionar a análise e conscientização da realidade social e política de um período. A caricatura ainda pode ajudar na preservação da herança cultural, reforçando valores populares, e principalmente, clarificando contradições envolvendo os atores do poder.

Gawryszewski ainda afirma,

A charge e a caricatura políticas podem causar o riso, por possuírem uma carga de humor, podem divertir, mas não podemos nos esquecer de que podem causar também ao intérprete um estranhamento, pois podem despertar sua consciência, dar uma visão do político ou da situação que desconhecia, isto é, desvendar, desnudar uma realidade que talvez não quisesse ver ou conhecer. Portanto, a charge e a caricatura políticas possuem um grau de ambigüidade, uma carga emocional que a caricatura comum, a charge comum, a de costumes e de humor não contém. (Gawryszewski, Alberto, 2008, p. 16)

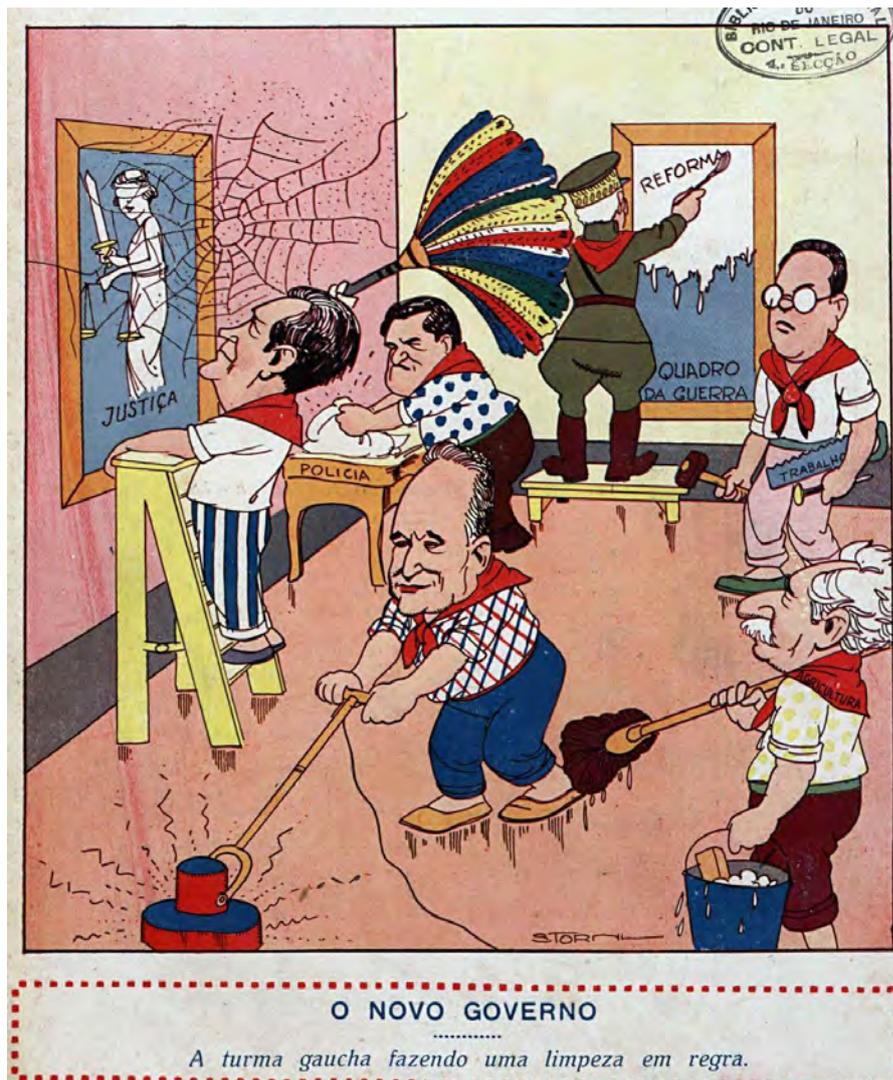
As Caricaturas publicadas na revista Careta denotavam a realidade do momento, sob o prisma caricatural. Era uma construção discursiva repleta em críticas e/ou anuência de teor político. Em suas páginas, ficava desenhado o novo cenário político nacional, no qual atuavam os vários atores políticos, com o protagonismo de Getúlio Vargas. O conjunto seguinte, bem demonstrará tal recorrência.



Dia 08/11/1930 Edição 1168 (capa)

A revista *Careta* em sua capa da edição 1168 estampou a caricatura da chegada de Getúlio Vargas à capital do país. Nela o General Tasso Fragoso, um dos oficiais que depôs Washington Luís e outros militares, recebem Getúlio Vargas e seus companheiros políticos. Nesta caricatura Getúlio Vargas foi reproduzido, estando à frente de outros cavaleiros. Ele estava vestindo trajes típicos do Rio Grande do Sul como forma de ostentar e enaltecer seus traços regionais. Era o simbolismo do triunfo regional, como se anunciassem que os gaúchos haviam tomado a capital da República. Na legenda “*Apeiem-se companheiros, que o obelisco chega para todos!*” O obelisco¹⁰ aqui colocado como símbolo de homenagem a heróis de guerra, revoluções, ou seja, Fragoso comunica, quem era o herói da Revolução de 30 e também que era chegada a hora de novos personagens assumirem o poder do país. É uma caricatura com característica laudatória. Na figura, Vargas é acompanhado pelos companheiros de revolução Oswaldo Aranha e Juarez Távora.

¹⁰ Segundo Márcia Raquel de Brito Saraiva, em seu artigo, “Os obeliscos e suas escrituras.” p.5



Dia 22/11/1930 Edição 1170 (capa)

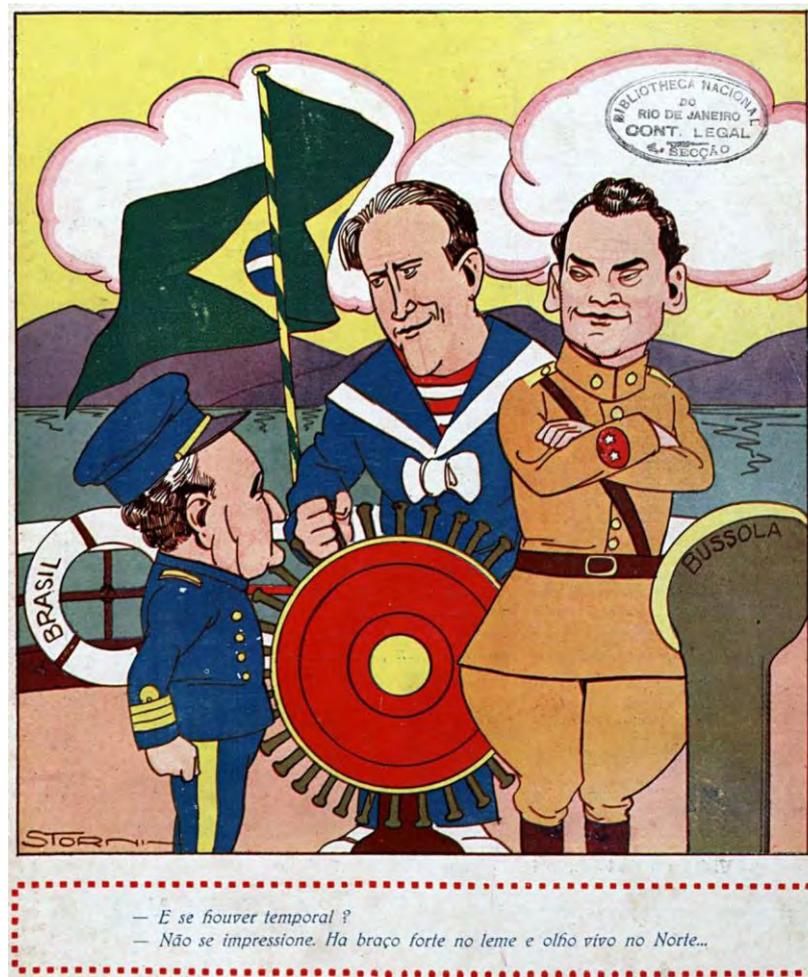
Com um tom bem-humorado, a capa da edição 1170 faz alusão a Getúlio Vargas e seus companheiros políticos que estariam empreendendo uma limpeza no governo. É possível de identificar um militar pintando o quadro da guerra, ou seja, chegara o momento da implantação de novas perspectivas do militarismo, de um governo com um pensamento mais militarizado e centralizador. Vemos também Oswaldo Aranha retirando a teia de aranha do quadro da justiça, Getúlio Vargas passando o aspirador no chão. Também aparecem representantes das áreas do trabalho, polícia e agricultura colaborando na faxina. A caricatura na época, representava a alternância dos rumos da situação política do Brasil. Era uma turma nova iniciando os trabalhos de mudança. Todos os políticos estavam usando lenços vermelhos, símbolo gaúcho que representava a revolução.



Dia 22/11/1930 Edição 1170 (pág. 14)

Esta caricatura é a representação de uma conversa entre Getúlio Vargas e João Batista Luzardo,¹¹ conforme se percebe pela legenda. Ela vem a nos fazer entender que eram muitos os que não apoiavam o novo governo e que estes mesmos, estavam sendo sistematicamente presos ou deportados. Vê-se nessa caricatura, traços específicos da personalidade de seus personagens, onde notoriamente, Getúlio Vargas aparece vestindo sua farda militar, como símbolo de *status* e liderança revolucionária, bem como aparece também com o seu tradicional sorriso enigmático, normalmente associado à ideia de artimanha ou estratégia. Desse modo podemos verificar que desde o início a revista *Careta* oferecia aos seus leitores novas possibilidades de reflexão sobre a política do período, através perspectiva do humor.

¹¹ Nomeado por Getúlio Vargas para chefiar a polícia no Distrito Federal.



Dia 29/11/1930 Edição 1171 (capa)

Aqui, temos uma caricatura ainda do início do Governo Provisório, onde o Brasil era representado por um navio que estava navegando em águas calmas, ou seja, o momento político do país era de uma maior tranquilidade com a chegada do novo governo. Porém, num ambiente de incertezas, a navegação¹² do Brasil era a crença de alcançar “a paz, o estado central” e seu comandante, Getúlio Vargas, sempre com o olhar à frente, em conversa com Oswaldo Aranha e Juarez Távora, foi verificar a possibilidade de tormentas¹³, ou seja, simbolismo para situações de calamidades vingadoras à frente. Oswaldo Aranha é quem está encarregado do leme¹⁴, que vem a simbolizar a responsabilidade, a prudência, anunciou que estava de olho na situação.

¹² Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 632.

¹³ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 888

¹⁴ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 543



Dia 29/11/1930 Edição 1171 (pág. 14)

Neste momento, final do ano 1930, no qual se afirmou o processo de construção das imagens sobre o presidente Getúlio Vargas e seu governo, a revista *Careta* procurou enfatizar as raízes do presidente. Nesta caricatura isto fica explícito, pois é feito um trocadilho com outro dos símbolos do estado do Rio grande do Sul, o chimarrão, bebida típica do estado feita a base de erva-mate, árvore símbolo do Rio Grande do Sul. O título da caricatura “O CASTIGO” mais a legenda nos remete novamente aos grupos oposicionistas da nova situação e mais uma vez explicita a ideia que o poder estava nas mãos dos gaúchos.



Dia 13/12/1930 Edição 1173 (pág. 15)

Nesta caricatura a revista *Careta* de forma crítica apresentava, Oswaldo Aranha empunhando uma espada¹⁵, símbolo do estado militar que tem a função de poderio com a descrição do poder discricionário¹⁶ que no Direito nos remete “*prerrogativa legal conferida à Administração Pública para a prática de determinados atos administrativos com liberdade na escolha de sua conveniência, oportunidade e conteúdo*”. Já Getúlio Vargas empunhava uma caneta com a Constituição do país atirada a suas costas, assim, de modo irônico, vinha a mostrar que sua administração seria mesmo através de atos provisórios, ou seja, através da arbitrariedade, o que extrapolaria os limites fixados pela lei.

¹⁵ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 392.

¹⁶ Conforme <http://www.direitonet.com.br/dicionario/exibir/823/Poder-discricionario>. Acesso em 19-05-2016.

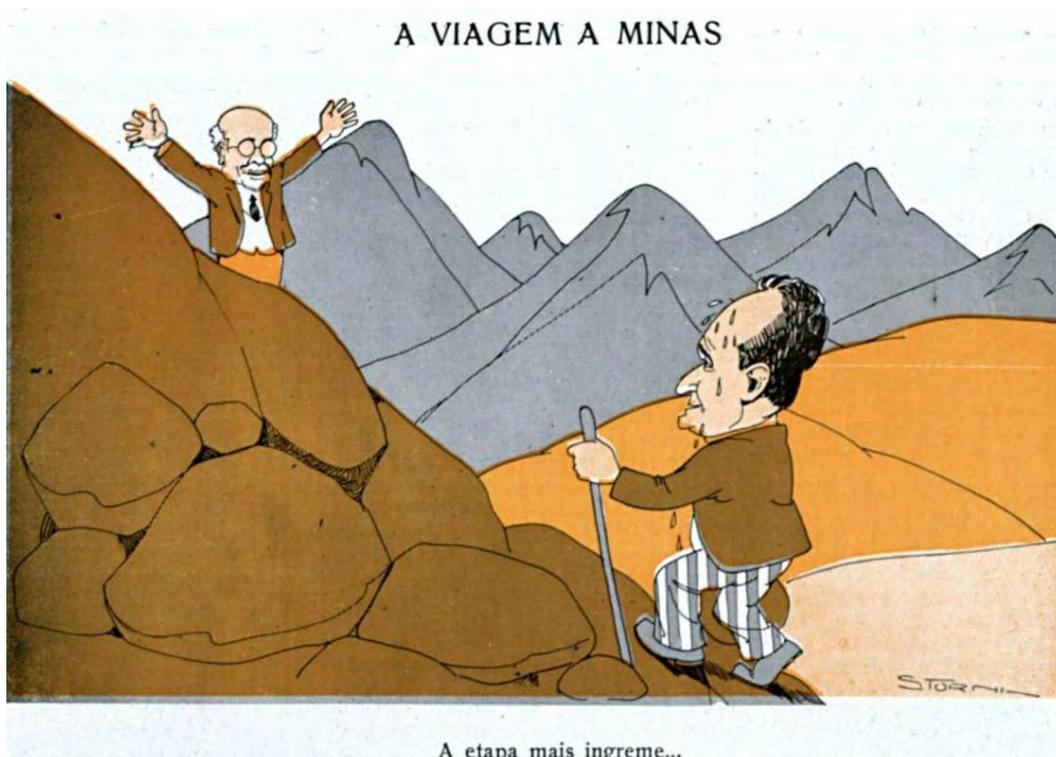


Dia 13/12/1930 Edição 1173 (pág. 18)

Esta caricatura era a foto da economia do país. As despesas se apresentavam em forma de uma grande pedra bruta que simbolicamente representa uma matéria passiva, ambivalente, e que quando se exerce atividade humana sobre a mesma, ela se envilece.¹⁷ Esta pedra se encontrava sobre um pequeno barco junto com as principais figuras políticas da época e tudo já estava começando a afundar devido ao peso. Os políticos tentam empurrá-la ao mar e Getúlio Vargas com sua mão estendida num simbolismo de orientação, e ao mesmo tempo de poder e dominação¹⁸, fala que se deve ter cuidado com as ações tomadas pois todos podem afundar junto com a economia.

¹⁷ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 697.

¹⁸ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 589.



Dia 13/12/1930 Edição 1173 (pág. 30)

Esta caricatura explicitava a incerteza dos acordos políticos antes selados. Nela, Getúlio Vargas estava suando muito, fazendo uma subida¹⁹, simbolismo para a *revelação*, íngreme e lá no topo estava a sua espera, de braços abertos, Olegário Maciel, o único dos presidentes estaduais a ser mantido em seu cargo, já que para os demais estados, Getúlio Vargas nomeou interventores federais. Aqui a *Careta* queria mostrar o embate de forças diversas, que antes, no momento da Revolução se juntaram. Agora era a hora que viria a se apresentar a movimentação política do período.

¹⁹ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 853.



Dia 03/01/1931 Edição 1176 (pág.34)

Ainda no início do governo provisório a revista *Careta* denuncia com esta caricatura a dissolução da Constituição de 1891, promovendo o seu enterro. Getúlio Vargas fechou o Congresso e viria a compor os ministérios praticamente com representantes políticos gaúchos e mineiros. Além disso, colocou diversos militares para controlarem os governos estaduais na qualidade de interventores. De forma irreverente a *Careta* anuncia que o país viria a ter uma política administrativa centralizadora.



Dia 14/02/1931 Edição 1182 (capa)

De forma irreverente a revista *Careta* veio a abordar a grande influência e centralização de políticos gaúchos no governo provisório. Embora o carnaval fosse a temática principal desta cena, podemos estender a questão abordada na legenda com a falta de representatividade das oligarquias paulistas. Estas não contavam mais com a importância da representação de São Paulo no novo governo.



Dia 21/02/1931 Edição 1183 (pág.26)

Esta caricatura é uma forma bem-humorada que a revista *Careta* utilizou para mostrar aos seus leitores que o presidente Getúlio Vargas ao suspender a Constituição de 1891 e fechar os órgãos Legislativos, passou a exercer o Poder Legislativo e o Poder Executivo. Assim ele fez a deposição dos governadores de estado e nomeou em seus lugares, os interventores. Estes eram pessoas de confiança do presidente e tinham plenos poderes nos seus estados.



Dia 07/03/1931 Edição 1185 (pág.14)

Caricatura que vinha a mostrar que Oswaldo Aranha quando assumiu a pasta da Justiça criou o Tribunal Especial²⁰, que consistia no primeiro órgão da justiça revolucionária instaurado após a Revolução de 1930 com o objetivo de apurar e julgar os fatos ilícitos da vida política e administrativa do país no governo de Washington Luís.

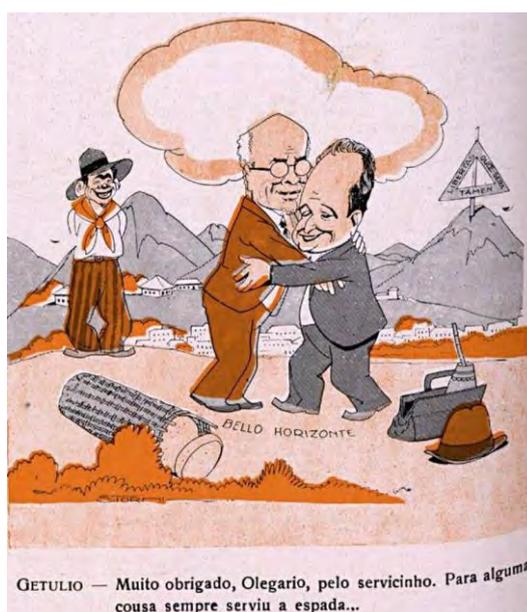
²⁰ Conforme: www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/tribunal-especial. Acesso em 08-06-2016.

A revista *Careta* veio a fazer uma sátira ao término deste tribunal porque, nos seus quatro meses e meio de existência, o Tribunal Especial pouco produziu.



Dia 14/03/1931 Edição 1186 (pág.14)

Caricatura que vinha a retratar a necessidade de demonstrar adesão ao novo governo, pois muitos órgãos de imprensa que não se mostraram simpáticos àquele processo, passaram a ser perseguidos pelas novas autoridades.



Dia 14/03/1931 Edição 1186 (pág.30)

Nesta caricatura observa-se as manobras políticas do presidente Getúlio Vargas para se manter no poder. O presidente tinha como base política de sustentação as mesmas oligarquias presentes na República Velha, como exemplo na caricatura, a de Minas Gerais. A revista queria mostrar o descompasso entre o discurso e a prática do presidente do governo provisório.



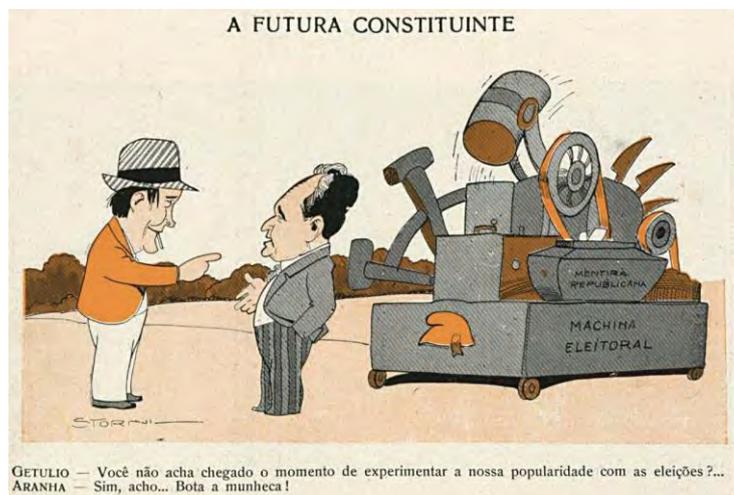
Dia 21/03/1931 Edição 1187 (pág.19)

Novamente a revista vinha a satirizar o fim do Tribunal Especial. Nesta caricatura ela faz alusão ao fato de que o governo brasileiro acabou com o Tribunal Especial para não acontecer o mesmo que ocorrera na França com Georges Jacques Danton. Lá, ele também criou um tribunal, chamado de Tribunal Revolucionário e posteriormente acabou ele próprio, acusado de ser um inimigo da República. Foi julgado por este Tribunal Revolucionário e condenado a guilhotina.



Dia 28/03/1931 Edição 1188 (pág.19)

Caricatura que fazia alusão que ainda todos os políticos, militares, etc., mesmo suando, ainda seguiam e eram parceiros de Getúlio Vargas. Este, com seu sorriso matreiro, é o que coordenava todo o cordão de comandantes do país. Era uma menção cômica da capacidade de Getúlio Vargas liderar e manipular grupos.



Dia 02/05/1931 Edição 1193 (pág.18)

Esta caricatura vinha a retratar as manobras políticas feitas por Getúlio Vargas para a conservação de seu governo. No diálogo entre o presidente e o seu fiel companheiro Oswaldo Aranha fica claro que os ideais prometidos na Revolução de 1930 não estavam mais presentes no Governo Provisório, daí o nome da máquina eleitoral, "*mentira republicana*". O que se percebia na verdade, era a grande ambição de se manter no poder.



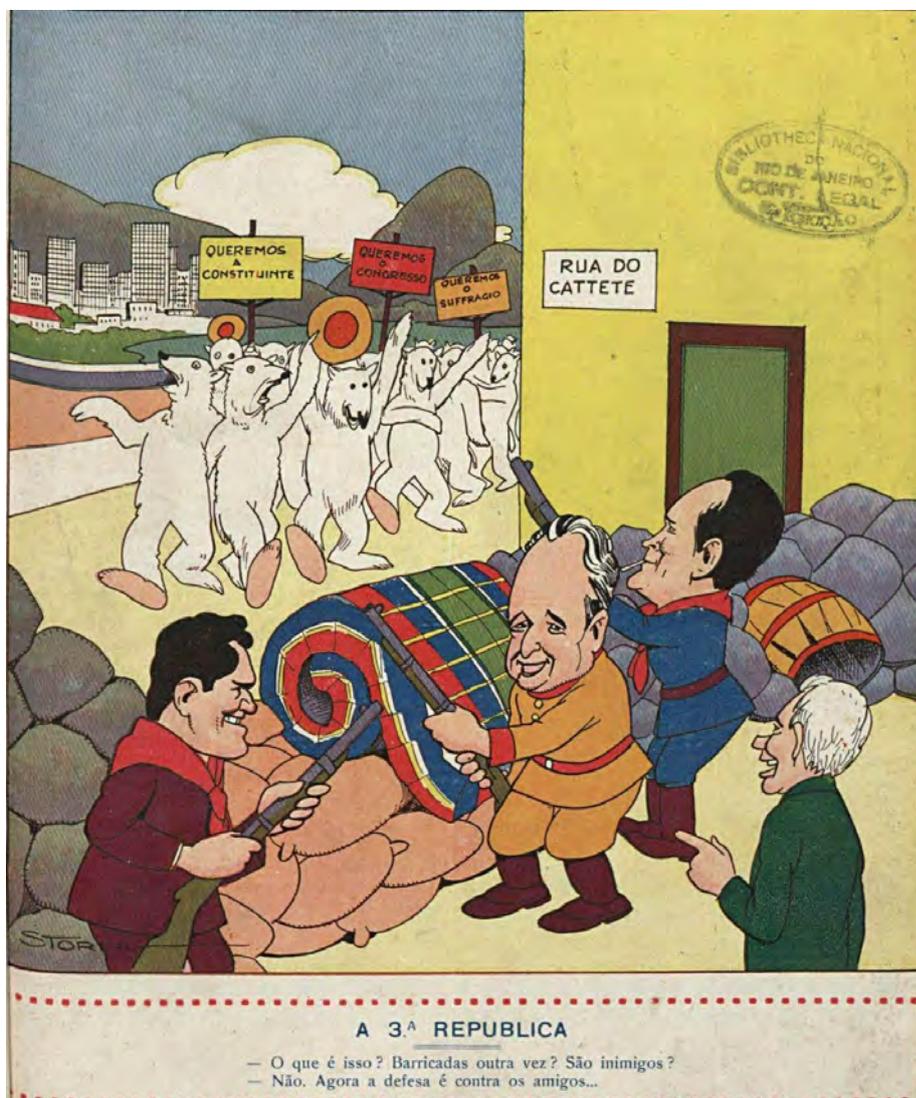
Dia 16/05/1931 Edição 1195 (pág.11)

Referia-se aos grupos que não estavam satisfeitos com a divisão do espólio feita pelo governo, ou seja, eram os descontentes que se sentiam preteridos nas vantagens que achavam que deveriam receber, mas que não receberam. Ficava claro que a medida que à medida que as propostas intervencionistas e centralizadoras eram implementadas, crescia a insatisfação.



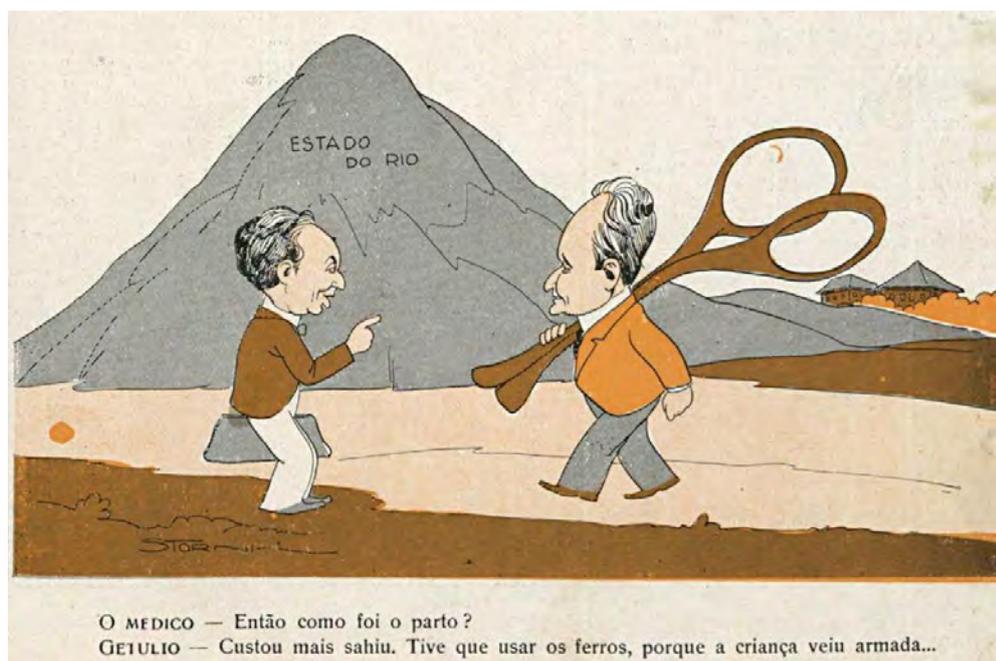
Dia 30/05/1931 Edição 1197 (pág.18)

A caricatura vinha a mostrar o confronto entre a Legião Mineira, organização que vinha sendo criada em vários estados com a aprovação do Governo Provisório e o Partido Republicano Mineiro (PRM), liderado por Artur Bernardes. No meio se encontrava a presença do presidente Getúlio Vargas, que era o mediador das negociações entre o governo mineiro e o grupo bernardista. A caricatura vinha a mostrar a habilidade do presidente de manipular seus aliados e manusear os acordos conforme seus interesses.



Dia 13/06/1931 Edição 1199 (capa)

Significava o pedido de retorno do país aos rumos institucionais pelas pessoas que apoiaram Getúlio Vargas na Revolução de 30. Era também perpassada a ideia de que os governantes viam a situação como se constituísse uma traição de parte de alguns dos aliados, identificados com a figura do “amigo urso” e toda a conotação negativa que traz tal expressão.



Dia 13/06/1931 Edição 1199 (pág.15)

Caricatura que vinha fazer alusão à saída de Adolfo Bergamini da posição de interventor do Distrito federal. Ele vinha recebendo constantes ataques do Clube 3 de Outubro. Esta organização tenentista buscava a instalação de um comitê de investigação para examinar as acusações de corrupção feitas contra sua interventoria. Assim, foi instituída uma comissão de sindicância que solicitou ao presidente Getúlio Vargas seu afastamento do cargo. Foi substituído interinamente pelo coronel Julião Freire Esteves que ficou somente dez dias no cargo até ele ser ocupado em caráter efetivo por Pedro Ernesto Batista. O instrumento que Vargas carregava ao ombro revelava a ação de força que acabara de executar.



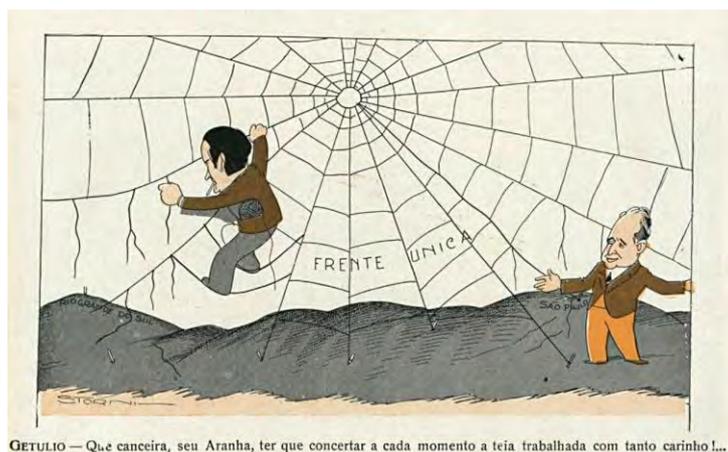
Dia 25/07/1931 Edição 1205 (pág.30)

Nesta caricatura temos Getúlio Vargas conversando com Protógenes Guimarães, então Ministro da Marinha e Diretor Geral da Aeronáutica no governo provisório. Ela se propunha a fazer uma analogia dos atos do governo com a palavra lubrificantes, que são substâncias usadas para reduzir o atrito e/ou desgaste de superfícies, protegendo assim da sua deterioração gradual. Deste modo a revista *Careta* trazia uma forma de mostrar a presença de descontentamentos com o governo que se instalou e também ironizar o modo “escorregadio” da nova administração.



Dia 01/08/1931 Edição 1206 (pág.31)

Caricatura que vinha a mostrar que alguns dos estados que apoiaram a Revolução de 1930 e o governo provisório passavam agora a apoiar a ideia de Constituinte. Esta ganhou corpo em todos os setores políticos e a reconstitucionalização do país passou a ser a voz do momento. Porém, Getúlio Vargas mantinha-se pregando a manutenção da ditadura como forma de fazer as desejadas e necessárias reformas.



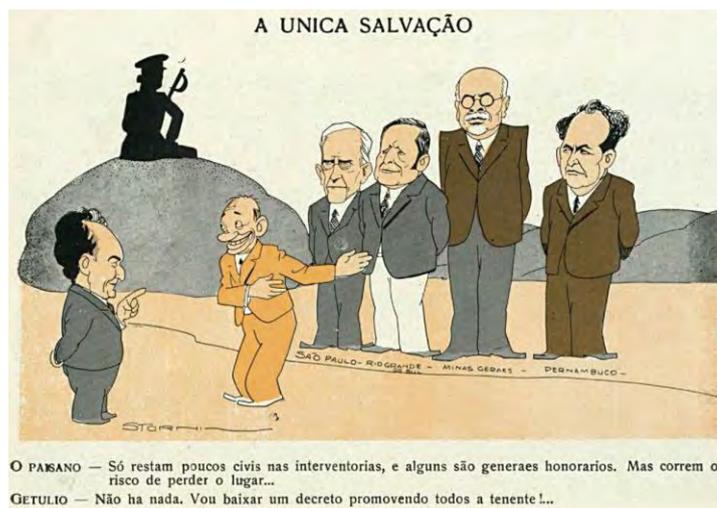
Dia 08/08/1931 Edição 1207 (pág.14)

Caricatura que vinha a insinuar o trabalho incansável de Oswaldo Aranha, amigo e aliado do presidente Getúlio Vargas, na tentativa de sempre manter unida a Frente Única que se formara no Rio Grande do Sul, que reunia o Partido Republicano Rio-grandense e o Partido Libertador, eternos inimigos reunidos em nome de uma solução para a crise, revelando o quanto era instável tal ligação.



Dia 29/08/1931 Edição 1210 (pág.15)

Caricatura que vinha a retratar as medidas econômicas tomadas no governo provisório, como a suspensão de transferências aos bancos estrangeiros, também o confisco cambial, ou seja, o redirecionamento de uma parte da renda da exportação do café para a industrialização o que vinha a se pensar como a nacionalização da economia. A caricatura também mostrava o descontentamento das oligarquias afetadas com tais medidas e a forma que o presidente viria a conduzir a situação.



Dia 19/09/1931 Edição 1213 (pág.14)

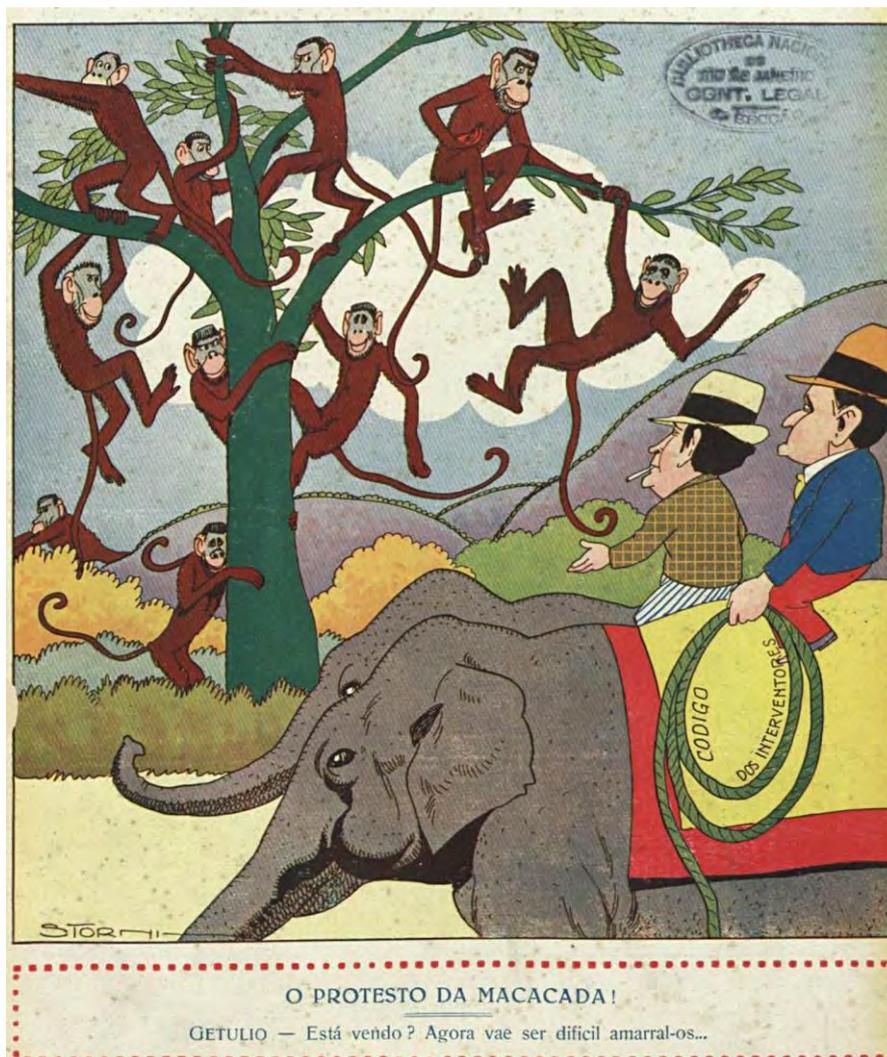
A revista *Careta* com esta caricatura vinha a fazer ironia de uma fala do presidente Getúlio Vargas que, quando questionado de como tinha resolvido o problema dos tenentes, ele havia respondido: “Promovi-os a capitães...”²¹



Dia 19/09/1931 Edição 1213 (pág.27)

Com esta caricatura a revista *Careta* vinha a retratar o apoio do interventor Flores da Cunha a Getúlio Vargas. Quando se iniciaram os levantes pela reconstitucionalização do país, no estado houve uma cisão na oligarquia gaúcha e, Flores da Cunha veio a permanecer ao lado do governo central, apoiando o presidente Getúlio Vargas.

²¹ Conforme Mendes Júnior & Maranhão. p.98



Dia 26/09/1931 Edição 1214 (capa)

Nesta capa publicada no mês de setembro de 1931, a revista *Careta* trouxe Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha sentados em cima de elefantes, símbolo da estabilidade, de imutabilidade²², com o laço do Código dos Interventores e analisando como laçar os macacos, animal conhecido por sua agilidade, dom de imitação e comicidade²³ que estavam soltos nos galhos de uma árvore. Estes macacos eram a representação dos tenentes interventores que estavam insatisfeitos com a política implementada até então pelo presidente. A caricatura queria aludir quanto à conduta que o presidente viria a tomar para satisfazer a todos.

²² Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 359.

²³ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 573.



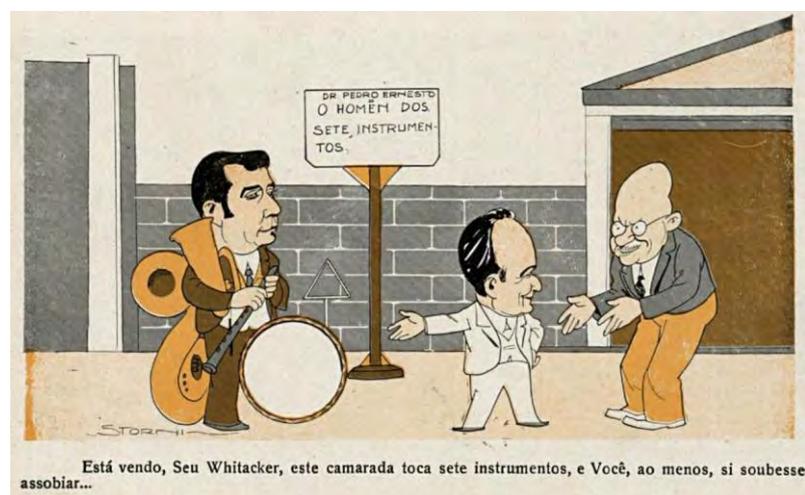
Dia 03/10/1931 Edição 1215 (pág.34)

Caricatura que trazia uma conversa entre Getúlio Vargas e seu fiel companheiro Oswaldo Aranha, sobre quem iria recepcionar a chegada de Olegário Maciel, então presidente do estado de Minas Gerais. Na legenda, Oswaldo Aranha deixou claro que vai dar essa incumbência a Pedro Ernesto, interventor do Distrito Federal desde setembro de 1931. Antes disso ele era presidente do Clube 3 de Outubro e sua posição era de lealdade irrestrita a Vargas, defendendo a manutenção dos poderes ditatoriais de Vargas para que se consumasse uma série de reformas necessárias ao país.



Dia 10/10/1931 Edição 1216 (pág.14)

Esta caricatura era a representação do Código Eleitoral que viria a ser promulgado em fevereiro de 1932. Na legenda fica clara a intenção do presidente em retardar ao máximo a Constituição, ou seja, o objetivo primordial era atender as pressões feitas contra o prolongamento da ditadura no país. Era uma forma de acalmar os ânimos da bandeira de constitucionalização.



Dia 17/10/1931 Edição 1217 (pág.14)

Caricatura que trazia o presidente Getúlio Vargas exaltando a José Maria Whitaker, então Ministro da Fazenda, as qualidades de Pedro Ernesto como administrador da interventoria do Distrito Federal. A atribuição de tocar “sete Instrumentos” sugeria o nível de adaptação que o político possuía diante das constantes e drásticas mudanças de circunstâncias que caracterizavam aquela época de mudanças políticas bruscas.



Dia 24/10/1931 Edição 1218 (capa)

Esta capa da revista *Careta* remetia a “política do pão e circo” comum no mundo romano. Ela tinha a pretensão de descortinar de forma humorística, a nova ordem política estabelecida pelo presidente Getúlio Vargas, este em destaque na parte central da caricatura. Segundo ela, as decisões ficam concentradas nas mãos do presidente, mas também necessitava do apoio de outras parcelas da elite presentes na sociedade. Já os mais pobres, eram excluídos do processo de crescimento e apresentavam grandes dificuldades para sobreviver. Assim a revista fez uma paródia da situação social do Brasil com a chamada “política do pão e circo” romana.



GETULIO — Assis, a viagem correndo bem, lavre o decreto promovendo o Protógenes a Tenente...
O CARIOCA — Zé Americo, si esbarrar com o Lampeão, dê-lhe lembranças...

Dia 21/11/1931 Edição 1222 (capa)

Caricatura que vinha a exibir a viagem oficial que o presidente Getúlio Vargas viria a empreender aos estados do Norte. Sua intenção era ver *in loco* a sua popularidade. Viajou junto com um séquito oficial de expoentes nordestinos, entre eles, José Américo de Almeida e Góes Monteiro. A bandeira com a inscrição “até breve” indicava o retorno rápido para evitar qualquer possibilidade de busca pela retomada do poder de parte dos adversários do governo.



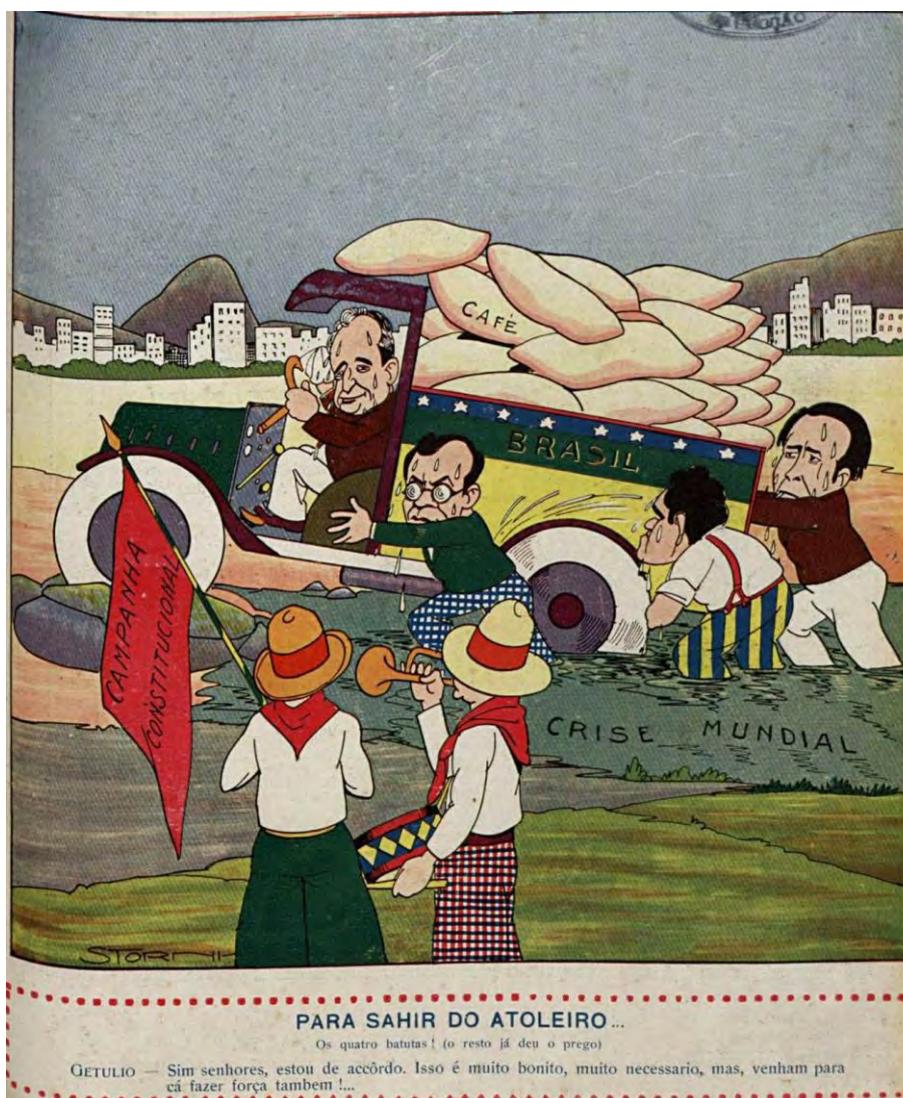
Dia 28/11/1931 Edição 1223 (capa)

Caricatura que vinha a mostrar uma tentativa de aliança entre o tradicional político sulino com a oligarquia nordestina, no intento de manter a unidade e um apoio nacional ao novo governo. Usando seu eterno jogo de cintura, Vargas leva a uma das mãos uma viola para tocar uma modinha com sus aliados do outro extremo do país, ao mesmo tempo em que oferece o mate – tradicional bebida gaúcha – como sinal de amizade para com o aliado em potencial. O título faz uma alusão aos jogos diabólicos que seriam necessários para alicerçar as negociações políticas.



Dia 28/11/1931 Edição 1223 (pág.31)

Caricatura que vinha a destacar o papel da Paraíba dentro da Aliança Liberal. Getúlio Vargas chega ao estado da Paraíba e é recepcionado por Antenor Navarro, um dos principais líderes da Revolução de 1930. O mesmo, foi nomeado no ano de 1930 interventor daquele estado. A revista fazia uma piada com relação ao seu desejo de uma patente de tenente pois ele era um dos líderes civis da revolução no estado da Paraíba e, ainda assim, estaria ambicionando a fatia do poder que vinha cabendo aos tenentes.



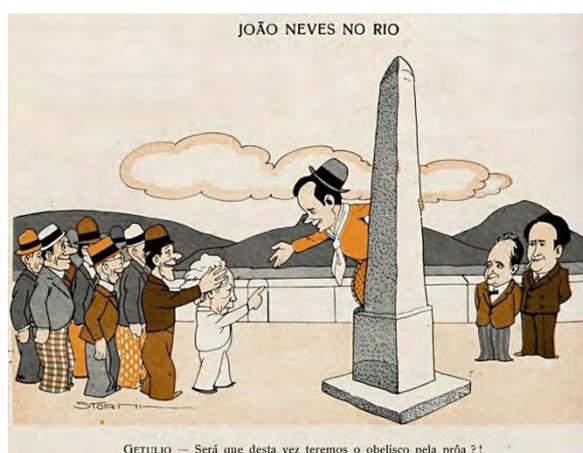
Dia 19/12/1931 Edição 1226 (capa)

Esta caricatura apresentava o presidente e seus companheiros políticos suando muito para tirar o Brasil do atoleiro. O Brasil estava representado por um caminhão lotado de sacas de café, atolado na crise mundial, ou seja, o produto principal da nossa economia estava encalhado devido abalo ao econômico mundial. A revista de uma maneira jocosa queria transmitir a ideia que naquele momento a principal ação do governo devia ser com o reestabelecimento de uma política econômica saudável.



Dia 19/12/1931 Edição 1226 (pág.30)

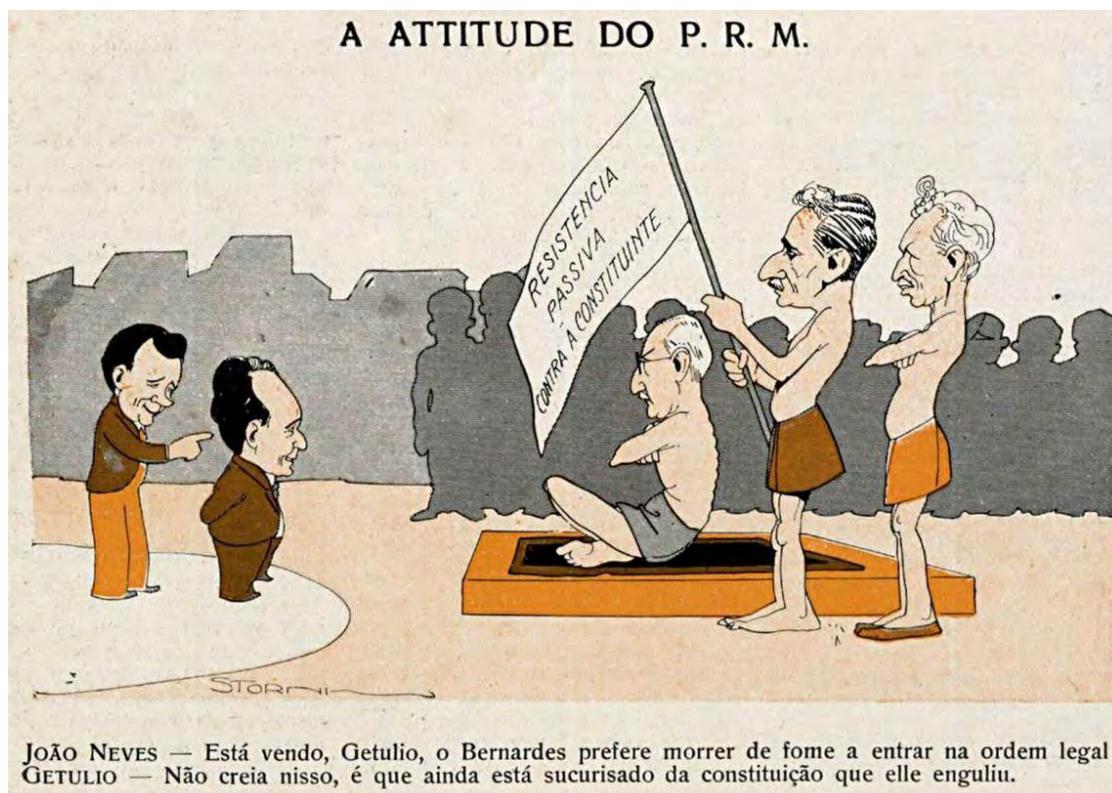
Nesta caricatura, a revista *Careta* vinha a apontar com zombaria a disposição do presidente Getúlio Vargas em deixar o país ter novamente uma Constituição. O título da caricatura sugestionava que somente em 2933 isto seria possível.



Dia 26/12/1931 Edição 1227 (pág.34)

Caricatura que trazia João Neves da Fontoura junto ao obelisco e em frente a outras lideranças políticas e Getúlio Vargas, junto a Oswaldo Aranha em oposição.

Era a representação de que uma parte do grupo governista se encontrava otimista com os rumos tomados pela revolução e mostravam-se confiantes com a atuação de Getúlio Vargas à frente do governo. Mas também mostrava parte dos descontentes, como exemplo de João Neves que havia então recusado a nomeação de interventor no estado do Rio Grande do Sul por pensar que a nomeação de interventores era um dos erros cometidos pelo novo governo provisório.



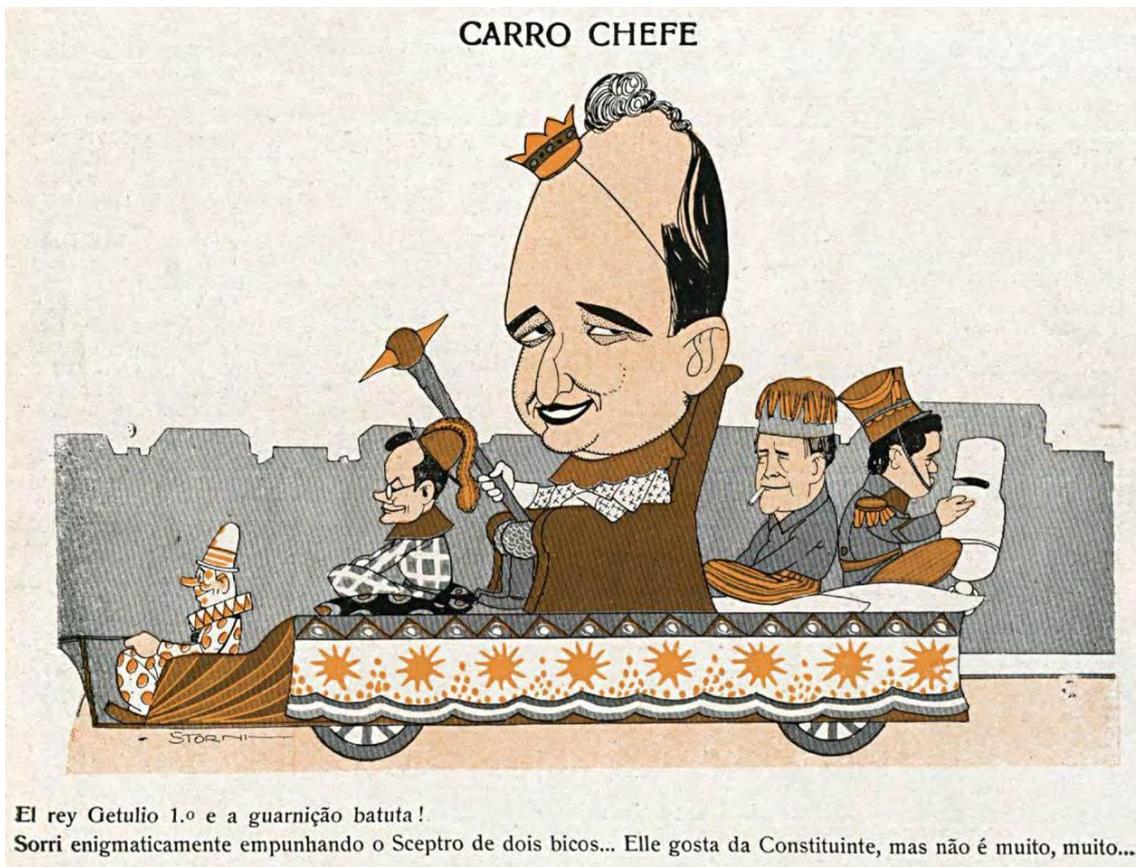
Dia 02/01/1932 Edição 1228 (pág.34)

Caricatura que apresentava um diálogo entre o presidente Getúlio Vargas e João Neves da Fontoura com relação às atitudes tomadas por parte de Artur Bernardes. Este, apesar de apoiar a Revolução de 1930, logo passou a enfrentar em Minas Gerais um processo de esgotamento de sua influência política, e também do PRM, devido à criação da Legião Revolucionária. Bernardes apoiou a Revolução Constitucionalista contra o governo de Getúlio Vargas, tentando sublevar a Força Pública de Minas. Com humor, o periódico comparava a ação dos políticos mineiros às práticas da resistência pacífica, através do ato da greve de fome.



Dia 30/01/1932 Edição 1232 (capa)

Tendo o Carnaval como tema principal, nesta capa, a revista *Careta* apresentava os políticos brasileiros numa orquestra regida por Getúlio Vargas. A marchinha por eles apresentada vinha a reforçar a ideia de que o povo não estava preparado para as eleições e cabia aquela orquestra e a seu regente continuar na condução da vida política do país.



Dia 06/02/1932 Edição 1233 (pág.14)

Embora a festa de Carnaval fosse a temática principal da cena na caricatura em questão, percebemos nela um aspecto jocoso com relação ao personagem principal, o presidente Getúlio Vargas. Ele aparecia ocupando o lugar de destaque no carro alegórico, representação do poder político. Tinha por objetivo, apresentar o presidente como estrategista e articulador astuto, ou seja, retratava a crescente centralização política, as ações coercitivas e a negativa do governo para com uma nova Constituição.



Dia 20/02/1932 Edição 1235 (capa)

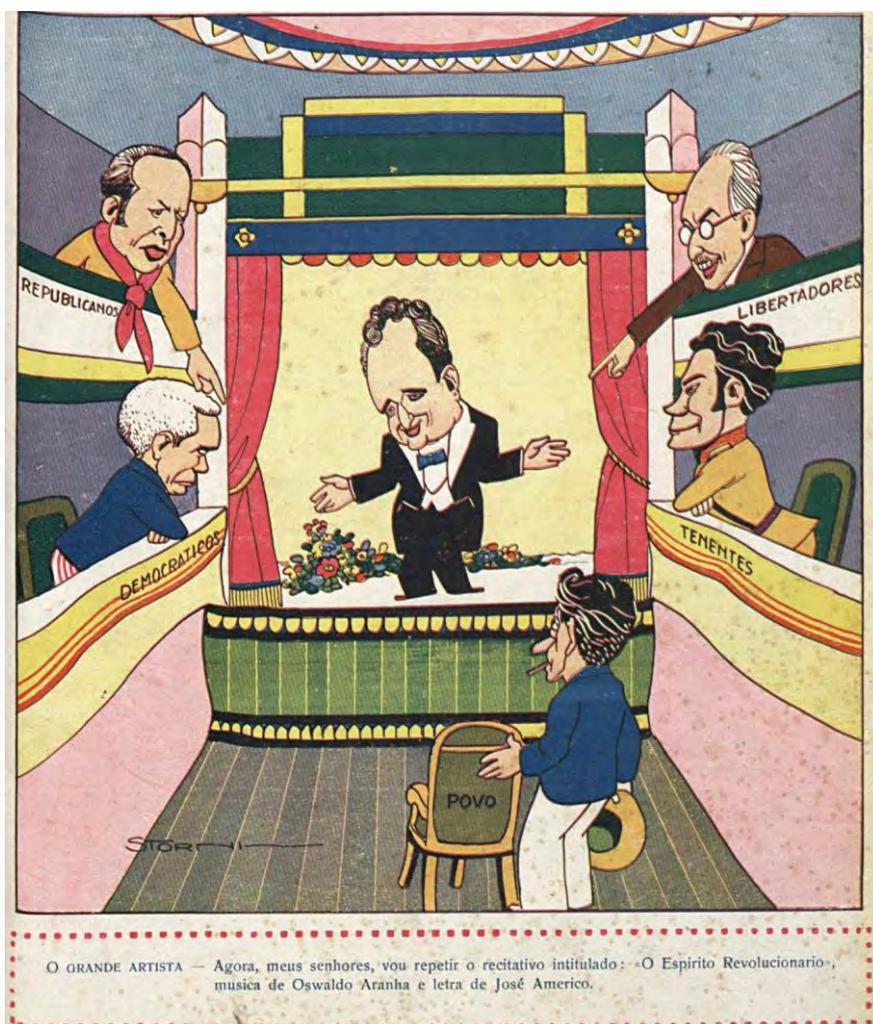
Novamente a revista *Careta* vinha em sua capa descortinar sobre as dificuldades na manutenção da necessária, aliança entre o Sul e o Norte, com o intuito de manter apoio ao novo governo. Com a deflagração da bandeira de uma futura Constituição para o país, o governo cada vez mais tinha a necessidade de manter estas oligarquias como suas aliadas, porém, as negociações políticas não eram coisas simples de se fazer.



Dia 20/02/1932 Edição 1235 (pág.31)

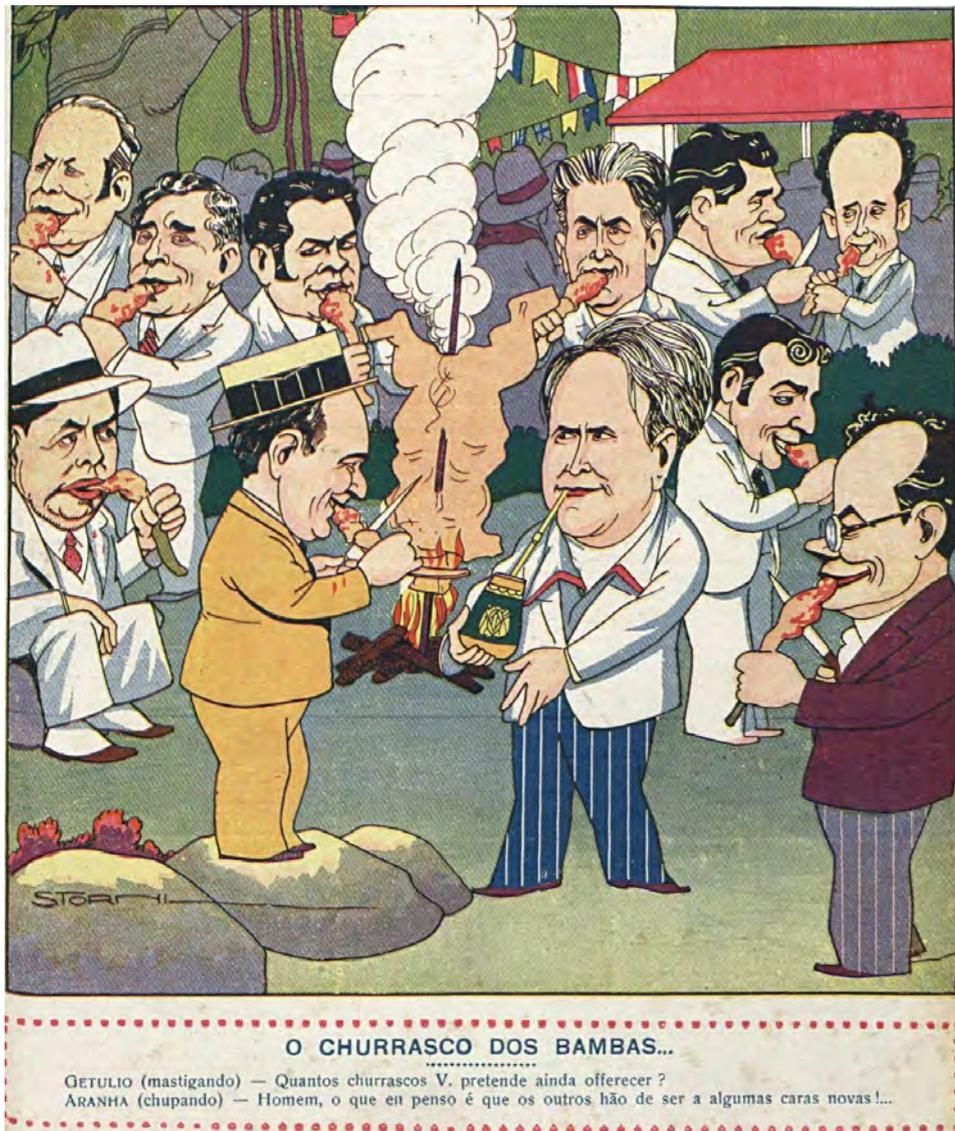
Caricatura que trazia Getúlio Vargas elucidando os atributos de Góes Monteiro e de Miguel da Costa.

Para o presidente, Góes Monteiro, homem que desfrutava de grande prestígio junto ao novo governo, poderia ser comparado com um arauto falante, ou seja, um mensageiro, aquele que viria a tornar pública uma mensagem. Já Miguel da Costa, foi por ele comparado, como um realejo, ou seja, instrumento que comunicava o que já havia sido estabelecido previamente. O dístico utilizado na bandeira da nova agremiação fazia uma referência jocosa à situação reinante no país.



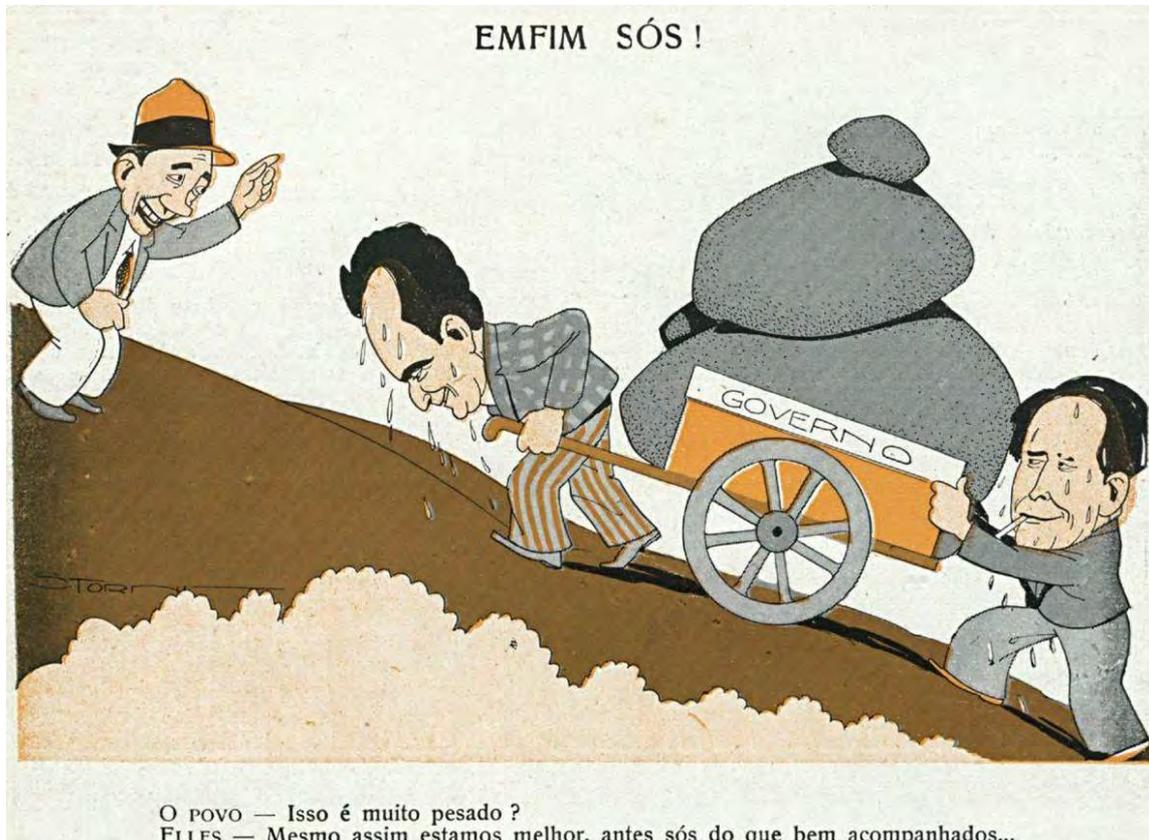
Dia 27/02/1932 Edição 1236 (capa)

Com esta capa no mês de fevereiro de 1932, a revista *Careta* vinha a demonstrar aos seus leitores de forma criativa, que o presidente Getúlio Vargas, apesar de estar sofrendo pressões ainda era o maestro que comandava o país. A caricatura trazia o presidente em um palco, como que regendo uma orquestra. Esta seria composta por republicanos, democratas, tenentes, libertadores e o povo que o acompanhavam independente dos diferentes olhares que a ele faziam. Na legenda o presidente proclamava que a música era de Oswaldo Aranha, seu fiel amigo e a letra de José Américo, que foi o chefe civil da revolução nos estados do Norte e Nordeste, mostrando assim que mantinha uma unidade forte entre Sul e Norte.



Dia 12/03/1932 Edição 1238 (capa)

Na caricatura em questão, a revista *Careta* fazia um trocadilho com a palavra bambas/pampa, no título da sua legenda. Era uma forma de mostrar que quase toda a força política do país era representada através das oligarquias gaúchas. O churrasco, comida típica do sul do país, vinha a enfatizar o poder deste estado no novo governo. Ele era apreciado por todos os presentes, rostos já tão conhecidos no cenário político nacional. A revista mostrava que o Sul não viria a dar as costas ao então presidente do país, filho dessas “paragens”.



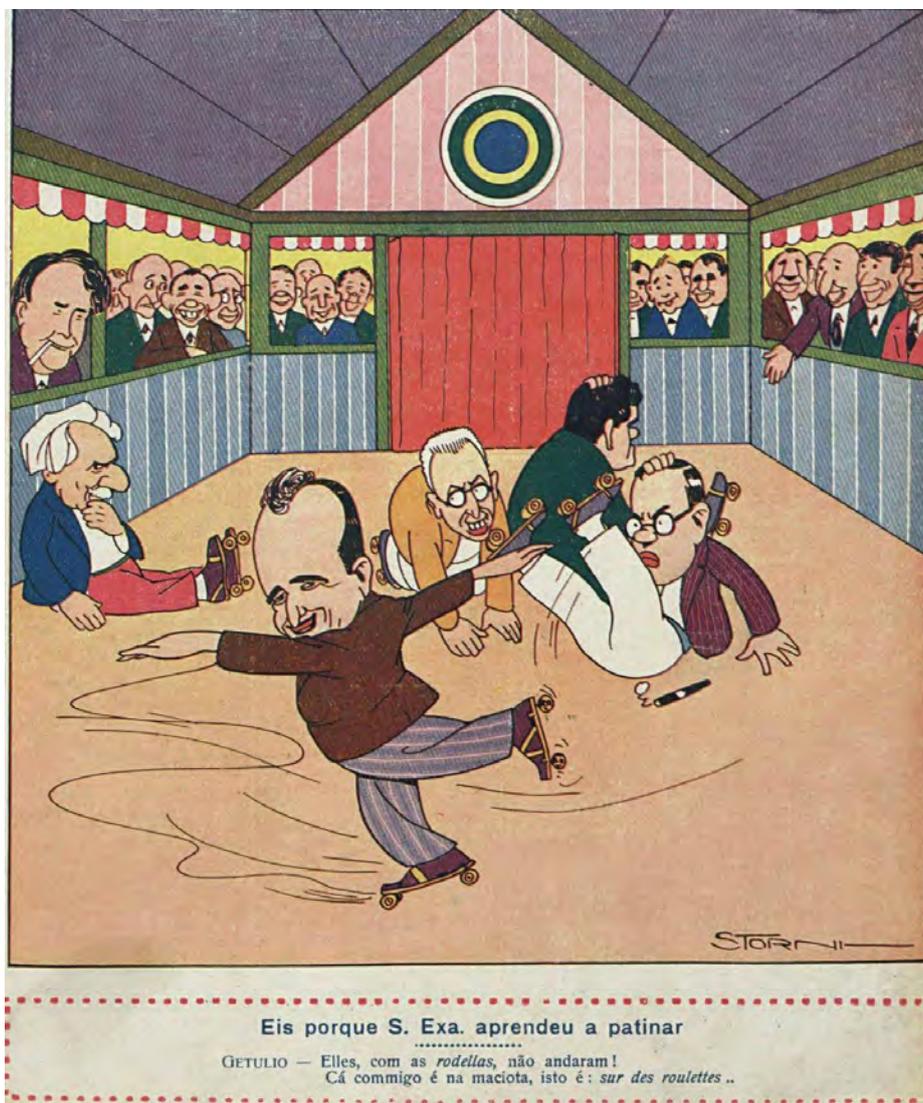
Dia 02/04/1932 Edição 1241 (pág.14)

Nesta caricatura, a revista *Careta* vinha a descortinar de como andava as alianças feitas anteriormente, lá em 1930. Vemos somente Getúlio Vargas e Oswaldo Aranha na condução do governo brasileiro, ou seja, os que apoiavam a Aliança Liberal no início da Revolução de 1930, agora eram os opositores deste mesmo governo.



Dia 09/04/1932 Edição 1242 (capa)

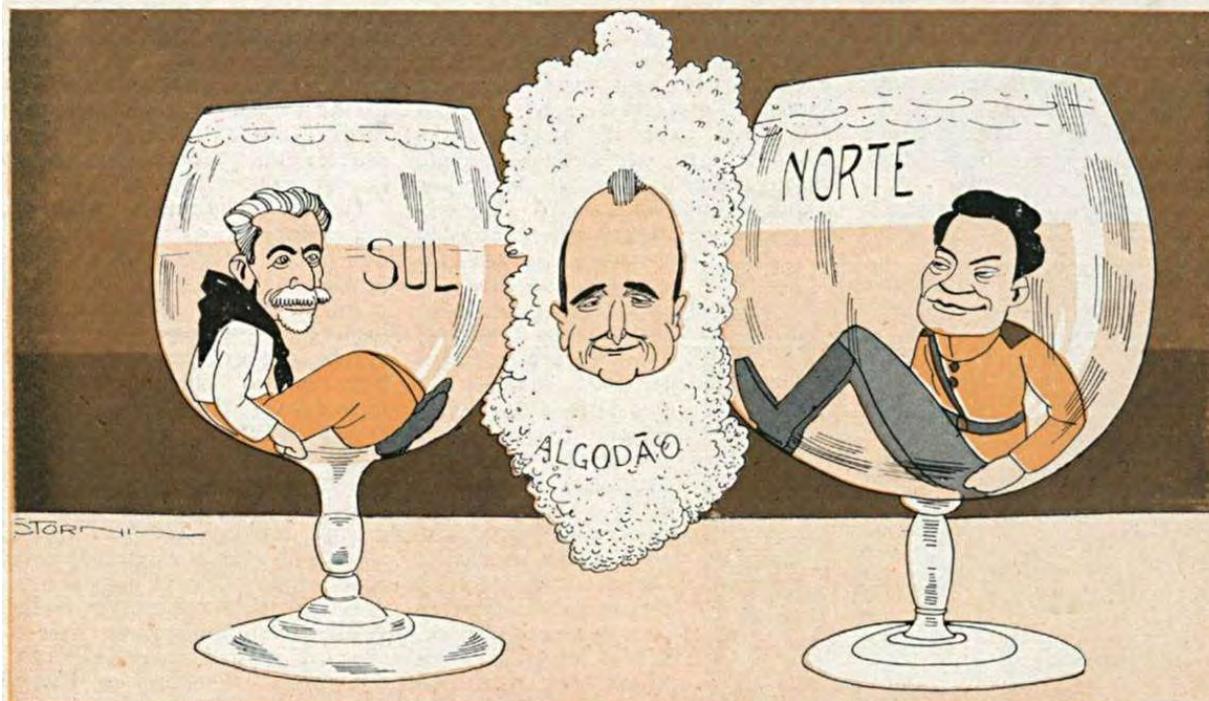
Em forma de chacota, a revista *Caretta* externava em sua capa a suposição que, mesmo que a maioria dos políticos do Rio Grande do Sul estivessem a favor dos ideais paulistas, no final das contas o estado não deixaria o presidente na mão. Conforme o desenho percebe-se que a revista já previa a “tragédia paulista”. Getúlio Vargas saía do cinema com chapéu na mão, um ar satisfeito, um olhar matreiro e um pisar leve.



Dia 16/04/1932 Edição 1243 (capa)

Repetidamente a revista *Careta* trazia em suas publicações os malabarismos que o presidente da república Getúlio Vargas realizava para governar o país. Sua condução era considerada pela revista como façanhas, pois de uma forma ou de outra ele sempre conseguia alcançar seus propósitos. Exemplo claro estava nesta capa, no qual mostrava um presidente muito feliz, equilibrando-se em seus patins, enquanto os demais atores do cenário político, fossem adversários ou partidários políticos, não conseguiam manter-se em pé no ringue de patinação, o qual tinha ao fundo uma grande plateia.

UMA PHRASE AGRICOLA E PECUARIA



O verdadeiro «algodão entre cristaes» !...

Dia 16/04/1932 Edição 1243 (pág.18)

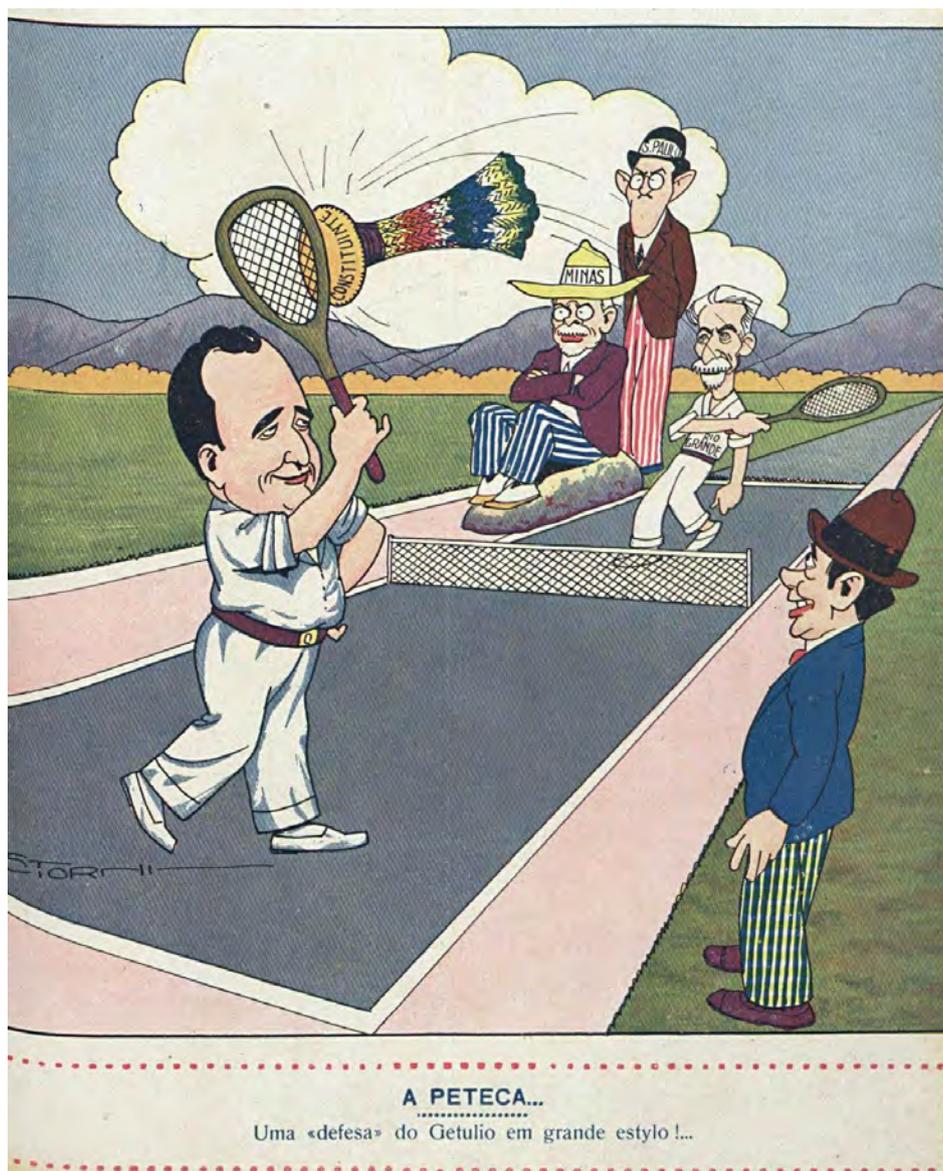
Nesta caricatura temos a presença de Borges de Medeiros e Juarez Távora dentro de taças de cristal, que com a sua transparência é um dos mais belos exemplos da união dos contrários²⁴, ou seja, são os opostos tendo ao meio como um mediador a presença de Getúlio Vargas, envolto em algodão com uma das suas expressões indecifráveis.

²⁴ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 303.



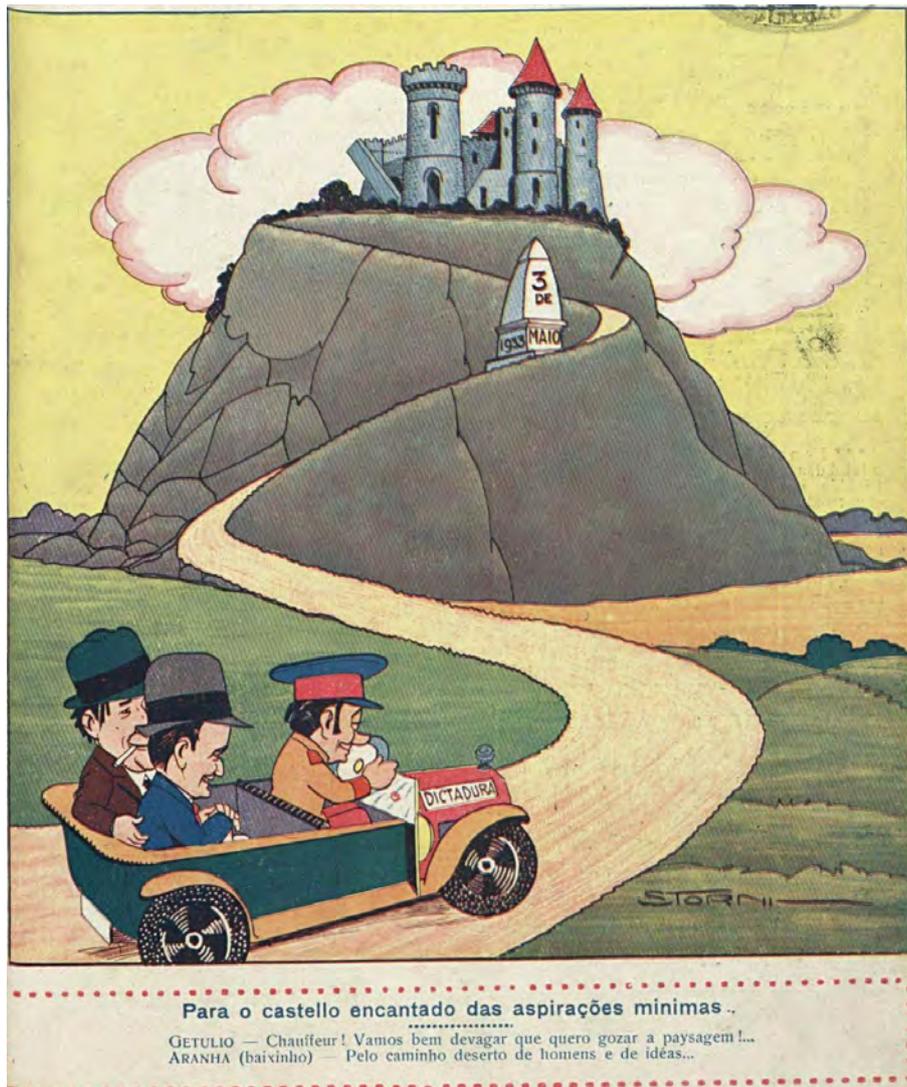
Dia 07/05/1932 Edição 1246 (pág.14)

Caricatura que apresentava Getúlio Vargas em conversa com Protógenes Guimarães, tendo ao fundo a figura da República Nova dando as costas aos dois. Getúlio vinha a expor então, que não era hora para retrocessos. A Marinha se apresentou inteiramente solidária com o governo, durante a revolução Constitucionalista. Segundo Protógenes, a paz só seria possível dentro das bases estabelecidas pelo chefe do governo central, ou seja, mediante a deposição das armas por parte dos revolucionários e a reorganização do governo de São Paulo por Getúlio Vargas, reiterando a relevância das forças armadas na manutenção dos grupos no poder.



Dia 14/05/1932 Edição 1247 (capa)

Nesta capa em questão, a revista *Caretta*, de forma simbólica, vinha a mostrar uma partida de peteca, apontando que até aquele momento o presidente Getúlio Vargas estava se saindo vitorioso no jogo, que nada mais era que a representação da bandeira de reconstitucionalização do país. No desenho, temos a presença dos estados de Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo jogando no time da Constituição e Getúlio Vargas do outro lado. O Zé-Povo, ao largo, só observava sorridente, como se ignorasse o real sentido daquele “jogo”.



Dia 28/05/1932 Edição 1249 (capa)

Caricatura que fazia alusão a um marco histórico que era a data 03 de maio de 1933. Na legenda vemos o presidente e seu fiel amigo Oswaldo Aranha sem pressa para chegar a este dia. Em 1932 o então presidente Getúlio Vargas instituiu o Código Eleitoral, que previa as regras eleitorais, e passava a dar o direito de voto e de elegibilidade às mulheres. Com a guerra paulista, em julho do mesmo ano, o processo eleitoral foi interrompido e adiado para o ano seguinte. Assim, em 3 de maio de 1933, foram realizadas as eleições para a Assembleia Constituinte e as mulheres foram às urnas pela primeira vez. O carro da “ditadura”, dirigido por um motorista/militar, bem revelava a real intenção do governante de manter a concentração de poderes ainda pelo maior tempo possível.



Dia 18/06/1932 Edição 1252 (capa)

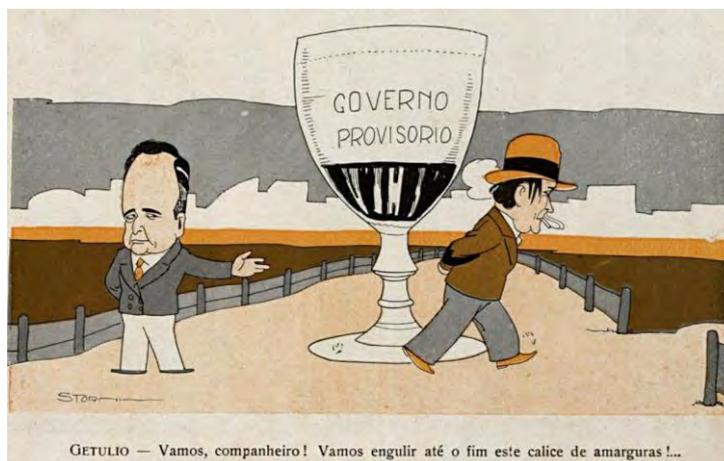
Nesta capa, a revista *Careta* de forma irônica e jocosa, fez uma analogia dos políticos brasileiros com a Torre de Babel. Segundo o Antigo Testamento (Gênesis 11,1-9), a torre foi construída na Babilônia pelos descendentes de Noé, com a intenção de eternizar seus nomes. A decisão era fazê-la tão alta que alcançasse o céu. Esta soberba provocou a ira de Deus que, para castigá-los, confundiu-lhes as línguas e os espalhou por toda a Terra.²⁵ Assim a revista vinha a retratar que era quase impossível entender e conciliar os mais diferentes interesses e opiniões dos grupos de políticos que representavam o cenário brasileiro. A legenda, porém, esclarecia que somente o presidente Getúlio Vargas era quem conseguiria entender a todos eles.

²⁵ Conforme: www.infoescola.com/civilizacao-da-babilonia/torre-de-babel/ Acesso em: 18-07-2016.



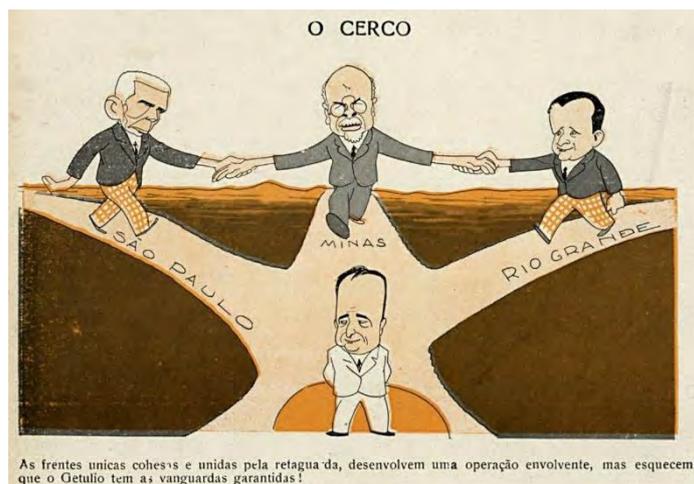
Dia 18/06/1932 Edição 1252 (pág.18)

Caricatura que trazia uma conversa entre Getúlio Vargas e o então interventor federal no Rio Grande do Sul, Flores da Cunha. Ela vinha a mostrar que o estado se mantinha solidário ao presidente. Flores foi peça importante na cena política nacional após a Revolução de 1930. Nos primeiros anos, manteve-se sempre ao lado de Vargas, inclusive durante o movimento constitucionalista de 1932. Mesmo que importantes líderes políticos gaúchos apoiassem a bandeira da constitucionalização, Flores da Cunha se manteve fiel ao presidente Getúlio Vargas.



Dia 02/07/1932 Edição 1254 (pág.27)

Mais uma vez a revista *Careta* vinha a situar seus leitores o descompasso enfrentado pelo Governo Provisório, onde os antigos aliados passam a ser os ‘carrascos’ este mesmo governo, pois havia uma luta de tendências, ou seja, uma crise de hegemonia.



Dia 09/07/1932 Edição 1255 (pág.14)

Nesta caricatura vê-se o cerco das frentes únicas, outrora aliadas, atualmente oposição, se fechando em torno do presidente da república, porém este mostraria toda a sua habilidade de trato, sua capacidade de liderança, um estadista, para se manter no governo.



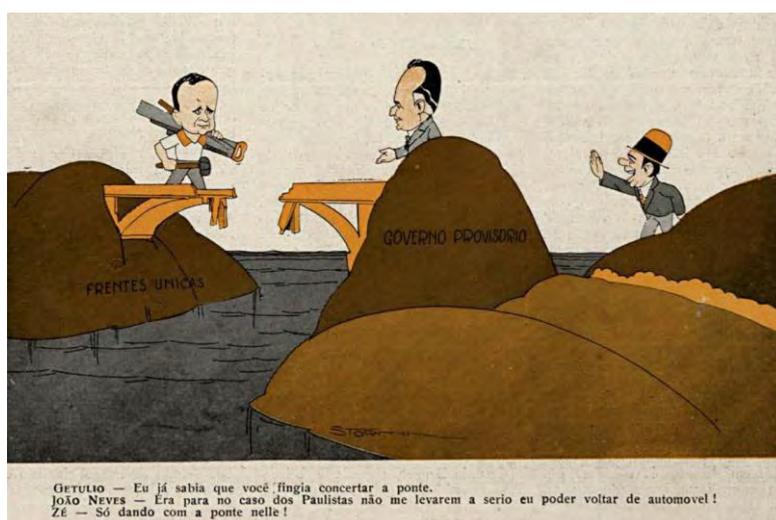
Dia 23/07/1932 Edição 1257 (pág.30)

Caricatura que trazia o então interventor federal no Rio Grande do Sul, José Antônio Flores da Cunha como apoiador do presidente Vargas durante o movimento constitucionalista de 1932. Este teve seu foco principal em São Paulo, mas que contou também com o apoio de importantes líderes gaúchos. É importante frisar que os governos de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul, embora apoiassem a luta pela constitucionalização, decidiram manter-se leais ao Governo Provisório.



Dia 30/07/1932 Edição 1258 (pág.14)

Caricatura que expunha os principais líderes políticos que, segundo Getúlio Vargas, seriam os maiores responsáveis pela luta para a reconstitucionalização do país. Na caricatura temos o presidente, elegantemente vestido de branco, seus ternos preferidos eram os de linho branco, com um sorriso matreiro a olhar os adversários políticos sentados em uma montanha. A corda com um laço na ponta demonstraria por parte dos revolucionários, uma esperança em laçar o presidente Getúlio Vargas a partir do foco revolucionário de São Paulo, ou seja, a expectativa de sua derrubada.

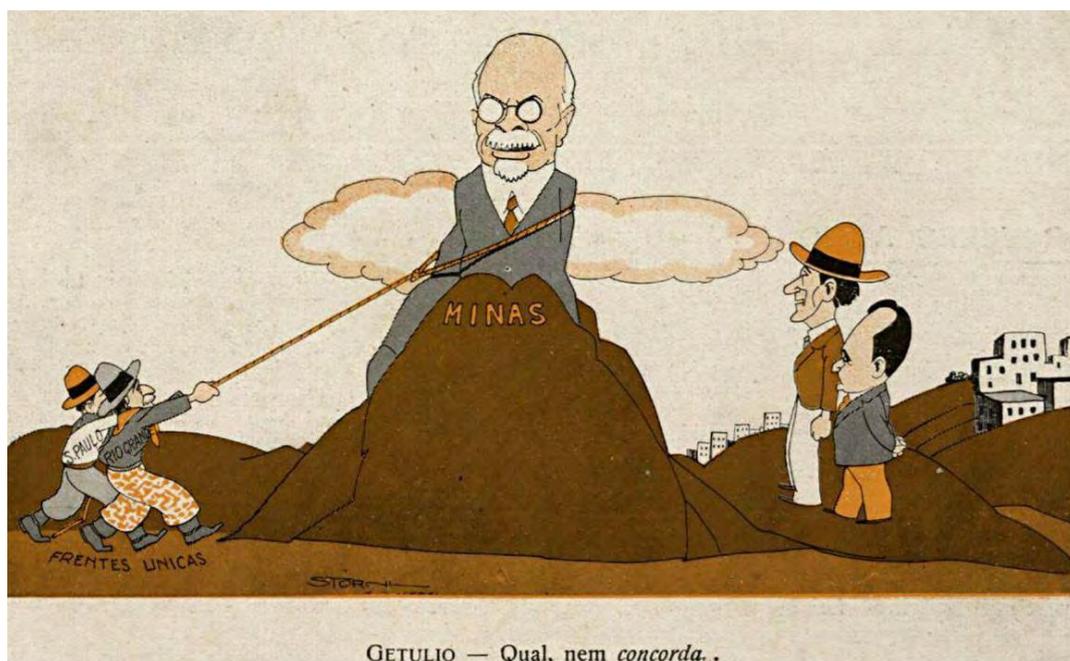


GETULIO — Eu já sabia que você fingia concertar a ponte.
JOÃO NEVES — Era para no caso dos Paulistas não me levarem a sério eu poder voltar de automóvel!
ZÉ — Só dando com a ponte nelle!

Dia 30/07/1932 Edição 1258 (pág.15)

Na caricatura em questão, a revista *Careta* vinha a exibir que João Neves da Fontoura, antes aliado de Getúlio Vargas, passara, junto com Borges de Medeiros e a

maioria dos dirigentes políticos gaúchos, a defender a volta do país ao regime constitucional. Ele como defensor da constitucionalização, aproximou-se dos grupos dirigentes paulistas e apoiou a Revolução Constitucionalista.



Dia 30/07/1932 Edição 1258 (pág.27)

Caricatura que vinha a mostrar a força política que representava Olegário Maciel. Ele foi o único governante estadual mantido em seu posto por Vargas, nos demais estados houve a nomeação de interventores federais. Porém, isso não evitou que nos anos seguintes a política mineira passasse por um processo tumultuado. Ele foi vítima, em 1931, de uma tentativa de golpe para afastá-lo do governo mineiro, golpe este, articulado por Oswaldo Aranha e por outros membros do governo federal. Olegário Maciel, no início de 1932 havia se mostrado simpático à proposta de reconstitucionalização do país, mas, preferiu permanecer fiel ao governo federal quando o levante foi deflagrado pelos paulistas.



Dia 06/08/1932 Edição 1259 (pág.15)

Nesta caricatura encontramos as figuras de Getúlio Vargas e de Joaquim Maurício Cardoso, então Ministro da Justiça. Maurício Cardoso carrega em uma de suas mãos ramos, simbolismo de uma homenagem prestada ao vencedor, de uma vitória definitiva e sem apelação²⁶. E justo lembrar, que assim que assumiu, Cardoso passou, imediatamente, a trabalhar pela volta do país ao regime constitucional, ação combatida por muitos membros do governo, inclusive o presidente. Em seu mandato, Maurício Cardoso também, aboliu a censura à imprensa e elaborou o novo Código Eleitoral.

²⁶ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 768.



Dia 13/08/1932 Edição 1260 (pág.31)

Caricatura que vinha a clarificar a ideia que Joaquim Maurício Cardoso, então Ministro da Justiça no governo provisório desde dezembro de 1931 era um defensor da constitucionalização do país, porém evitou dar apoio aberto à Revolução Constitucionalista. Foi convocado por Vargas para servir de mediador entre o governo federal e os paulistas. Seus esforços, contudo, fracassaram.



Dia 17/09/1932 Edição 1265 (pág.25)

Nesta caricatura temos uma conversa entre Getúlio Vargas e Protógenes Guimarães, na qual este solicitava que o presidente escolhesse o caminho do governo. O governo aqui representado por um labirinto, símbolo de um sistema de defesa, um entrecruzamento de caminhos, dos quais alguns não tem saída e constituem assim impasses²⁷. A legenda esclarece que o governo já tinha um caminho escolhido quando venceu a Revolução de 1930, porém a oposição se fez e foram traçados outros rumos.



Dia 29/10/1932 Edição 1271 (pág.12)

Novamente a revista *Careta* trazia em suas páginas uma caricatura que vinha a mostrar que nas eleições de três de maio os grandes vencedores seriam os velhos políticos, tão conhecidos já no cenário brasileiro, ou seja, as oligarquias regionais estavam em alta outra vez, mas era também uma vitória das forças governistas, com a derrota dos constitucionistas em São Paulo.

²⁷ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 530.

2.2. Vargas e o povo

A segunda categoria levantada nesta pesquisa é Vargas e o povo. Como povo também estamos incluindo os trabalhadores, funcionários públicos, operários, jornalheiros, agricultores, etc. O principal critério utilizado para a composição deste grupo foi a presença do presidente Vargas junto de personagens que exibiam e/ou reclamavam de sua situação social, do desrespeito aos seus direitos e de outros problemas a eles infligidos, ou seja, era a representação de um indivíduo carregado ao mesmo tempo de personalidade e impessoalidade, bem como identidade e generalidade. Mantivemos a ordem cronológica de produção das caricaturas, dessa forma, relatamos as ausências, carências, necessidades e percepções naquele momento deste grande grupo social, representados através do Zé Povo, Jeca, Eles, Povo, etc.

Para Silva,

Uma condição que definiu com frequência Zé Povo foi a de vítima da prática política, aproximada de um estatuto mais geral de vítima do estado/poder e de denunciante dessa situação. Sua manifestação mais imediata foi a apresentação do personagem montado por políticos, servindo de base física para a degradação dele próprio, além de ser usado como objeto daqueles. SILVA, 1990, p.25)

Como podemos constatar, o Zé Povo, o Jeca, etc, eram personagens caricatos sem qualquer existência física, eram indivíduos fictícios que representavam a sociedade brasileira. O Zé Povo era principalmente um personagem representativo de todo o povo, assim como o Jeca representava mais o povo caipira, ambos tinham a mesma postura submissa e o mesmo estereótipo de “pobre coitado”, ou seja, vinham a expressar o sentido popular presente frente aos acontecimentos.

Segundo Teixeira,

Alguns desses personagens, abrangentes, genéricos, puramente imaginários, sem qualquer existência física possível, ganham personalidade própria e se tornam recorrentes na cultura e no imaginário social da cidade. O Zé-Povo, a República e a Política são alguns desses tipos delirantes através dos quais a charge exercita sua imaginação criativa e explicita sua agora incipiente crítica de costumes. (TEIXEIRA, 2001, p. 28-29)

Para melhor entendermos essas “presenças” de povo nas caricaturas recorreremos a um dos muitos sentidos que carrega a palavra *povo*. Segundo Leonardo Boff, “*Há poucas palavras mais usadas por distintas retóricas do que esta de ‘povo’*. Seu sentido é

tão flutuante que as ciências sociais dão-lhe pouco apreço preferindo falar em sociedade ou em classes sociais. Mas como nos ensinava L. Wittgenstein “o significado de uma palavra depende de seu uso”. (BOFF, 2015).

Nesse sentido, Boff reitera,

Sociologicamente “povo” aparece também como uma categoria histórica que se situa entre massa e elites. Numa sociedade que foi colonizada e de classes, aponta clara a figura da elite: os que detém o ter, o poder e o saber. A elite possui seu ethos, seus hábitos e sua linguagem. Face a ela, surgem os nativos, os que não gozam de plena cidadania nem podem elaborar um projeto próprio. Assumem, introjetado, o projeto das elites. Essas são hábeis em manipular “o povo”: é o populismo. O “povo” é cooptado como ator secundário de um projeto formulado pelas elites e para as elites. (BOFF, 2015)

O caminho escolhido pelas caricaturas da revista *Careta* para marcar essas “presenças” do povo, para promover a representação do brasileiro em suas relações com o cotidiano, com o governo, com a sociedade do no período proposto neste trabalho, foi o da paródia, da construção carnavalesca, do desvalido e ambivalente naquele contexto social.

O grupo seguinte de caricaturas expressará essas considerações.



Dia 15/11/1930 Edição 1169 (pág. 31)

A revista *Careta* com esta caricatura vinha a dizer da necessidade de se fazer profundas mudanças no país. A caricatura mencionava a Batalha de Itararé, a qual, na verdade, nunca aconteceu. Foi planejado um ataque às forças militares que apoiavam

Washington Luís a partir da cidade Itararé, porém antes do acontecimento decisivo, os militares depuseram o presidente. Fica perceptível a partir do exposto que a revista anunciava de forma crítico-opinativa, que a situação não poderia ficar no “faz de conta”. Era realmente necessário se fazer mudanças no cenário da época. A revista fazia uma analogia entre a batalha inexistente e as dificuldades do novo governo em enfrentar uma fiscalização nos desmandos político-administrativos dos governantes anteriores, de modo que o “povo” falava que, ao contrário do embate militar que não ocorreu, a nova empreitada dos recém-empossados no poder constituiria um obstáculo ainda maior.



Dia 20/12/1930 Edição 1174 (pág. 19)

A revista mostrava o líder do país sentado na poltrona de presidente, rodeado pelo povo, num contexto em que cada qual apresentava sua opinião a ele. Getúlio Vargas com uma das mãos à cabeça e olhos bem abertos, mostrava uma fisionomia preocupada. A revista ainda expressava na legenda, “*O Sr. Getúlio quer governar com a opinião pública!*”, o que consistia na ideia da afirmação de que o presidente vinha querendo mostrar que era um homem do povo e com o apoio dele viria a governar o país. Porém sua expressão demonstrava que esta ideia não era tão fácil de pôr em prática.



Dia 27/12/1930 Edição 1175 (capa)

Nesta caricatura Getúlio Vargas estava vestido de Papai Noel, que de conhecimento geral é o nome dado ao personagem de roupas vermelhas e longas barbas brancas que surge na véspera do dia de Natal com um saco de presentes para dar a todas as crianças que bem se comportaram durante o ano, porém aqui ele estava distribuindo interventores aos estados brasileiros. A revista *Careta*, neste momento, numa forma clara, faz uma apresentação bem-humorada e crítica das ações do presidente em 1930. Os estados foram representados por sapatos, que também de conhecimento popular é um dos lugares em que são colocados os presentes nesta época do ano. Mostrava também a situação financeira representada por sapatos velhos e esburacados e o Jeca anunciando, “*Há muito que andamos descalços. V. Ex.^a não encontrará sapatos para todos os interventores...*”. Ele vinha a comunicar ao presidente, que alguns estados do país estavam falidos e que os interventores encontrariam em seus ‘sapatos’ uma permanência

de problemas sociais, políticos e econômicos para os quais as soluções pareciam inviáveis.



Dia 03/01/1931 Edição 1176 (capa)

Nesta caricatura do início do ano de 1931 a revista *Caretta* trouxe em sua capa Getúlio Vargas atirando em um alvo onde estava estampado “pactos do governo provisório”. Ele estava acompanhado de Oswaldo Aranha, que tinha por função segurar a munição da arma. As balas atiradas faziam uma fumaça aludindo à revolução do ano anterior e o Jeca, sentado numa arquibancada, tirou seu chapéu assistindo a tudo e comentou: “*Atirar é fácil, acertar é difícil...*”, ou seja, deixando claro que o presidente provisório teria muito trabalho para conseguir harmonizar todas as promessas e compromissos assumidos quando tomou posse do governo.



Dia 10/01/1931 Edição 1177 (pág.14)

Esta caricatura apresentava Getúlio Vargas fazendo muita força com um facão para cortar uma serpente, símbolo de uma linha viva, que não tem começo nem fim, é só movimentar-se e ela torna-se suscetível a todas as metamorfoses.²⁸ Esta serpente apresentava duas cabeças e era a representação das despesas do país. O Jeca, com seu sorriso debochado, anunciava, “*Cortando de um lado, crescendo do outro...*”, ou seja, queria mostrar que as despesas do país eram algo que crescia rapidamente e que o corte delas, era uma das grandes dificuldades que o novo governo viria a enfrentar no campo econômico.

²⁸ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 814.



Dia 17/01/1931 Edição 1178 (pág.30)

Caricatura que vinha a fazer alusão à necessidade governamental de renovar os quadros burocrático-administrativos, visando arranjar cargos para os aliados, desde os de primeiro escalão até os mais subalternos, pois havia muita demanda para tantos aliados.



Dia 24/01/1931 Edição 1179 (pág.15)

Nesta caricatura Getúlio Vargas estava mostrando ao povo, representado por uma pessoa simples, magra, de chapéu na mão, o novo *layout* do orçamento da despesa. Este representado por um homem de tamanho avantajado, tanto em altura quanto em largura, bem vestido, com um largo sorriso. Em conversa do povo com Getúlio Vargas a caricatura vinha a expressar que o primeiro não conseguia ainda identificar as mudanças propostas pelo novo governo, ou seja, tudo era apenas “maquiagem”. Era o início de algumas das primeiras críticas em relação aos novos donos do poder central.



Dia 24/01/1931 Edição 1179 (pág.34)

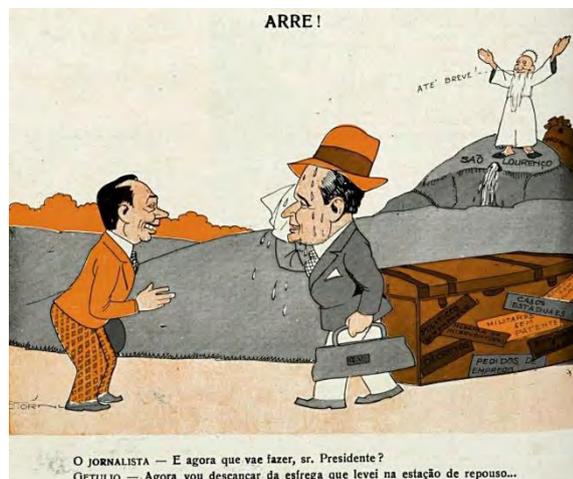
Caricatura que vinha a retratar de maneira irônica o artigo 1º do decreto nº 19.398, de 11 de novembro de 1930²⁹, o qual se referia: “*Todas as nomeações e demissões de funcionários ou de quaisquer cargos públicos, quer sejam efetivos, interinos ou em comissão, competem exclusivamente ao chefe do governo provisório.*”

²⁹ Conforme: www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/D19398.htm. Acesso em:21-06-2016.



Dia 07/02/1931 Edição 1181 (pág.14)

Tendo o carnaval do ano de 1931 como pano de fundo, esta caricatura vinha a mostrar as dificuldades financeiras que o país estava atravessando. Ela fazia alusão ao fato de a Revolução de 1930 ter sido uma festa e que, naquele momento, começava a nação a voltar a realidade e também à necessidade de se tomar medidas que viessem a solucionar a crise vivenciada no Brasil.



Dia 21/03/1931 Edição 1187 (pág.30)

Esta caricatura insinuava que Getúlio Vargas, todo suado e cansado, estaria retornando de uma estação de repouso no município de São Lourenço, uma das mais conhecidas estâncias hidrominerais, localizada no estado de Minas Gerais. Junto a ele se encontrava um baú, cheio de solicitações fazendo alusão a que na verdade ele estava no estado de Minas Gerais, negociando com seus aliados de revolução as promessas feitas e que, passada a euforia da vitória, estavam sendo cobradas.



Dia 04/04/1931 Edição 1189 (pág.34)

A revista *Careta*, ainda num clima de euforia, trazia a figura de Getúlio Vargas todo sorridente, com modos cândidos com a finalidade de contrastar com a dos antigos ocupantes do poder, fazendo transparecer o novo perfil moralizador do país. Porém a mesma revista já começa a plantar a semente da desconfiança quando lança a legenda da caricatura: “ - *É uma pérola. Incapaz de matar uma mosca.*

-Sim, mas naquela maciota, e com aquele sorriso bonachão, tem levado muita gente ao...paraíso.” Há também uma ferrenha ironia ao comparar um político a um santo.



Dia 02/05/1931 Edição 1193 (pág.30)

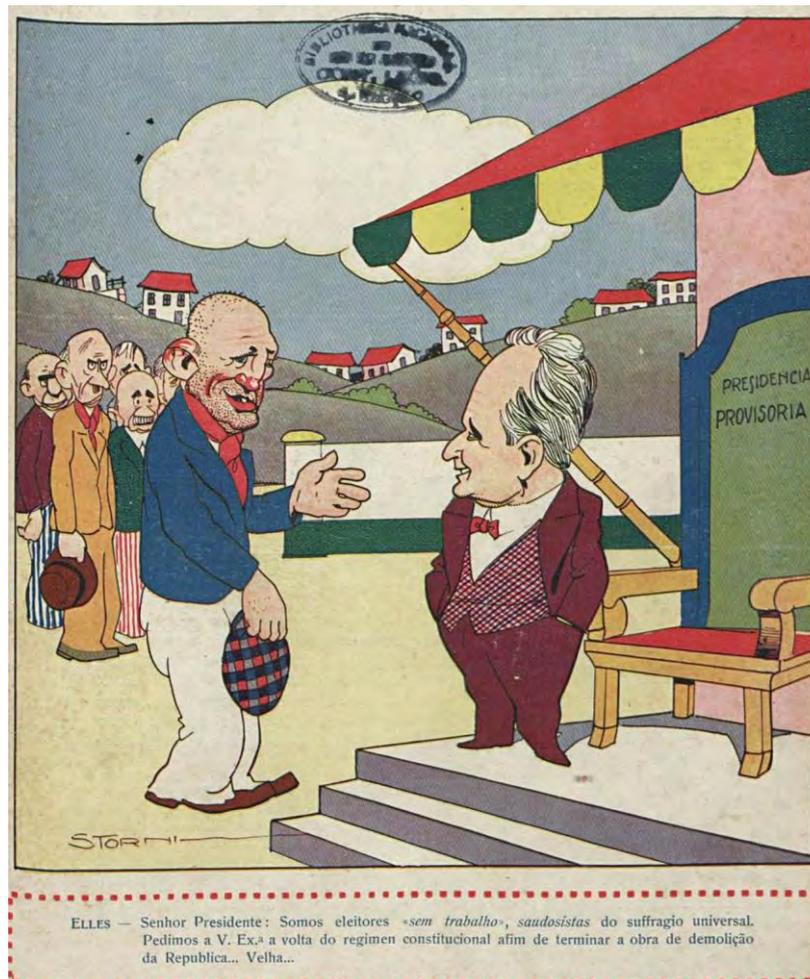
Caricatura para refletir o início de uma certa sensação de mal-estar. Há uma crítica muito irônica, mostrando a imagem da despesa como uma mulher obesa e o povo continuava maltrapilho, e Getúlio Vargas removendo os últimos pertences do povo, ou seja, muda o governo, mas a miséria do povo continuava a mesma, bem como os pesados encargos que sobre ele recaíam para sustentar o Estado.



Dia 09/05/1931 Edição 1194 (pág.14)

Aqui a revista *Careta* trouxe Getúlio Vargas cozinhando em um grande caldeirão, que pode simbolizar, *o caldeirão da abundância*, símbolo de um conhecimento ilimitado³⁰. O governante estava suando bastante e com uma expressão de cansaço para manter tudo dentro do caldeirão. A revista queria neste momento mostrar as dificuldades enfrentadas pelo presidente para manter todos conchavos e negociações, entre os variados segmentos envolvidos na revolução, na mesma sintonia uma vez que, passada a euforia da vitória, as diferenças logo começam a surgir. A *Careta*, porém, mostrava de forma otimista, que o presidente Getúlio Vargas ainda poderia ser o homem certo para estar à frente do comando.

³⁰ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 166.



Dia 30/05/1931 Edição 1197 (capa)

Em sua capa no final do mês de maio de 1931 a revista *Caretta* começava a assumir a postura de porta-voz dos anseios populares, frente aos principais acontecimentos políticos do país. Utilizando-se do humor, ela vinha a mostrar os eleitores do país solicitando ao presidente, a volta das eleições e do regime constitucional. O então presidente, representado com um sorriso ambíguo e enigmático, reforçava a construção da imagem de Getúlio como articulador e estrategista, na tentativa de garantir sua permanência no poder.



Dia 30/05/1931 Edição 1197 (pág.15)

Esta caricatura vinha a fazer uma analogia da situação de vida dos brasileiros com a música “ Os barqueiros do Volga”³¹. Música esta, considerada um clássico russo, sua letra narra a vida dos barqueiros do rio Volga, que para fugir de sua existência miserável ganhavam a vida sob condições desumanas, puxando barcos próximos da margem até o porto. Nesta caricatura temos o presidente Getúlio Vargas, com os braços abertos, em cima de um barco cheio de pedras, que representavam os novos impostos, e o povo brasileiro, representado pelos agricultores, comércio, operários, etc, puxando este barco. Na legenda o presidente de forma irônica fala: “*Façam força, que eu gemo...*”, em clara alusão à espoliação do povo brasileiro sob as garras governamentais.

³¹ Conforme jornalggn.com.br/blog/luisnassif/a-cancao-russa-e-os-barqueiros-do-rio-volga. Acesso em 15-06-2016.



Dia 06/06/1931 Edição 1198 (pág.18)

Caricatura que tinha por objetivo fazer uma piada em relação à situação que se encontrava o Rio de Janeiro, pois entre outubro de 1930 e dezembro de 1931 foram nomeados quatro interventores para o estado, todos eles, estranhos à política local, ou seja, geralmente eram escolhidos como interventores personagens que não eram do estado ou que não possuíam raízes políticas nele.



Dia 20/06/1931 Edição 1200 (pág.31)

Em junho de 1931 a revista *Careta* em sua edição número 1200, apresentou uma crítica ao novo governo. A caricatura impressa, trazia o governo representado como uma estrada em construção e no diálogo da legenda deixa claro que muito pouco o novo governo teria avançado. Importante ressaltar que o povo aparece como aquele que cobra providências dos governantes e que estes estão sofrendo com as ambições e divisões internas típicas do grupo heterogêneo que chegou ao poder em 1930.

É importante frisar que apesar dessas críticas um tanto negativas, a ideia de revolução ainda continuou a aparecer como algo positivo, independente dos seus participantes.

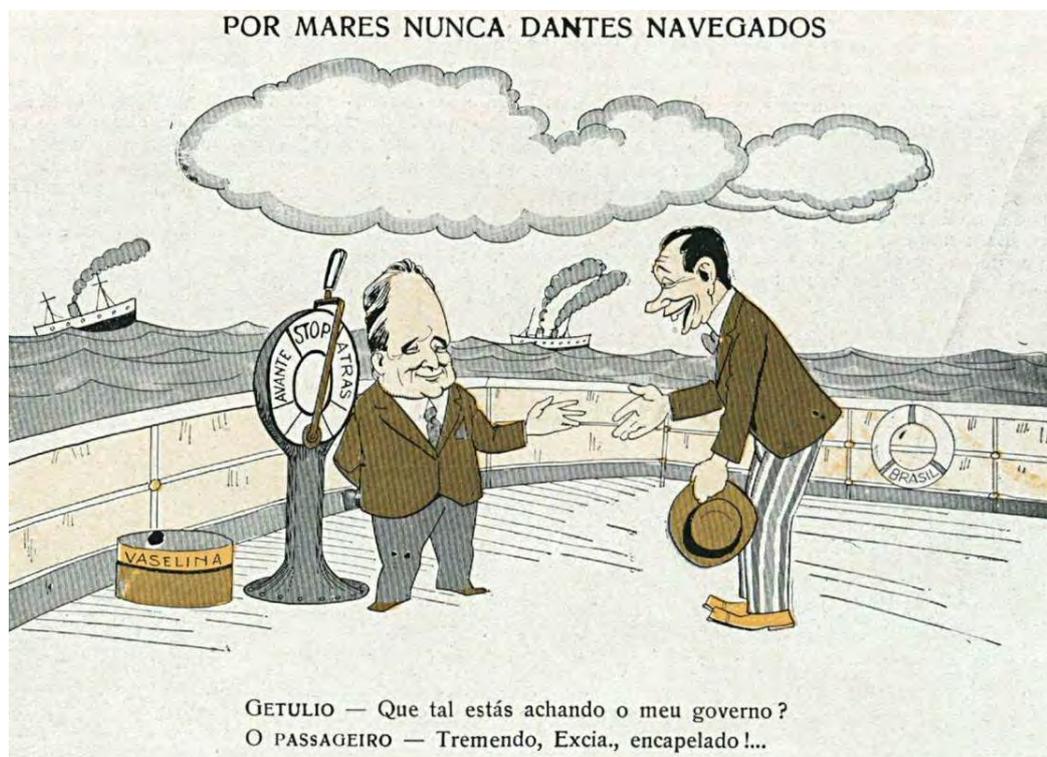


Dia 04/07/1931 Edição 1202 (pág.26)

Esta caricatura apresentava Getúlio Vargas muito alegre, de braços abertos para receber o povo. Já o povo, estava vestido com andrajos, em fila como esperando uma audiência com o governante. Flores, símbolo do amor e da harmonia³², estavam dispostas aos pés do governante e na mão de um dos representantes do povo.

A caricatura vinha a dizer que Getúlio Vargas estava pedindo um voto de confiança para o povo, pois ele estaria a acreditar que a situação do país viria e a melhorar e que todos, num futuro próximo, viriam a se beneficiar.

³² Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 437.



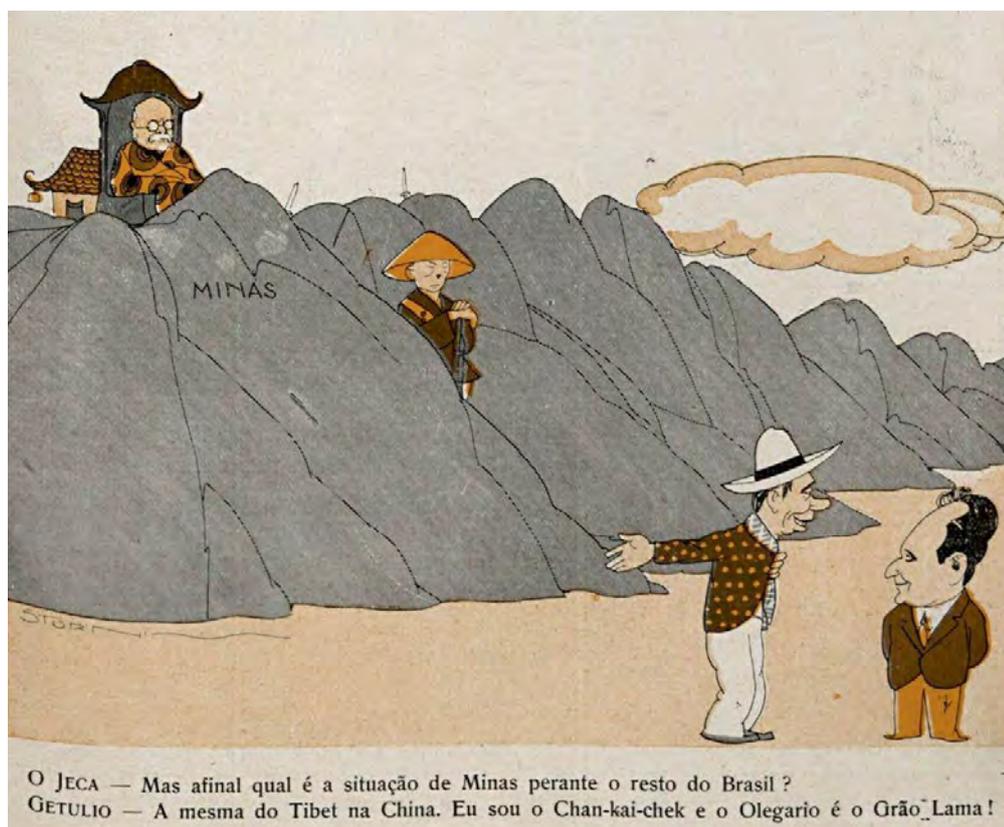
Dia 18/07/1931 Edição 1204 (pág.26)

Já passados oito meses da administração do governo provisório, a percepção de como estava o andamento deste novo governo chegava às páginas da revista *Careta* de forma contundente. Nesta caricatura o Brasil, representado por um barco estava navegando em águas agora bastante agitadas. Getúlio Vargas, com uma expressão enigmática estava posicionado ao lado de uma lata muito grande de vaselina e perguntava ao passageiro do barco como andava seu governo. O passageiro com o chapéu em uma mão e a outra estendida comentava, de forma figurada (falando-se do mar ou das ondas) que estava bastante agitado, encrespado. A posição do direcionamento da embarcação que representava o Estado revelava que o mesmo encontrava-se parado, em alusão à estagnação do país naquele momento.



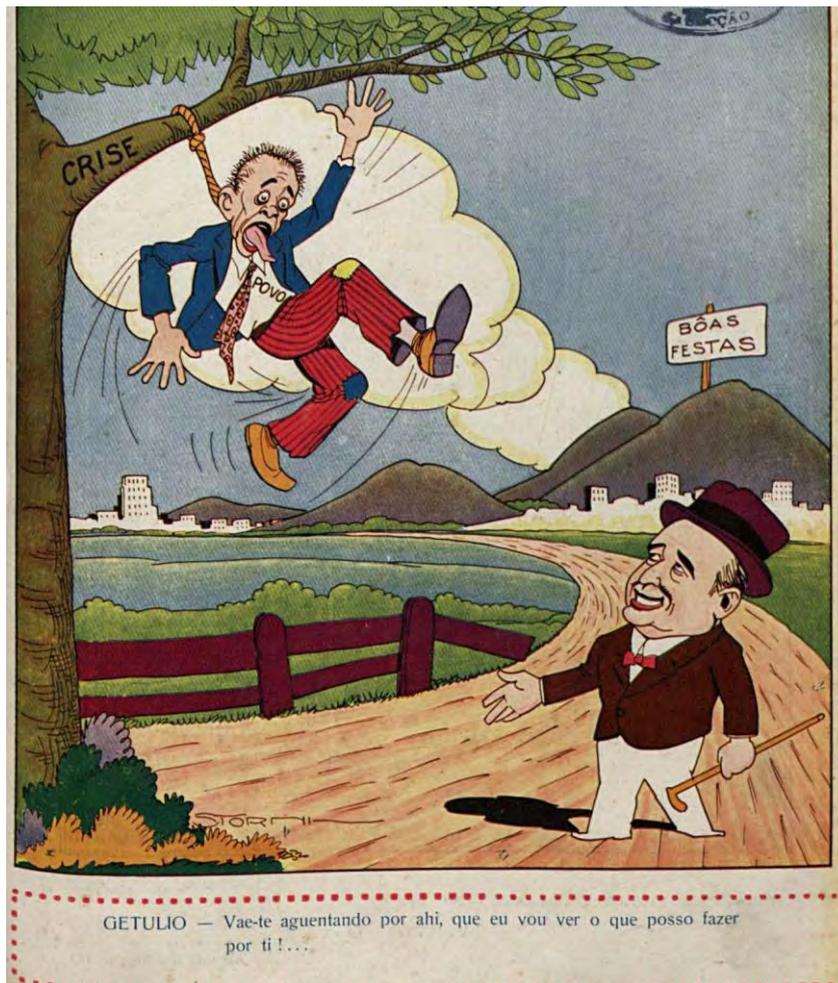
Dia 08/08/1931 Edição 1207 (capa)

Nesta capa da revista *Caretta* de agosto de 1931 o governo provisório estava representado por um bonde, meio de transporte dominante na época, o condutor era o presidente Getúlio Vargas, com seu eterno sorriso enigmático, acompanhado de seu fiel companheiro Oswaldo Aranha. A linha era via Catete, alusão ao palácio do governo. Na parte da frente do bonde era exibido um cartaz que anunciava uma nova edição da Constituição em breve. Na legenda fica explícita a mensagem de que o governo provisório veio para ficar, não era algo passageiro. Ao Jeca restava acompanhar o conselho do condutor/presidente que indicava o embarque como única opção viável.



Dia 21/11/1931 Edição 1222 (pág.31)

Caricatura que trazia uma analogia da posição política de Getúlio Vargas e Olegário Maciel com a relação da China com o Tibete. A situação abarca até hoje, um confronto de perspectivas contrárias entre autoridades tibetanas e chinesas e, à época, revelava a intenção do periódico em mostrar certa desarmonia entre os aliados de 1930.



Dia 26/12/1931 Edição 1227 (capa)

Em dezembro de 1931, passado um ano do governo provisório, a revista *Careta* em sua edição 1227 exibiu novamente críticas ao governo vigente. A capa desta edição, trazia o povo, com suas roupas remendadas, sendo enforcado em uma árvore, cujo galho representava a crise que estaria atingindo o país. Ao fundo, sobre um morro, a placa de *Boas Festas*, aludindo às festas de final de ano (o povo em função da crise, e a falta de dinheiro, muito pouco teria a comemorar) e o presidente caminhando calmamente, muito bem vestido, portando uma bengala, vê o povo enforcado e fala – *Vai te aguentando por aí, que eu vou ver o que posso fazer por ti!...*, revelando a ideia do periódico de que o governo pouco estaria preocupado com os interesses populares.



Dia 09/01/1932 Edição 1229 (capa)

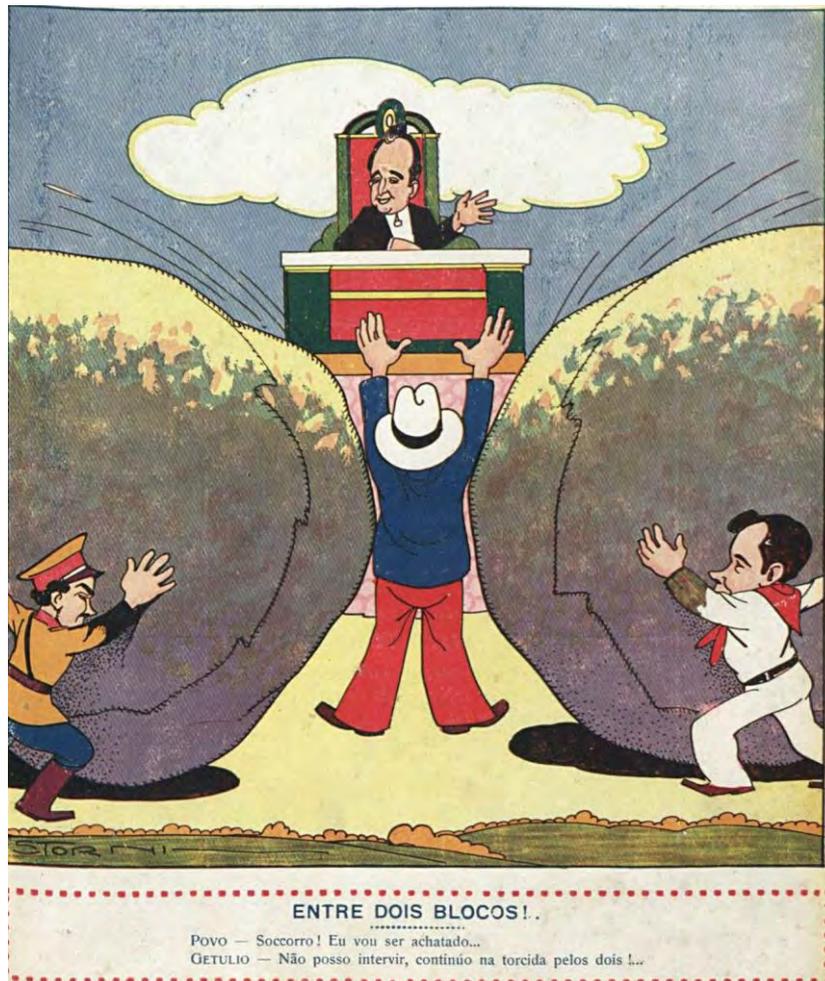
Com esta capa, a revista *Careta* vinha demonstrando sistematicamente nas páginas de sua revista, a falta de interesse do presidente Getúlio Vargas em colocar o país nos rumos constitucionais novamente. A legenda, na forma de diálogo entre o político e o povo, vinha a esclarecer que o presidente além de não ter pressa iria postergar o quanto pudesse a situação presente naquele momento.



Dia 16/01/1932 Edição 1230 (pág.14)

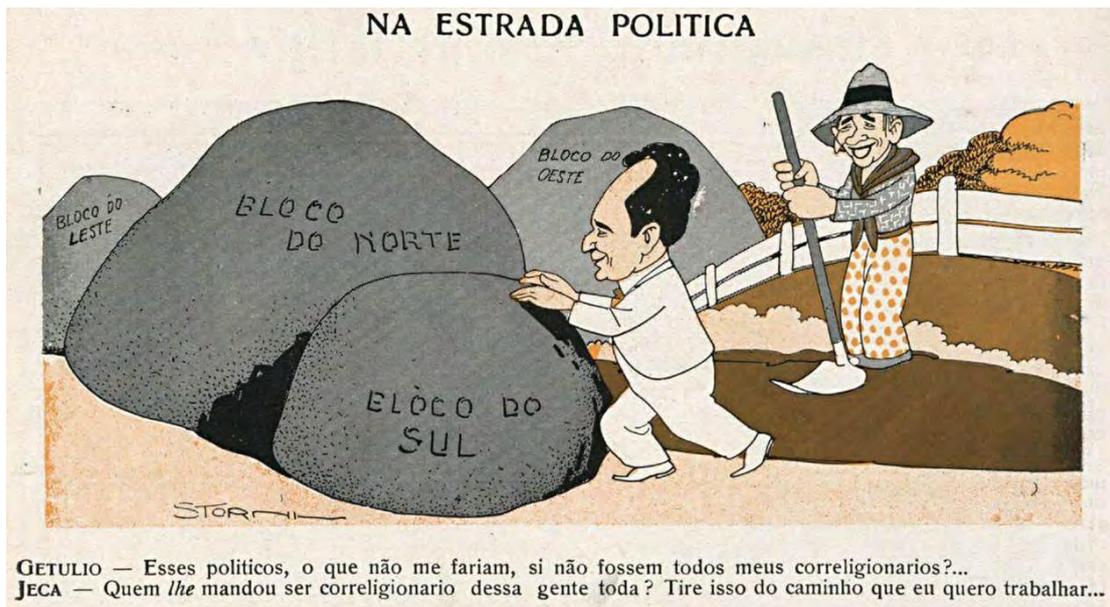
Novamente a revista *Careta* vinha demonstrar as manobras operadas pelo presidente Getúlio Vargas para o adiamento do país em ter uma nova Constituição. Nesta caricatura Getúlio Vargas estava representado por um pastor, pessoa a qual Deus delega parte de sua autoridade, ou seja, por causa de suas funções ele aparece como um sábio e vem a arrebatar o povo³³. Aqui ele estava recitando os artigos da nova lei eleitoral, esta por sua vez veio para amenizar as críticas e adiar ao máximo a Constituição. A representação do “povo”, ao largo, limitava-se a assistir à cena, designando a imagem da passividade.

³³ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 691.



Dia 23/01/1932 Edição 1231 (capa)

A revista *Caretta* de forma irônica, no início do ano de 1932, vinha com esta capa alfinetar o governo de Getúlio Vargas. Ela trazia o povo pedindo socorro pois estava sendo espremido por dois blocos de pedra, cada qual representava forças opostas que começavam a se chocar, notoriamente os tenentes e certos representantes das oligarquias. O presidente, sentado em sua cadeira presidencial, informava ao povo que nada podia fazer, pois torcia pelos dois lados, ou seja, na verdade ele estava no aguardo para ver qual das forças sairia vitoriosa para assim reafirmar sua aliança na tentativa de manutenção do poder.



Dia 05/03/1932 Edição 1237 (pág.18)

A caricatura em questão vinha expor a figura do presidente como um estrategista e articulador da política nacional e também as dificuldades que ele vinha enfrentando para conseguir manter todos como seus aliados. Seus correligionários/opositores estavam representados por blocos de pedras, os quais ele precisava tirar do seu caminho para prosseguir trabalhando com as mudanças que ele pensava serem fundamentais para o país.



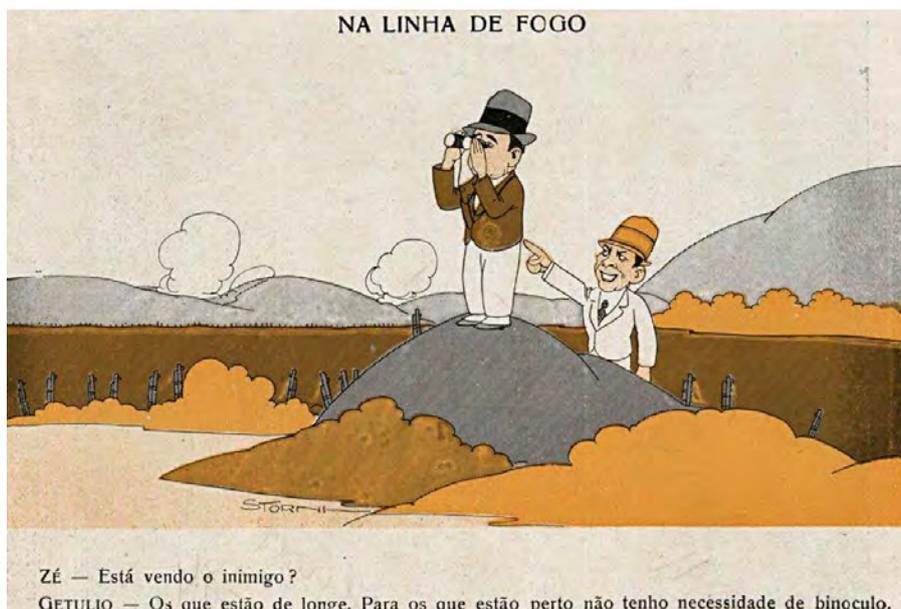
Dia 12/03/1932 Edição 1238 (pág.26)

Esta caricatura vinha a demonstrar o pensamento de Getúlio Vargas na época. Segundo ele o que era necessário para seu governo colocar o país no eixo correto era tempo. Aqui este é representado segundo Getúlio como o “grande general brasileiro”. Ainda segundo ele, seria resolvido todos s problemas que o Brasil vinha enfrentando, desde que dessem tempo para ele atuar, o tempo seria seu melhor aliado. Ao povo cabia o ônus de carregar em seus ombros os tantos “casos” de desmandos que estariam a ocorrer no país.



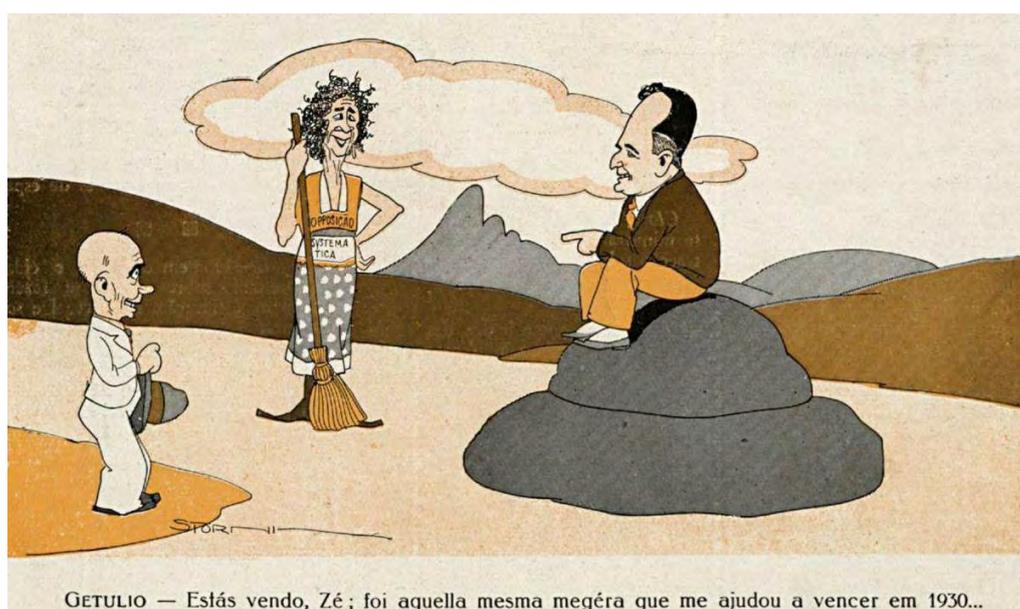
Dia 02/07/1932 Edição 1254 (pág.26)

Novamente a revista *Careta* trazia em suas páginas, caricatura que vinha a descortinar o governo somente com Getúlio Vargas e seu fiel amigo Oswaldo Aranha. A revista reforçava neste momento a constatação de que alguns dos aliados haviam abandonado o governo e vinham se tornando forte a oposição. Ainda assim, Vargas demonstrava confiança, afirmando ao “Jeca/povo” que iria resistir aos seus opositores.



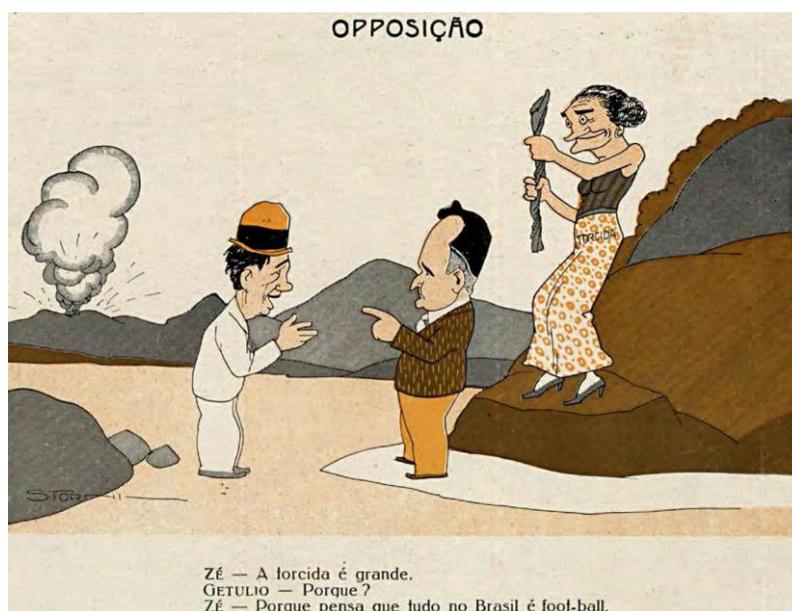
Dia 06/08/1932 Edição 1259 (pág.26)

Num ambiente de incertezas, a revista *Careta*, mostrava ainda algum tipo de confiança em Getúlio Vargas, mostrando com esta caricatura que o presidente era habilidoso em identificar seus inimigos políticos. Mesmo estando “na linha de fogo”, ela representava a figura do presidente de forma serena, bem vestido, analisando os acontecimentos que estavam fora de suas vistas, pois o que estava ocorrendo a sua volta ele estava a par de tudo, ou seja, era o “dono da situação”, apesar da interrogação proposta pelo “Zé-povo”.



Dia 27/08/1932 Edição 1262 (pág.16)

Nesta caricatura contemplamos o presidente Getúlio Vargas conversando com o Zé, simbolismo do povo, e apontando para uma mulher velha, com forma decrépita e carregando uma vassoura, a qual para Vargas era a representação de todas as mais diferentes forças políticas que se uniram e o levaram ao poder em 1930 e que agora lhe faziam forte e constante oposição, sendo a mesma caracterizada como “sistemática”.



Dia 03/09/1932 Edição 1263 (pág.32)

Na caricatura, ao mostrar a conversa entre o político e o “Zé-povo”, o periódico compara a situação política a um jogo de futebol, pois em ambos os campos haveria uma competição acirrada. No caso das disputas futebolísticas, o alvo era a vitória esportiva, mas no cenário nacional, ocorria o enfrentamento bélico entre os paulistas da Revolução Constitucionalista e as forças varguistas e de tal jogo político e bélico sairiam os resultados definitivos para os rumos da nação.



Dia 17/09/1932 Edição 1265 (capa)

O mote da caricatura é, mais uma vez, a Revolução Constitucionalista. Vargas, tal qual em outubro de 1930, mais uma vez se travestia em militar e partiria para o enfrentamento dos inimigos. O Zé-Povinho, com ironia, dizia que seria até mesmo melhor enfrentar a trincheira na frente de batalha, do que permanecer seguro, mas ser assolado pela onda de um possível derrotismo que poderia vir a afligir as forças governistas

2.3. O protagonista em si

O último grupo de caricaturas que será apresentado nesta pesquisa se refere ao presidente Getúlio Vargas como o protagonista em si, ou seja, é a sua figura presente nas caricaturas como a essência principal, é o processo de construção da imagem de Getúlio como articulador e estrategista, da pessoa fundamental para salvar o Brasil.

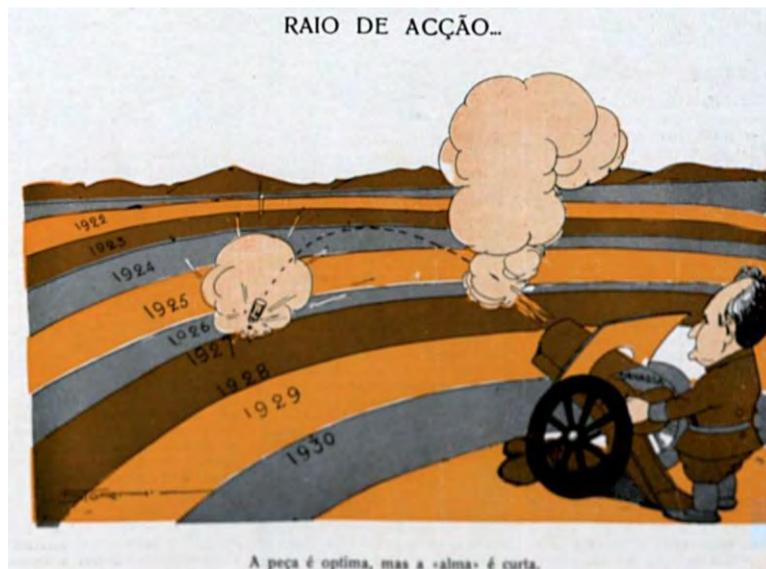
Retratadas não só na revista *Careta*, mas em diversos jornais e periódicos, as caricaturas de Getúlio Vargas estamparam as páginas da imprensa no Brasil. Como aponta Herman Lima, Getúlio Vargas, junto com D. Pedro II é o personagem mais desenhado da história do Brasil. (LIMA, 1963)

A revista *Careta* nos anos 1930 – 1932, utilizando de ironia, comicidade, características pessoais, gestos físicos, hábitos, expressões, figurou em suas páginas a representação da figura do presidente Getúlio Vargas. No início, como o homem que era a esperança de um novo Brasil, a pessoa que chegou ao poder para transformar o país. Porém, à medida que o presidente foi se consolidando no poder, e pelo evidente desinteresse na elaboração de uma nova Constituição, a revista trouxe as suas páginas uma outra representação desta mesma pessoa, a crítica e o deboche com relação às ações tomadas pelo novo governo passam a tomar conta das páginas do semanário, ou seja, em determinadas caricaturas foi possível detectar, indiretamente, a caracterização de Getúlio Vargas como um estrategista e articulador astuto, porém, em outros momentos, ficou claro o posicionamento crítico da revista frente ao regime e a seu líder político.

Ainda segundo Lima,

Nas centenas de charges que o lápis dos nossos pinta-monos perpetrou, em seguida à ascensão política do prócer gaúcho, quer como Chefe do Governo Provisório, quer como Presidente Constitucional de 1934, que como candidato à Presidência em 1945 ou Presidente em 1950, o que ressalta, antes de mais nada, além da interpretação física do modelo [...] é a íntima personalidade do estadista consumado que por mais tempo dominou o cenário político nacional, mercê de sua insuperável tática de envolvimento e anulação de todos os poderes antagônicos. (LIMA, 1963, pp.345-346)

Veremos estas considerações nas caricaturas a seguir.



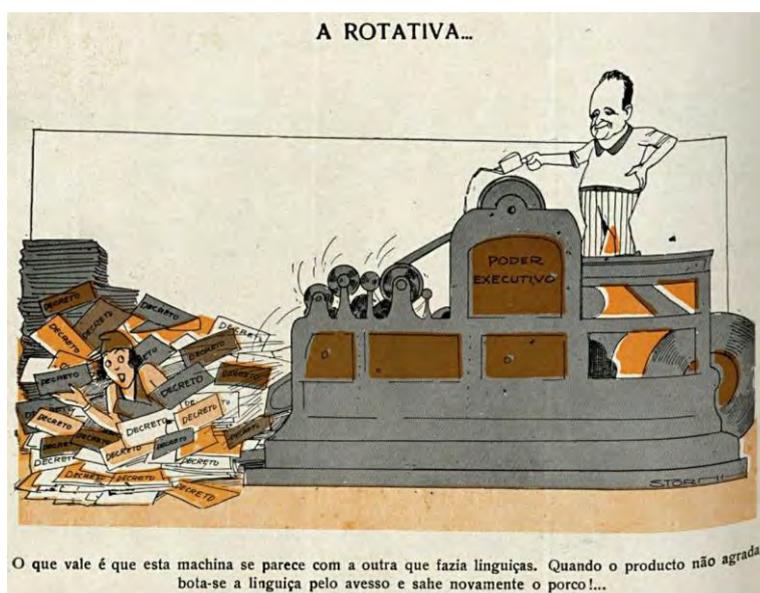
Dia 29/11/1930 Edição 1171 (pág. 27)

Numa das primeiras caricaturas relacionadas ao novo governo, a revista *Careta* apresentava Getúlio Vargas atirando com um canhão num alvo que representava os anos anteriores à revolução, os quais correspondiam exatamente à crise dos anos vinte. Ela estava mostrando a necessidade de se fazer uma devassa administrativa, para investigar os atos de corrupção dos governos anteriores. Era a representação da esperança. O novo governo provisório estava chegando e prometia acabar com os desmandos dos governos anteriores e resolver os problemas do país.



Dia 06/12/1930 Edição 1172 (pág. 14)

Aqui estava explicitada que as finanças públicas do Brasil estavam “doentes”. As finanças, eram representadas por uma mulher em péssimo estado. O chefe do governo era apresentado como um “médico” que prescrevia a emissão monetária para solucionar os problemas nacionais, ou seja, mudara o governo, mas as ações permaneciam parecidas, pois os remédios aplicados eram os mesmos. A *Careta* através desta caricatura vinha a declarar que a situação econômica do Brasil não se alteraria tão cedo mesmo com a nova política de intervenção governamental.



Dia 21/02/1931 Edição 1183 (pág.30)

De forma crítica a revista *Careta* vinha a mostrar com esta caricatura o novo regime de governo do país, ou seja, sem uma Constituição e governado através de decretos. Getúlio Vargas, como um “dono” do poder executivo, vai soterrando a Nova República em decretos.



Dia 11/04/1931 Edição 1190 (pág.32)

Ainda em clima de otimismo, a revista *Careta* trazia Getúlio Vargas demolindo a República Velha, representada por uma velha igreja, com uma picareta, e ao mesmo tempo, ironicamente, anunciava que mesmo derrubando as estruturas da Velha República, o presidente, apesar de toda a sua visão e habilidade política vinha padecendo de ataques de seus próprios aliados, ou seja, dos descontentes, dos que não foram contemplados com a distribuição do espólio do poder. Fica demarcada também a contradição entre o passado e o presente, ou seja, a participação de Vargas e seu grupo no tradicional jogo político oligárquico – as “igrejinhas” e, desde a Aliança Liberal, colocando-se como um crítico a tal regime, de maneira que chegou a ir de encontro aos interesses de alguns de seus aliados.



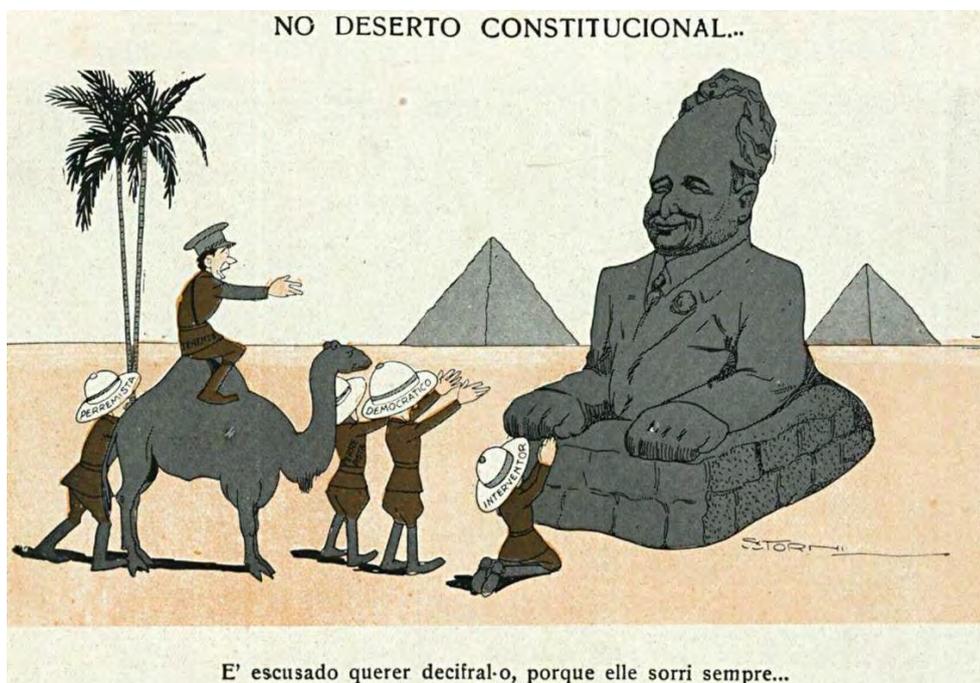
Dia 16/05/1931 Edição 1195 (pág.34)

Neste momento, a revista *Careta* demonstrava ser uma simpatizante do regime que se instalava. Esta caricatura era a representação de Getúlio Vargas, após sete meses de seu governo, conversando com a República Nova, esta, representada por uma bela mulher, muito bem vestida e com uma expressão serena. A conversa que se desenrolava era com relação aos descontentes do novo regime. Entretanto, apesar do apoio explícito, a revista, mantinha uma postura crítica frente aos acontecimentos, mostrando que a “jovem-república” já vinha perdendo um pouco de sua “pureza” original.



Dia 01/08/1931 Edição 1206 (capa)

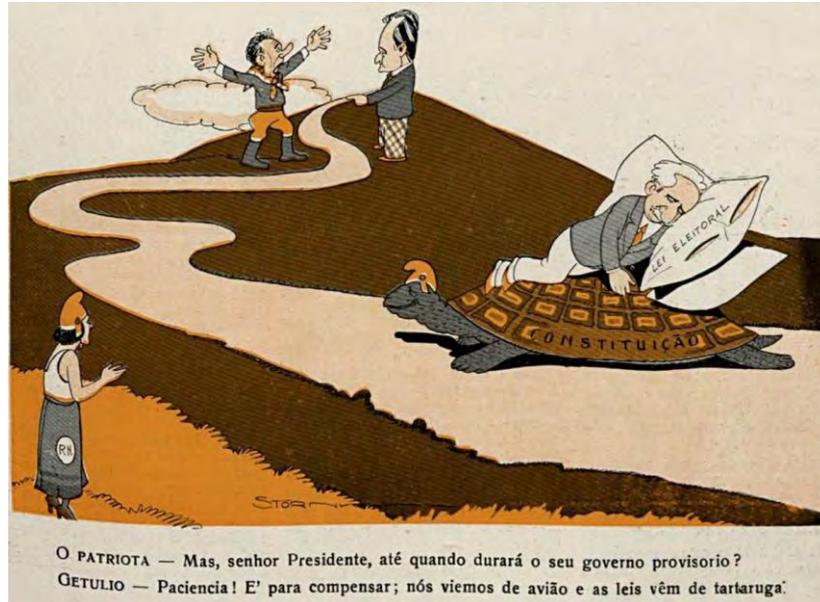
Esta caricatura vinha a expressar o pensamento de Getúlio Vargas quanto à Constituição. Segundo o desenho, a Constituição, representada por uma jovem, bem vestida, com um olhar inocente, seria corrompida pelos políticos de carreira. Estes representados por um velho homem de cabelos e barbas brancas, bem vestido e com um olhar devasso. Para Getúlio Vargas, ainda não era hora de retomarmos o rumo da constitucionalização do país. Segundo tal perspectiva, o povo, ainda não estaria pronto, para a execução de um processo eleitoral, havendo a necessidade de primeiro ser feita uma devassa política e ele era o homem certo para a condução da mesma.



Dia 12/09/1931 Edição 1212 (pág.14)

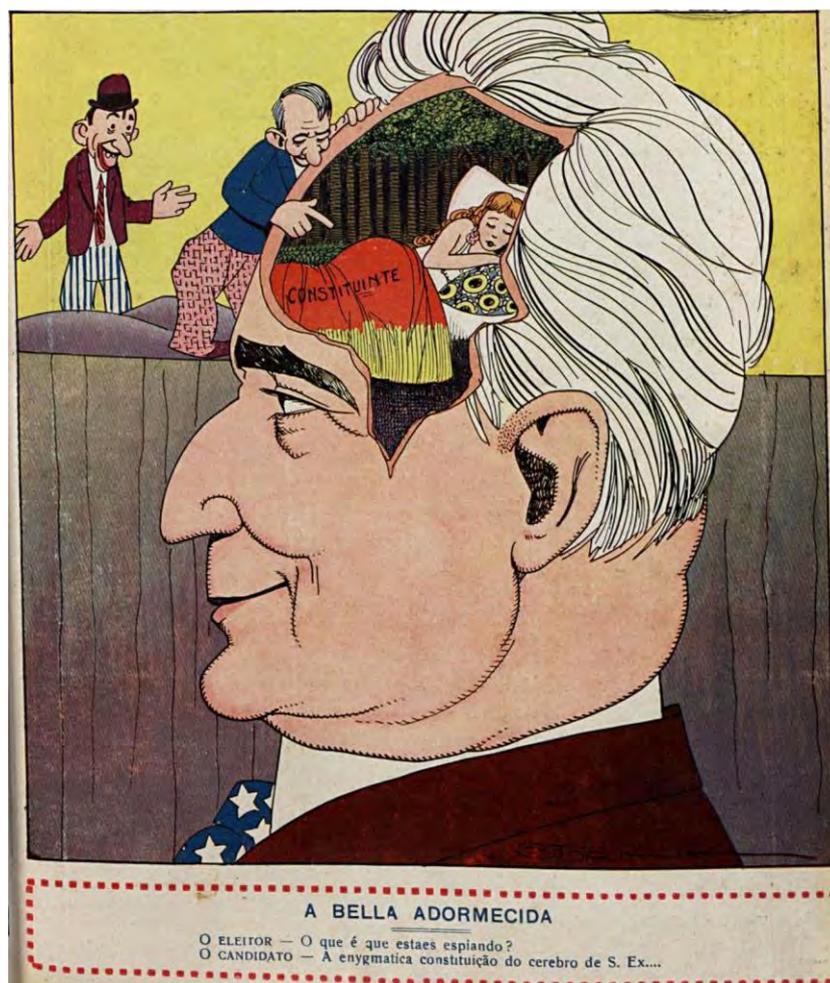
Nesta caricatura o presidente Getúlio Vargas foi representado por uma esfinge, construção de pedra com cabeça humana e olhar enigmático, símbolo do inelutável, o início de um destino, que apresenta ao mesmo tempo mistério e necessidade³⁴. O periódico vinha a fazer alusão tanto à personalidade como ao eterno sorriso enigmático do presidente, pois na maioria das vezes nem seus aliados conseguiram decifrar as suas intenções ou o que se passava na cabeça de Getúlio Vargas.

³⁴ Conforme Chevalier & Gheerbrant. p. 389.



Dia 24/10/1931 Edição 1218 (pág.31)

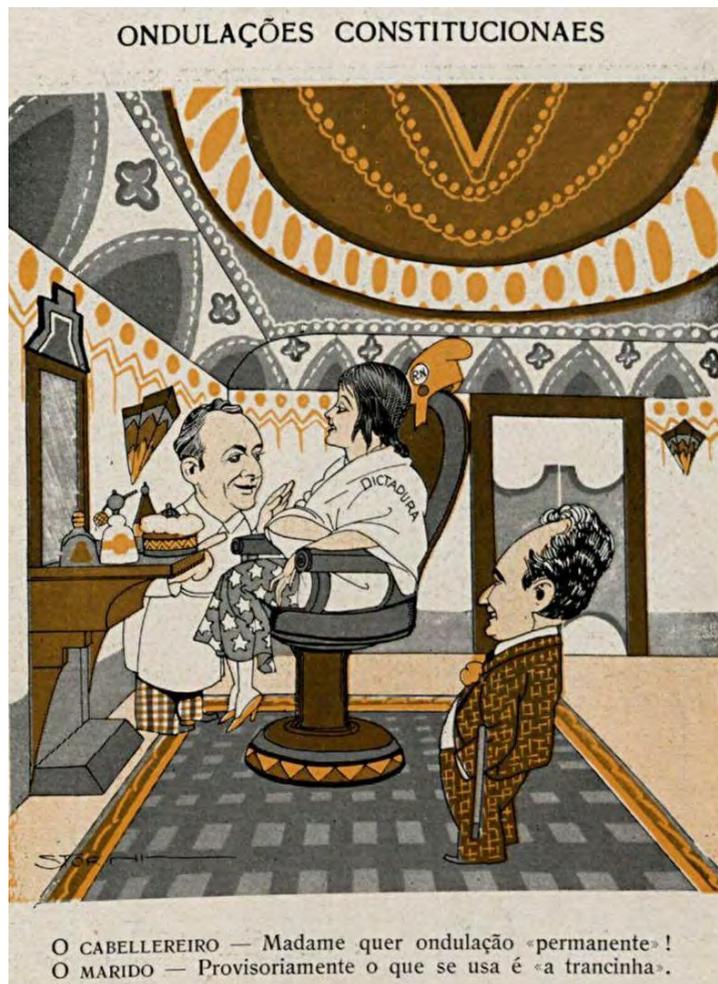
Nessa caricatura o governo novamente é representado por uma estrada sinuosa, a Constituição vinha representada por uma tartaruga, que no conhecimento popular significa lentidão, carregando Assis Brasil que dorme num travesseiro que designava as leis eleitorais. Longe estava a república nova, de certo modo estarecida, com a mão estendida olhando os acontecimentos. Getúlio Vargas na legenda deixava claro que eles agiram rápido para chegar ao governo, porém, que não tinham pressa em colocar o país novamente nos rumos institucionais.



Dia 14/11/1931 Edição 1221 (capa)

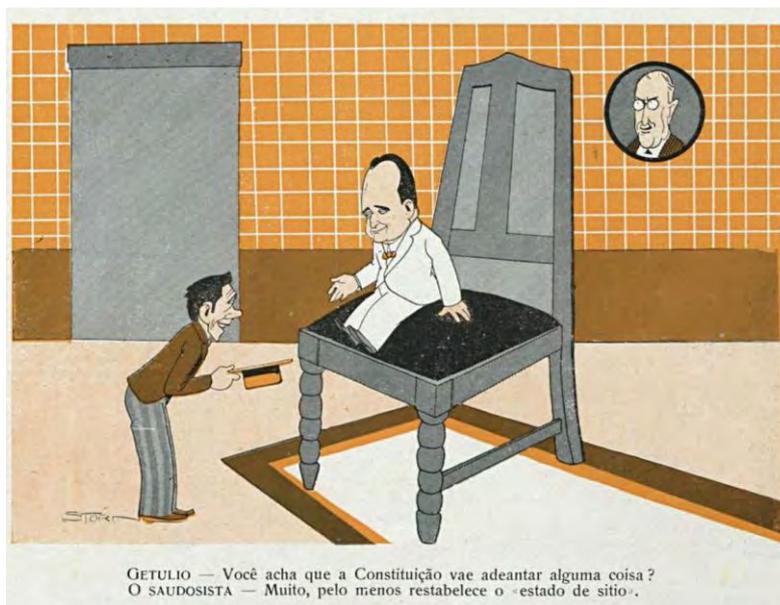
Publicada em novembro de 1931, ou seja, no final do primeiro ano de governo provisório, a revista *Caretta* trouxe para sua capa, de forma irônica, uma analogia da vontade do presidente Getúlio Vargas em ter uma constituinte com o conto de fadas “A Bela Adormecida”,³⁵ ou seja, o clássico foi representado dentro da cabeça do presidente, onde se encontrava uma jovem moça em sono profundo, coberta com o manto da constituinte, aguardando ser despertada. Além disso, era passada a ideia de que Vargas imaginava a implementação de uma constituição nascida inteiramente à feição de seu pensamento.

³⁵ Conto de fadas dos irmãos Grimm



Dia 12/12/1931 Edição 1225 (pág.31)

Nesta caricatura temos a República Nova representada por uma mulher toda arrumada, porém já vestindo o manto da ditadura. A revista *Careta* também fazia uma crítica sutil ao governo quando, apresentou um trocadilho com a palavra “*permanente*” aludindo que o governo provisório pretendia ficar de forma permanente no poder.



Dia 14/05/1932 Edição 1247 (pág.27)

Caricatura que fazia alusão ao governo de Artur Bernardes. Este enfrentou a instabilidade política desde o primeiro dia, tomou posse na presidência da República sob estado de sítio e este, seria mantido até o último dia de seu mandato. Segundo o periódico, haveria algumas semelhanças entre a administração daquele e o governo de Vargas, o qual derrubara a Constituição do país e governava através de decretos. Segundo a legenda, o povo parecia acreditar que a presença de uma constituição poderia vir a ser um fator de distinção entre aqueles dois períodos governamentais.



Dia 28/05/1932 Edição 1249 (pág.27)

Caricatura que vinha a mostrar que o presidente Getúlio Vargas era contra a ideia de uma nova Constituição para o país, porém alguns de seus aliados políticos de outrora, lutavam por esta bandeira. No desenho vê-se o presidente na figura do professor, que na linguagem figurada significa, quem sabe muito sobre um assunto ou coisa; perito³⁶, ou seja, como discordar de uma autoridade no assunto? Assim a caricatura apresentava os alunos – alguns dos políticos da época, travestidos de crianças – de cabeça baixa, quietos, pensativos. O mapa do Brasil fixado na parede era um arremedo da representação do estado do Rio Grande do Sul, ou seja, até então a maior base aliada do presidente.



Dia 04/06/1932 Edição 1250 (capa)

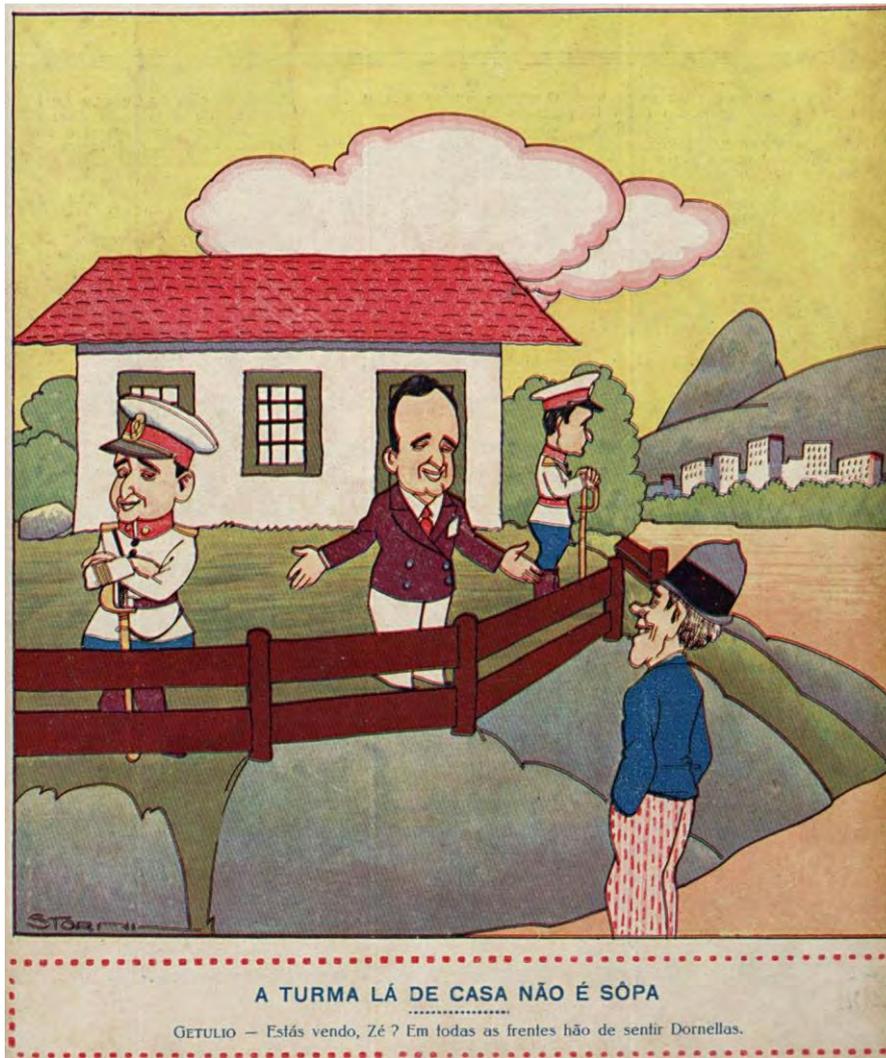
³⁶ Conforme: www.dicio.com.br/professor/. Acesso em 19-07-2016.

A caricatura em questão vinha a descortinar a realidade que se veria a partir das eleições para a Assembleia Nacional Constituinte em maio de 1933. Mesmo com a formação de diversos partidos o resultado nas urnas viria a mostrar a forças das elites regionais. Estas seriam as verdadeiras vencedoras desta luta. Getúlio Vargas na legenda conversando com a Velha Política já evidenciava este desfecho.



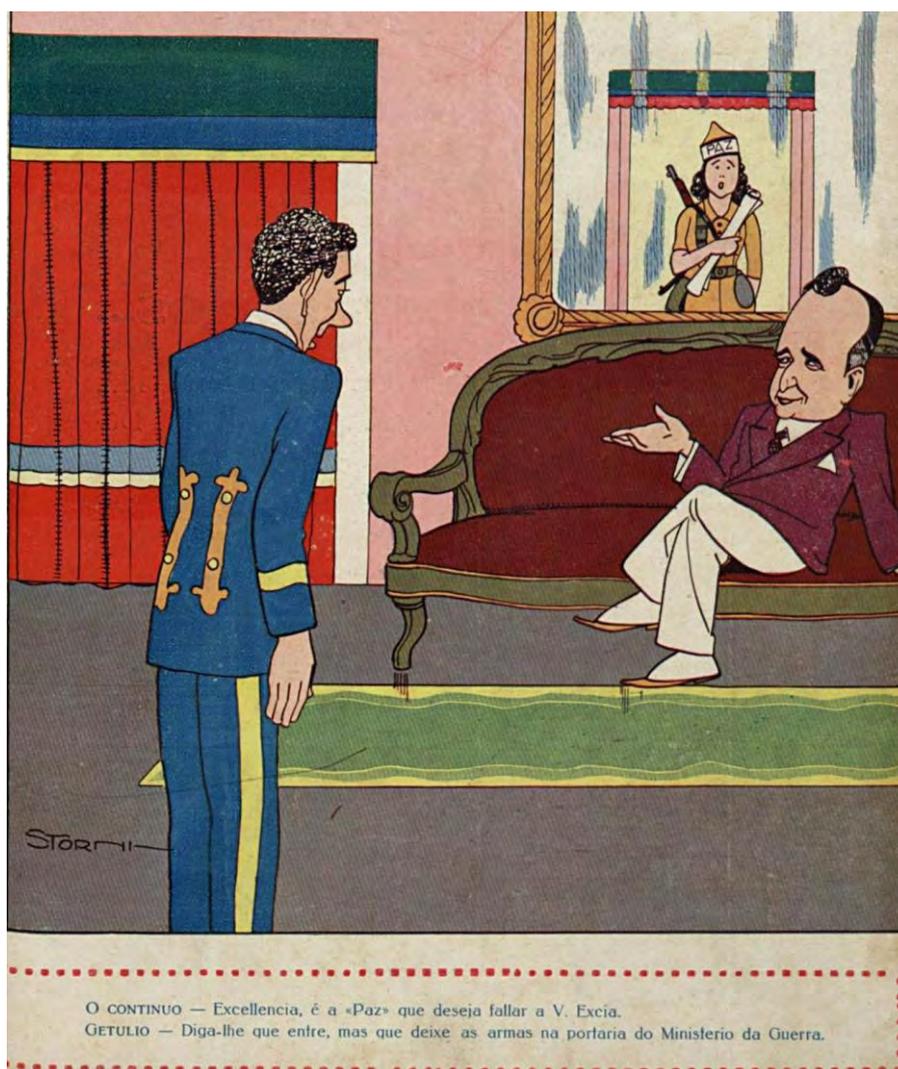
Dia 25/06/1932 Edição 1253 (pág.14)

A revista *Careta* com esta caricatura trazia uma mensagem clara e explícita, segundo o entendimento de Vargas, ou seja, aquele seria um momento de acabar com as discussões e desavenças internas e que o país, sob a condução do presidente Getúlio Vargas, necessitava voltar ao rumo do crescimento e da obtenção de finanças para manter o funcionamento da máquina pública.



Dia 27/08/1932 Edição 1262 (capa)

Nesta capa do mês de agosto de 1932 a revista *Caretta* mostrava sistematicamente a oposição que o presidente Getúlio Vargas vinha recebendo dos mesmos grupos que o elegeram no ano de 1930. Aqui é feito um trocadilho com o sobrenome de Vargas, Dornelles, pelo qual ele deixa claro que, independente das forças que lutarem contra ele, todas elas irão sentir a sua força, ele iria infringir “dor a elas”.



Dia 03/09/1932 Edição 1263 (capa)

Nesta capa de setembro de 1932 a revista *Careta* trazia a vitória por parte do governo diante da Revolução Constitucionalista. Foram tremendos os prejuízos àqueles que foram atingidos pela força da lei, após a deposição das armas. No primeiro momento o presidente agiu duramente com os líderes da Revolução, não houve perdão, eles foram banidos de sua pátria. Todavia, o governo também sofreu perdas, não dava mais para o Governo Provisório ignorar os anseios da população brasileira de retornar ao Estado de Direito.



Dia 24/09/1932 Edição 1266 (pág.16)

A caricatura em questão, vinha a indicar que o presidente Getúlio Vargas mais uma vez estava no front de batalha, ou seja, vencedor em 1930, e em 1932 como se sairia?



Dia 08/10/1932 Edição 1268 (pág.12)

Caricatura que vinha a aludir que Getúlio Vargas mesmo não sendo a favor da bandeira da constitucionalização, não poderia mais ignorar o clamor por ela desencadeado, mas mesmo assim seu poder estava consolidado, ele havia desconfigurado seus opositores e a “massa constitucional” estava em suas mãos.

Ao longo deste capítulo exibimos um conjunto de cento e quatorze caricaturas, todas elas tendo a presença do presidente Getúlio Vargas, pois como dito anteriormente, nos focamos no seu protagonismo. Nestas caricaturas, publicadas na revista *Careta*, no período de novembro de 1930 a outubro de 1932, divididas em categorias para se fazer um melhor entendimento, viu-se refletido o momento histórico pelo qual o país estava passando. A descrição destes momentos, feito através de um prisma caricatural, vinha a contar os acontecimentos que a sociedade brasileira estava atravessando naquele momento de profundas mudanças em seu cerne.

Os anseios, angústias, sonhos e esperanças de toda a sociedade brasileira eram descritos através das caricaturas e o altíssimo número delas publicados pela revista revelou-se uma excelente fonte para a pesquisa e o ensino da História, sendo utilizada para melhor descortinar aquele cenário, respeitando sempre os limites e visões do seu tempo e de seu desenhista. Deste modo, fica muito claro o valor delas como meio investigativo para se fazer a releitura e interpretação daquele momento histórico.

Como afirma Maria Alice Faria,

O jornal é também **uma fonte primária de informação**, espelha muitos valores e se torna assim um instrumento importante para o leitor se situar e se inserir na vida social e profissional. Como apresenta um conjunto dos mais variados conteúdos, preenche plenamente seu papel de objeto de comunicação. Mas não só, pois como os pontos de vista costumam ser diferentes e mesmo conflitantes, ele leva o aluo a conhecer posturas ideológicas frente a um fato, a tomar posições fundamentadas e a aprender a respeitar os diferentes pontos de vista, necessários ao pluralismo numa sociedade democrática. (FARIA, 2008, p.11)

Conforme o descrito acima, fica claro que o uso de jornais, revistas, periódicos, etc, como fonte para a pesquisa historiográfica exige uma atenção especial, porém o conteúdo presente em suas páginas é inestimável para a pesquisa e produção de conhecimento. Desse modo, a revista *Careta* se apresenta como um documento da sociedade naquele momento, na medida em que traz em suas páginas, algumas das concepções e ocorrências do período.

Capítulo 03

Um estudo de caso no Ensino Superior

Neste capítulo apresentaremos um estudo de caso realizado em sala de aula com os alunos do curso de História da Universidade Federal do Rio Grande. A presente turma, na época, frequentava a cadeira de História Brasileira IV que justamente trabalhava, entre outros, este período histórico proposto como objeto de estudo desta dissertação.

3.1. Considerações Preliminares

Como dito anteriormente, o estudo de caso a ser apresentado nesta dissertação foi realizado na Universidade Federal do Rio Grande com os alunos do curso de História. Esta universidade surgiu em 1969 a partir da aglutinação de diversas instituições de ensino que existiam na cidade de Rio Grande. Com relação ao curso de História, este foi criado em 1979. Primeiramente começou a funcionar o Curso de História – Licenciatura Plena e dez anos depois, em 1989, é que veio a nascer o curso de História – Bacharelado.

Segundo Alves,

Como ensino, pesquisa e extensão sempre foram tratados como processos indissociáveis, História – Licenciatura e Bacharelado – são aqui tratados como elementos constitutivos de uma mesma formação histórica, daí a constante utilização do termo “Curso de História”, designativo a ambos. (ALVES, 2009, pp.7-8).

Alves reitera,

Neste quadro, os dois Cursos de História passam a ter por metas capacitar o graduando ao exercício do trabalho de historiador, em todas as suas dimensões, pressupondo um domínio da natureza do conhecimento histórico e da sua produção e difusão. (ALVES, 2009, p.17).

Quanto à disciplina História Brasileira IV, ela aborda a formação histórica brasileira da crise dos anos 20 até a contemporaneidade. Durante muito tempo, ela se chamou “História do Brasil Contemporâneo”, passando por algumas modificações de nome, até chegar à denominação atual. Ela é oferecida no 7º período do Curso, portanto para os alunos formandos, e tem carga horária de 60 horas/aula.

3.2. Aplicação e Resultados

Ao término da apresentação, discussão, esclarecimentos de dúvidas, etc., deste período histórico, por parte do professor titular da cadeira foi realizada uma atividade dirigida com estes mesmos alunos.

Foram apresentados aos estudantes as caricaturas da revista *Careta* da época (1930-1932) nas quais a figura de Getúlio Vargas era protagonista. Com a utilização destas caricaturas e através da participação da turma com debates e propostas reflexivas foi reconstruído aquele período histórico.

Após, foi feita uma avaliação, composta de questões objetivas e analíticas (Anexo), com o objetivo de aferir e tecer um panorama sobre as percepções e reflexões a respeito da viabilidade do uso de caricaturas para pesquisar/ensinar a História, verificar, segundo estes alunos, qual o papel didático que a imagem pode vir a ter, e da validade de elencá-lo como uma fonte de pesquisa para promover análise histórica e, por meio dessa, possibilitar novas ferramentas para o ensino e a pesquisa da História, pois afinal serão eles os futuros bacharéis e professores, profissionais da história.

Participaram da atividade um total de 36 alunos, entre eles, estavam alunos dos cursos de Licenciatura e de Bacharelado.

Na primeira questão, perguntamos aos alunos, de forma objetiva, se **a observação de caricaturas fazia parte do seu cotidiano**. Dos 36 alunos participantes, 18 afirmaram que as caricaturas faziam parte da sua rotina, os 18 restantes afirmaram que não. Os gráficos abaixo demonstram mais claramente estes dados.



A segunda questão perguntava **por qual meio que se dava esta observação**, a ampla maioria destacou os jornais como sua principal fonte de contato com as caricaturas, sendo enfatizados como principais procedentes, o jornal Agora (Rio Grande) e o jornal Zero Hora (Porto Alegre). Em segundo lugar, porém com bem menos referência, foi citado os sites, com destaque para o Blog do Laerte, endereço eletrônico: <http://www2.uol.com.br/laerte/>.

Com relação à terceira pergunta, era a respeito de se **já havia realizado algum trabalho escolar/acadêmico com a utilização de caricaturas**. Dos 36 participantes da avaliação, 22 alunos responderam que sim e 14 responderam que não. Conforme gráfico a seguir.



Já a quarta questão tratava dos que responderam **sim** à questão acima, em **que momento se deu tal experiência**. A ampla maioria constatou que foi no ensino superior que teve a oportunidade de trabalhar com caricaturas. Em segundo lugar se destacou o ensino médio, já o ensino fundamental pouco foi citado nesta situação.

Na quinta questão, os alunos que responderam sim à questão de número 03, deveriam agora explicitar **como poderia ser considerada tal experiência** e justificar a sua resposta. A ampla maioria, mais precisamente, 20 alunos responderam que a experiência foi positiva e somente 02 alunos responderam que a experiência foi negativa. Como havia a indicação para justificar tal resposta, faremos uma reflexão acerca das respostas.

Como exposto acima, a ampla maioria respondeu que a experiência de trabalhar com caricaturas foi positiva, sendo que a justificativa mais utilizada foi que *“ajuda a compreender o período histórico”*. Vejamos mais algumas respostas,

Neste caso aplica-se a frase: Uma imagem vale mais que mil palavras. Caricaturas, charges são excelentes instrumentos de comunicação de forma clara e objetiva, que atingem qualquer nível social e de escolaridade.

Porque a aprendizagem fica bem mais facilitada através do lúdico, da imagem, ela fala por si só.

Foi positiva no sentido de que deixou a aula mais descontraída, já que as caricaturas são carregadas de humor.

Acredito que uma mensagem pode (e deve) ser passada de diferentes formas, através da interpretação dos significados e dos significantes do cotidiano. Muitas vezes a interpretação de caricaturas/charges é posta com menos valor mas, no entanto, é o meio mais dialogável de transmitir um conteúdo. Ler não se resume a palavras postas uma do lado da outra.

Pelas respostas oferecidas ficou claro que a maioria que já trabalhou com caricaturas, gostou da experiência, julgou ser um recurso que facilitou o entendimento do conhecimento, permitindo assim uma maior aproximação com o período histórico ao qual era o seu trabalho dedicado. Com relação aos dois alunos que consideram a experiência negativa expuseram que tiveram dificuldade de integrar as caricaturas ao contexto, não havendo familiaridade com a interpretação de imagens.

Na sexta questão solicitamos que os alunos proferissem se para eles **caricatura era uma forma de comunicação** e justificassem. A resposta foi unânime, todos os 36 alunos afirmaram que consideravam caricaturas formas de comunicação. Para confirmar, apresentamos abaixo algumas das justificativas:

Assim como outras formas visuais, a caricatura é uma forma de comunicação e de discurso. Uma forma fácil e ao mesmo tempo impactante para o receptor.

A caricatura é em nossa visão, uma forma de comunicação que abrange diversas camadas do tecido social e lhes permite, a partir da mesma, analisar o fato relacionado também utilizando de sua subjetividade sem a influência da escrita.

Através da caricatura é possível transmitir mensagens, de uma forma fácil e acessível para qualquer público.

Funciona quando bem feita como um texto explicativo dos acontecimentos históricos no qual ela, caricatura foi produzida, ou seja, mostra de forma humorística os acontecimentos políticos, econômicos e culturais do período de tempo, data a qual faz parte.

A sétima questão era relacionada especificamente se o aluno **já conhecia ou ouviu falar anteriormente sobre a revista Careta**, nossa fonte de pesquisa. Dos 36 alunos participantes desta avaliação, somente 05 deles já conheciam/ouviam falar do referido periódico e 31 deles afirmaram que não conheciam nem ouviam falar deste periódico antes da apresentação ministrada.

Da questão 08 até a questão número 16 foram apresentadas aos alunos caricaturas que faziam alusão a específicos acontecimentos históricos do período por eles estudados com o professor titular da turma bem como o objeto de estudo desta pesquisa. Vejamos a seguir quais os resultados obtidos.

A questão 08 era uma caricatura representativa da **chegada do grupo varguista ao poder**. Nesta questão, a resposta foi unânime entre os participantes. Todos tiveram o mesmo entendimento com relação ao que a caricatura vinha a expressar.

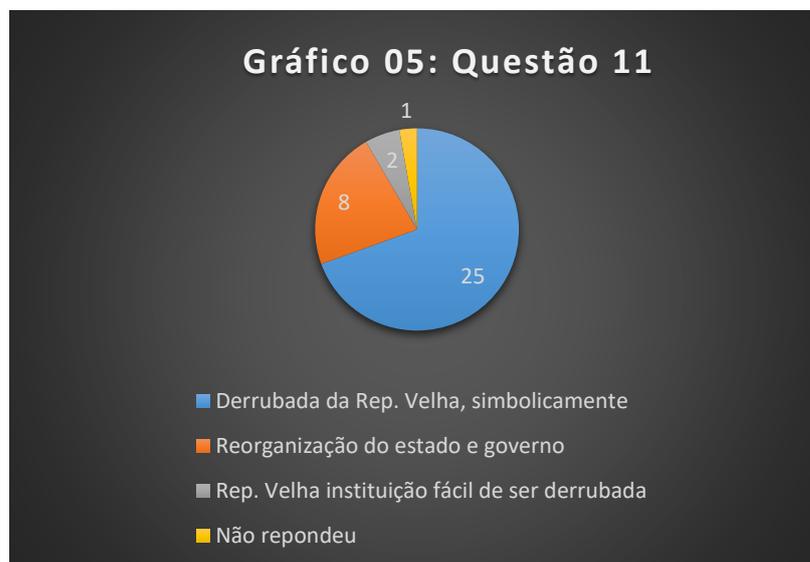
Na questão 09 a caricatura apresentada fazia **alusão a situação financeira dos estados e da dificuldade que o então presidente Getúlio Vargas e os interventores, por ele nomeados, vinham enfrentando**. Perguntou-se aos participantes, se na opinião deles, aquela específica caricatura vinha a expressar claramente os acontecimentos vivenciados naquele momento, por aquele governo. As respostas obtidas estão explicitadas no gráfico abaixo:



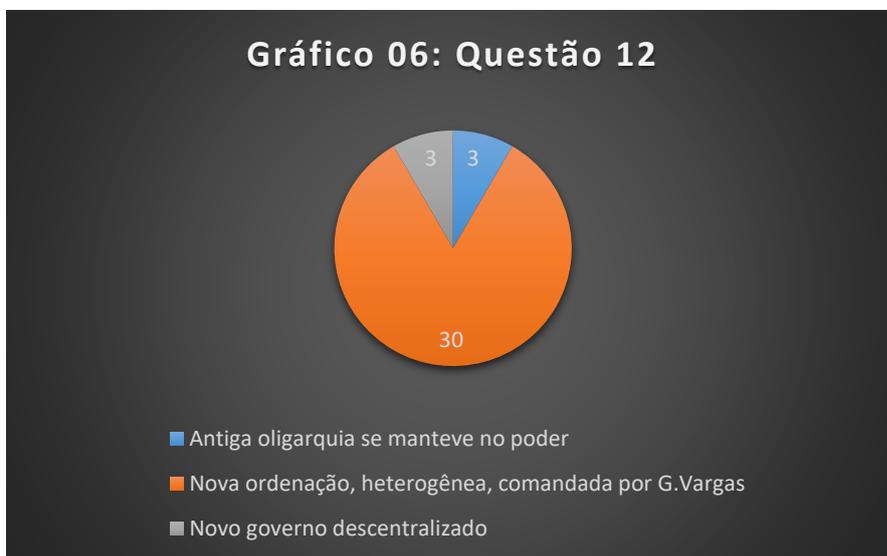
Com relação à questão 10, ela fazia uma **comparação entre a formação histórica brasileira com o período histórico da Revolução Francesa**. Vejamos as alternativas, e as respostas dos alunos no gráfico 05.



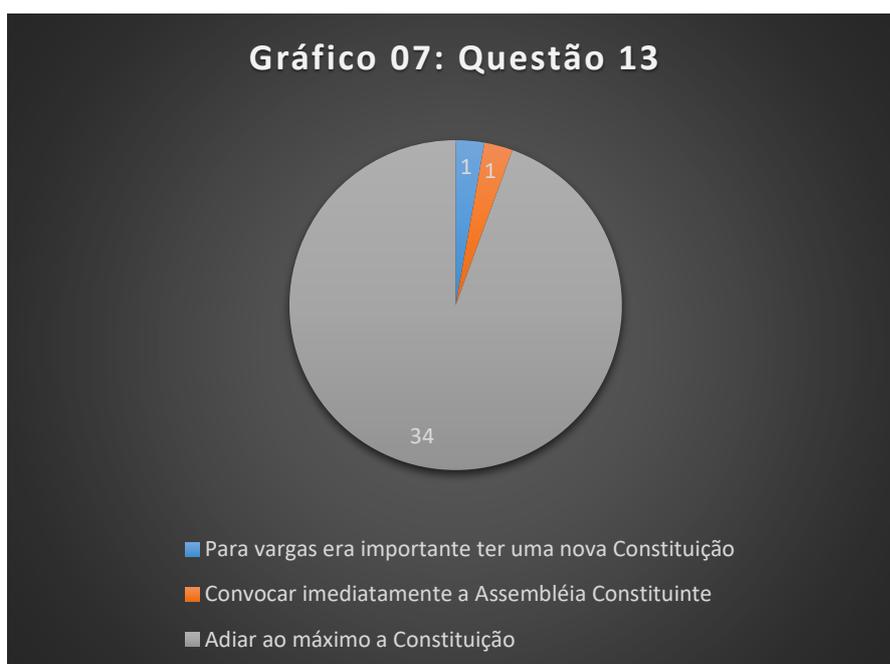
A questão 11 apresentava a caricatura de **Getúlio Vargas demolindo uma velha igreja**, aludindo à **derrubada da República Velha**. Eis as alternativas apresentadas e respostas coletadas.



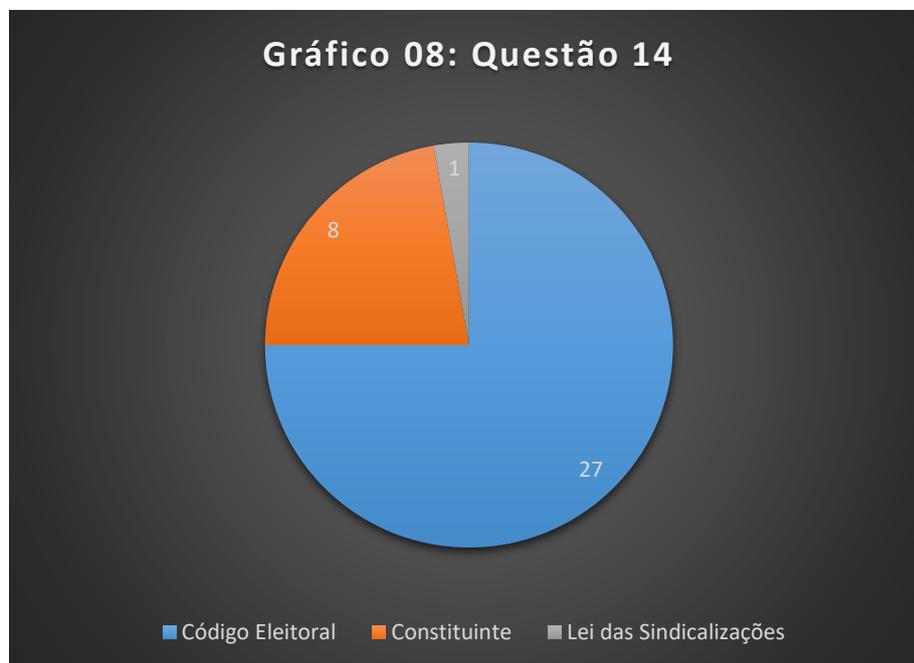
A questão 12 fazia uma **analogia do governo com a Torre de Babel**. No gráfico abaixo verificaremos as respostas escolhidas pelos alunos quando interpretaram a caricatura.



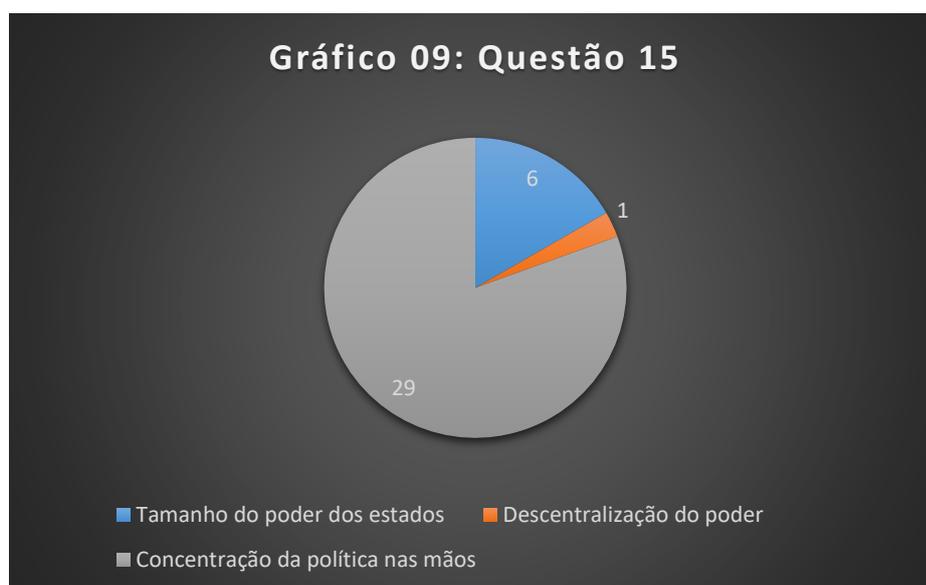
Na questão 13 foram apresentadas aos alunos duas caricaturas que faziam **alusão à falta de interesse por parte do presidente Getúlio Vargas em o Brasil ter uma nova Constituição**. Eis como os alunos a interpretaram:



Com relação a questão 14, a caricatura apresentada fazia **menção ao Código Eleitoral**. Vejamos no gráfico abaixo como os alunos interpretaram-na:



A questão 15 era com relação à **concentração da política nas mãos do presidente Getúlio Vargas**.



A questão 16 fazia **referência à revolução de 1930**. Diferente das respostas das outras questões, onde a maioria conseguiu entender a mensagem expressada na caricatura, aqui a maioria não conseguiu interpretar corretamente a caricatura, isso se denunciou através das respostas incorretas pelos alunos oferecidas como podemos verificar no gráfico abaixo:



Acreditamos que especificamente com relação ao grande número de respostas incorretas a esta questão, os alunos se confundiram no momento da leitura e interpretação da pergunta feita. Como na pergunta constava a data de publicação da caricatura no periódico *Careta*, 27 de agosto de 1932, eles inferiram que os acontecimentos retratados na caricatura eram daquele mesmo ano e não que ela se remetia ao ano de 1930. Além disso, na exposição realizada anteriormente, naquele mesmo dia, por parte do docente da disciplina, o tema da aula era a Revolução de 1932, o que pode ter servido para, indiretamente, influenciar no desvio apresentado nas respostas.

A questão 17 buscava saber dos alunos participantes se as caricaturas apresentadas entre as questões 08 a 16 conseguiam **retratar de forma mais evidente o período histórico que vinha sendo por eles estudado**. Eles também deveriam justificar a sua resposta. Vejamos no gráfico abaixo as respostas obtidas.

Gráfico 11: Questão 17



Verificamos assim, que ampla maioria dos alunos participantes avaliaram que as caricaturas apresentadas a eles retrataram de forma mais evidente o período histórico proposto. Somente dois alunos divergiram da maioria. Eis algumas justificativas fornecidas pelos alunos:

As imagens, mesmo exacerbadas em virtude de ser caricaturas, deixam clara as informações e os fatos do período histórico, inclusive facilitando o entendimento.

As caricaturas trabalham com humor os acontecimentos políticos que envolveram o país. Um exemplo que fora marcante é a caricatura “a Bela Adormecida”, onde a Constituinte é retratada na forma de uma mulher em longo sono.

Sim, as representações foram bem esclarecedoras e tornaram o conteúdo bem mais leve e divertido. Sendo assim possibilitando ao leitor uma interpretação bem mais rápida.

É perfeitamente compreensivo através das caricaturas, o momento político vivido nessa década, no caso, 1930.

Dos dois alunos que divergiram da grande maioria, um não justificou o porquê e a resposta do outro aluno foi:

Acho que as vezes ficam confusas.

A questão 18 buscava saber dos participantes se eles consideravam **relevante o uso de caricaturas como um recurso no auxílio na pesquisa e no ensino/aprendizado de História em sala de aula**. No gráfico abaixo apresentamos as respostas obtidas:



Como podemos verificar, 35 alunos afirmaram da validade do uso de caricaturas em sala de aula. Vejamos algumas de suas respostas,

Contribui, com certeza é uma forma simples e direta de conhecimento, podendo ser utilizado em qualquer espaço de ensino.

Pois conforme dito anteriormente forma o entendimento e apreensão dos conteúdos mais leve, além de “educar o olhar” para outras formas de leituras de um mesmo acontecimento.

A partir da presente experiência, pude perceber a riqueza de informação que a caricatura oferece para o auxílio da pesquisa histórica.

As caricaturas facilitaram a percepção do tema trabalhado, funcionando como mais uma ferramenta de apoio.

Pois ela possibilita que outra habilidade dos alunos seja trabalhada. Além de sair do tradicional uso de texto.

Já a questão 19 buscava saber dos alunos **com relação à imprensa escrita, se eles acreditavam ser ela, uma colaboradora na apreensão do conhecimento**.

Gráfico 13: Questão 19



Algumas respostas apresentadas:

Acredito que toda forma de recurso é válido em sala de aula, até mesmo para a formação de cidadãos questionadores e com senso crítico. Como refutar e refletir sobre o que está sendo apresentado.

Retratam a visão particular de um determinado meio de comunicação, de um período, assim nos transportamos à uma visão de um determinado momento sobre si mesmo. Podemos inclusive utilizar visões conflitantes... por exemplo: jornais que antagonizam opiniões.

Sim, são fontes de pesquisa que trazem opiniões, pontos de vista e interpretações de determinado fato ou período histórico.

Afinal é uma fonte produzida pelo ser humano, retratando seu momento histórico, colaborando com o conhecimento.

Certamente que sim! A imprensa escrita proporciona ao pesquisador identificar os discursos ideológicos predominantes em uma determinada época e oferece a possibilidade de conhecer parte da realidade de um determinado processo histórico.

A questão 20 perguntava aos participantes se eles, como futuros professores/pesquisadores, achavam relevante para sua formação o conteúdo sobre caricaturas. No gráfico abaixo observamos suas respostas.

Gráfico 14: Questão 20



Esta atividade realizada com a turma de História Brasileira IV dos cursos Licenciatura/Bacharelado em História da Universidade Federal do Rio Grande nos levou a acreditar que houve a identificação dos alunos com o tema proposto pela avaliação. A turma participou genuinamente da atividade, tanto com relação ao debate e reflexão propostos, quanto com relação à atividade avaliada.

Percebeu-se que os alunos têm preocupações pertinentes com relação tanto ao ensino-aprendizagem dos seus futuros alunos e também com relação às possíveis pesquisas a serem desenvolvidas no futuro.

A grande maioria afirmou a possibilidade da construção do conhecimento utilizando-se de fontes primárias como as caricaturas, jornais, revistas, etc. Seriam elas ferramentas de apoio nesta construção, desde que respeitados os seus limites, visões ideológicas, discursos, etc.

Observou-se o despertar por parte de alguns alunos, da capacidade das caricaturas de serem instrumentos que viriam a tornar as aulas mais leves, da eficácia de avivar os alunos para um maior interesse pela História.

No cômputo geral, levando em consideração a maioria das respostas dos participantes, percebeu-se que foi válida a realização da atividade proposta, uma vez que, ficou claro que os alunos participantes, defenderam o uso de novas ferramentas para o ensino e a pesquisa da História. Ela também permitiu congrega através do processo de investigação a possibilidade de gerar novos conhecimentos tanto por parte do pesquisador como dos pesquisados.

Considerações Finais

A caricatura através da imagem e do humor é capaz de abordar de forma pontual um determinado tema. Esta dissertação teve por objetivo principal abordar a figura política de Getúlio Vargas na gênese da República Nova, ressaltando as maneiras pelas quais ele foi representado como um dos protagonistas nas páginas da revista *Careta*.

Uma vez que a imagem dialoga com o contexto de uma época, constituindo assim, uma significativa forma de representação de mundo, pretendeu-se, através destas páginas, observar aquela fonte histórica para, assim, compreender o posicionamento e as críticas deste periódico, dando ênfase à relevância da imprensa como fonte histórica e o uso da caricatura como meio para ensinar História.

Através das páginas caricatas da revista *Careta*, observamos que, uma vez concretizada a Revolução de 1930, o processo de legitimação do poder e da política empreendida pelo Governo Provisório ainda estava por ser construído.

O papel desempenhado pelo Governo Provisório era de promover a desconstrução de certos grupos já há muito estabelecidos no governo do país, mais precisamente, desde a Primeira República, e ao mesmo tempo, criar um espaço de poder, e nele se manter. A nova conjuntura instalada buscava criar a perspectiva de que a revolução fora o único caminho possível para o processo de moralização política do Brasil.

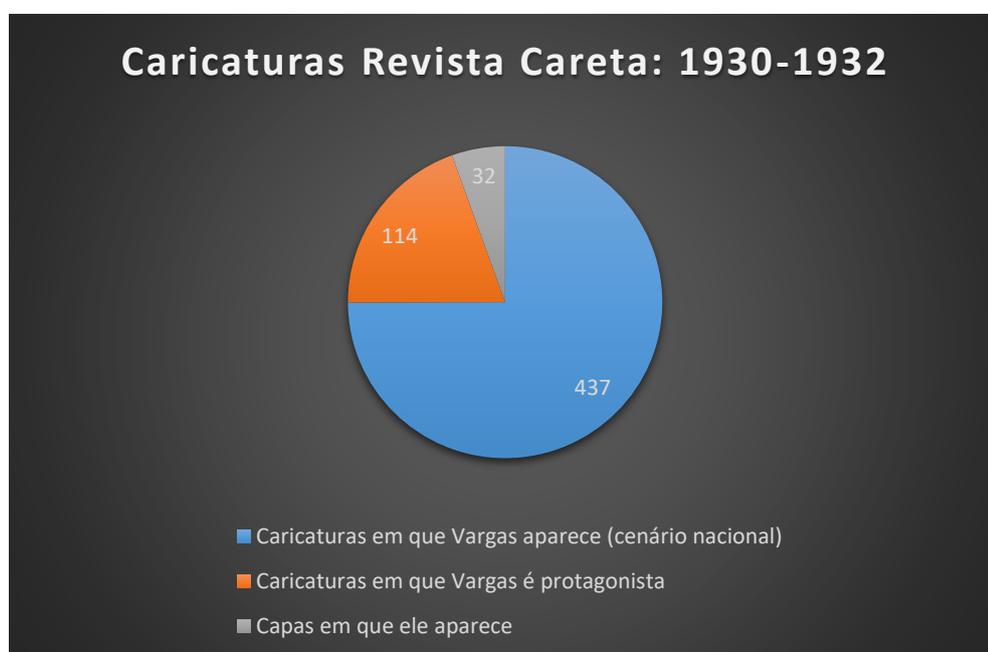
A análise das caricaturas demonstrou o alinhamento dos militares com o governo de Getúlio Vargas. O periódico expõe a relação governo/militares deixando clara a tutela destes e as ações intervencionistas promovidas pelos agentes políticos nomeados pelo então presidente. Essa conjuntura foi o que possibilitou ao Governo Provisório a reorganização da política regional, visando distanciar os grupos políticos locais.

Percebemos também que o ano de 1932 foi decisivo para o então Governo Provisório. Getúlio Vargas não poderia deixar que o processo constituinte acontecesse sem que primeiro, as alianças feitas em 1930 fossem retomadas e efetivadas. Pois só assim o Governo Provisório teria melhores condições de influir largamente na constituinte, estabelecendo o seu fortalecimento político.

De outubro de 1930 a setembro de 1932 a revista *Careta* publicou em suas páginas, 437 caricaturas a respeito do cenário nacional com foco na política interna, nas quais constava a presença do presidente Getúlio Vargas. Estas caricaturas apresentavam

como temática a política nacional e o dia a dia do povo brasileiro. A seleção destas caricaturas, dentro do universo de caricaturas publicadas neste período por este periódico, envolveu a separação das mesmas de acordo com as categorias propostas neste trabalho.

Como exposto anteriormente, foi necessário realizar um recorte devido à impossibilidade de se trabalhar com um número tão grande de caricaturas no período de tempo disponível para a realização deste trabalho. Assim sendo, focamos na presença de Getúlio Vargas como o protagonista das mesmas e foi obtido um número de 114 caricaturas que estão presentes e analisadas no capítulo dois deste mesmo trabalho. Deste total, das 114 caricaturas, 32 foram capas do periódico naquele período. Vejamos mais claramente tais dados quantitativos na representação gráfica abaixo:



Essas caricaturas, não são simplesmente reprodução de notícias ou acontecimentos ocorridos naquele período, são imagens que nos trazem olhares singulares de um grupo sobre seu tempo. Além do riso fácil, essas caricaturas buscavam germinar em seus leitores, independente do grau de instrução, uma análise crítica da realidade, possibilitando a realização de uma reflexão sobre os acontecimentos, sob o prisma do humor mordaz e/ou zombeteiro. Para a compreensão desses desenhos de humor foi necessário investigá-los a partir de suas múltiplas possibilidades de leitura.

Percebe-se que a revista *Careta*, é um importante registro da sociedade brasileira da sua época, principalmente por trazer em suas páginas uma visão do comportamento, da vida urbana, da política, da sociedade em geral.

O material pesquisado permitiu também observar que Getúlio Vargas foi o personagem mais recorrente nas páginas do semanário naquele período. A *Careta* foi um periódico que se posicionou em relação aos acontecimentos ocorridos no país naquele momento histórico através de suas caricaturas. Apresentou-se, num primeiro momento, solidária ao novo governo e no decorrer dos acontecimentos viriam a aparecer críticas diretas e indiretas a este mesmo governo, ou seja, nas formas explícitas ou nas manifestações de cunho indireto, anunciou e denunciou o processo político vigente.

Esteve presente entre nossos objetivos verificar a validade das fontes impressas, como as caricaturas, para o trabalho do professor/pesquisador. Não há ineditismo neste tipo de abordagem, mas esta dissertação pretende se somar a outros diversos trabalhos nesta área, como uma contribuição. Utilizando como fonte, imagens e humor visual, buscou-se uma forma lúdica do “fazer história”, através de novos caminhos metodológicos, sem deixar de lado o rigor da pesquisa.

A aplicação da atividade comprovou algumas de nossas conjecturas iniciais, através da avaliação realizada em sala de aula, pois ficou evidenciado que a grande maioria dos participantes percebeu a possibilidade da construção do conhecimento utilizando-se de fontes primárias como as caricaturas, jornais, revistas, etc. Eles mostraram acreditar que pode sim ser produzido conhecimento com conteúdo aprofundado a partir de imagens e humor visual permitindo uma produção lúdica e mais agradável ao aluno.

Entre alcances e limites, ficou marcada a relevância da imprensa como documento para a realização da pesquisa histórica, de modo que, através das páginas caricatas daquele semanário do início do século XX, foi possível a reconstrução de vários aspectos da conjuntura histórica nacional.

Também é preciso salientar que ficou visível para os estudantes, da necessidade de não serem absolutamente crédulos com as fontes de pesquisa. Eles mostraram a importância de avaliar a influência que o jornal exerce no dia a dia em seu público leitor, os interesses presentes em sua linha editorial, pois como qualquer fonte histórica, os jornais devem ser utilizados criticamente pelo professor/pesquisador para não se deixar levar pelo discurso da fonte e, conseqüentemente, realizar uma análise precipitada e superficial.

Atualmente as imagens são recursos que proliferam em nossa jornada diária, tornando impossível rejeitar as inúmeras possibilidades que elas oferecem no campo pedagógico e em sala de aula. As caricaturas, por terem um caráter humorístico, irônico e muitas vezes mordaz, vêm a ser instrumento para a representação dos contextos sociais, políticos e econômicos de uma sociedade, instigando a curiosidade, ou seja, através de percepções diversas permite uma visão ampliada do contexto histórico.

Portanto, é inegável a relevância da imprensa para o ensino/aprendizagem de história, já que através da imprensa pode-se melhor compreender determinados comportamentos e práticas de uma dada sociedade. Os jornais, ao mesmo tempo, representam dois papéis, como testemunha da história e como um agente na configuração da própria história.

Embora, num primeiro momento, tenhamos a propensão de olhar para a caricatura como um desenho engraçado, em que a imagem, tem o sentido de provocar o riso, seu alcance é bem maior. Ela é na verdade uma linguagem universalmente entendida, relacionada a um determinado momento de uma dada sociedade, ou seja, ela tem um conteúdo informativo e distinto.

Assim, esta riqueza das representações artísticas, especialmente das caricaturas, instiga o interesse e a curiosidade dos alunos, podendo vir a despertar neles, um olhar observador, analítico e crítico. Nesse sentido, as imagens oriundas das páginas do periódico *Careta* aqui apresentadas, mais precisamente as caricaturas, vêm a fazer parte desse universo de possibilidades para o ensino de História.

Fontes e Referências bibliográficas

Fontes

Careta, Rio de Janeiro, 08 de novembro de 1930, ano XXIII, n.º 1168

Careta, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1930, ano XXIII, n.º 1169

Careta, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1930, ano XXIII, n.º 1170

Careta, Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1930, ano XXIII, n.º 1171

Careta, Rio de Janeiro, 06 de dezembro de 1930, ano XXIII, n.º 1172

Careta, Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1930, ano XXIII, n.º 1173

Careta, Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1930, ano XXIII, n.º 1174

Careta, Rio de Janeiro, 27 de dezembro de 1930, ano XXIII, n.º 1175

Careta, Rio de Janeiro, 03 de janeiro de 1931, ano XXIV, n.º 1176

Careta, Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1931, ano XXIV, n.º 1177

Careta, Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1931, ano XXIV, n.º 1178

Careta, Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1931, ano XXIV, n.º 1179

Careta, Rio de Janeiro, 07 de fevereiro de 1931, ano XXIV, n.º 1181

Careta, Rio de Janeiro, 14 de fevereiro de 1931, ano XXIV, n.º 1182

Careta, Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1931, ano XXIV, n.º 1183

Careta, Rio de Janeiro, 07 de março de 1931, ano XXIV, n.º 1185

Careta, Rio de Janeiro, 14 de março de 1931, ano XXIV, n.º 1186

Careta, Rio de Janeiro, 21 de março de 1931, ano XXIV, n.º 1187

Careta, Rio de Janeiro, 28 de março de 1931, ano XXIV, n.º 1188

Careta, Rio de Janeiro, 04 de abril de 1931, ano XXIV, n.º 1189

Careta, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1931, ano XXIV, n.º 1190

Careta, Rio de Janeiro, 02 de maio de 1931, ano XXIV, n.º 1193

Careta, Rio de Janeiro, 09 de maio de 1931, ano XXIV, n.º 1194

Careta, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1931, ano XXIV, n.º 1195

Careta, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1931, ano XXIV, n.º 1197

Careta, Rio de Janeiro, 06 de junho de 1931, ano XXIV, n.º 1198

Careta, Rio de Janeiro, 13 de junho de 1931, ano XXIV, n ° 1199
Careta, Rio de Janeiro, 20 de junho de 1931, ano XXIV, n ° 1200
Careta, Rio de Janeiro, 04 de julho de 1931, ano XXIV, n ° 1202
Careta, Rio de Janeiro, 18 de julho de 1931, ano XXIV, n ° 1204
Careta, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1931, ano XXIV, n ° 1205
Careta, Rio de Janeiro, 01 de agosto de 1931, ano XXIV, n ° 1206
Careta, Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1931, ano XXIV, n ° 1207
Careta, Rio de Janeiro, 29 de agosto de 1931, ano XXIV, n ° 1210
Careta, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1931, ano XXIV, n ° 1212
Careta, Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1931, ano XXIV, n ° 1213
Careta, Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1931, ano XXIV, n ° 1214
Careta, Rio de Janeiro, 03 de outubro de 1931, ano XXIV, n ° 1215
Careta, Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1931, ano XXIV, n ° 1216
Careta, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1931, ano XXIV, n ° 1217
Careta, Rio de Janeiro, 24 de outubro de 1931, ano XXIV, n ° 1218
Careta, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1931, ano XXIV, n ° 1221
Careta, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1931, ano XXIV, n ° 1222
Careta, Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1931, ano XXIV, n ° 1223
Careta, Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1931, ano XXIV, n ° 1225
Careta, Rio de Janeiro, 19 de dezembro de 1931, ano XXIV, n ° 1226
Careta, Rio de Janeiro, 26 de dezembro de 1931, ano XXIV, n ° 1227
Careta, Rio de Janeiro, 02 de janeiro de 1932, ano XXV, n ° 1228
Careta, Rio de Janeiro, 09 de janeiro de 1932, ano XXV, n ° 1229
Careta, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1932, ano XXV, n ° 1230
Careta, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1932, ano XXV, n ° 1231
Careta, Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1932, ano XXV, n ° 1232
Careta, Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 1932, ano XXV, n ° 1233
Careta, Rio de Janeiro, 20 de fevereiro de 1932, ano XXV, n ° 1235
Careta, Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1932, ano XXV, n ° 1236
Careta, Rio de Janeiro, 05 de março de 1932, ano XXV, n ° 1237

Careta, Rio de Janeiro, 12 de março de 1932, ano XXV, n ° 1238
Careta, Rio de Janeiro, 02 de abril de 1932, ano XXV, n ° 1241
Careta, Rio de Janeiro, 09 de abril de 1932, ano XXV, n ° 1242
Careta, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1932, ano XXV, n ° 1243
Careta, Rio de Janeiro, 07 de maio de 1932, ano XXV, n ° 1246
Careta, Rio de Janeiro, 14 de maio de 1932, ano XXV, n ° 1247
Careta, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1932, ano XXV, n ° 1249
Careta, Rio de Janeiro, 04 de junho de 1932, ano XXV, n ° 1250
Careta, Rio de Janeiro, 18 de junho de 1932, ano XXV, n ° 1252
Careta, Rio de Janeiro, 25 de junho de 1932, ano XXV, n ° 1253
Careta, Rio de Janeiro, 02 de julho de 1932, ano XXV, n ° 1254
Careta, Rio de Janeiro, 09 de julho de 1932, ano XXV, n ° 1255
Careta, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1932, ano XXV, n ° 1257
Careta, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1932, ano XXV, n ° 1258
Careta, Rio de Janeiro, 06 de agosto de 1932, ano XXV, n ° 1259
Careta, Rio de Janeiro, 13 de agosto de 1932, ano XXV, n ° 1260
Careta, Rio de Janeiro, 27 de agosto de 1932, ano XXV, n ° 1262
Careta, Rio de Janeiro, 03 de setembro de 1932, ano XXV, n ° 1263
Careta, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1932, ano XXV, n ° 1265
Careta, Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1932, ano XXV, n ° 1266
Careta, Rio de Janeiro, 08 de outubro de 1932, ano XXV, n ° 1268
Careta, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1932, ano XXV, n ° 1271

Referências Bibliográficas

ALVES, Francisco das Neves. **Uma introdução à imprensa rio-grandina; O estudo de alguns “fragmentos” do século XIX-Rio Grande.** Rio Grande: FURG, 1995.155p.

ALVES, Francisco das Neves e TORRES, Luiz Henrique (Orgs). **Imprensa & História.** Porto Alegre: APGH-PUCRS, 1997. 100p.

ALVES, Francisco das Neves (Org). **Brasil 2000 – quinhentos anos do processo colonizatório: continuidades e rupturas.** Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2000. 322p.

ALVES, Francisco das Neves. **A exposição Silveira Martins no acervo da Biblioteca Rio-Grandense.** Rio Grande: Ed. da FURG, 2004. 120p.

ALVES, Francisco das Neves. **Imprensa, caricatura e historiografia no Rio grande do Sul: ensaios históricos.** Rio Grande: FURG, 2006. 140p.

ALVES, Francisco das Neves e SENNA, Adriana Kivanski de. **Os 30 anos do Curso de História na FURG: memórias & retrospecto histórico.** Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2009. 72p.

ALVES, Francisco das Neves. **Imprensa e caricatura no Rio Grande do Sul: estudos históricos.** Rio Grande: FURG, 2010. 166p.

ALVES, Francisco das Neves. **Caricatura, simbolismos e representações no Rio Grande do Sul: ensaios históricos.** Rio Grande, FURG, 2012. 172p.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BEZERRA, Holien Gonçalves. **O jogo do poder: Revolução Paulista de 32.** 1ªEd. São Paulo: Moderna, 1988

BOBBIO, Norberto. MATTEUCCI, Nicola. PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de Política.** 5ª Ed. Brasília: editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000. Vários Colaboradores. Obra em 2v.

BOFF, Leonardo. **Povo: em busca de um conceito.** <https://leonardoboff.wordpress.com/2015/01/29/povo-em-busca-de-um-conceito/Acesso-em:03/agosto/2016>.

CARDOSO, Ciro Famarion, VAINFAS, Ronaldo (Orgs). **Novos domínios da história.** Rio de Janeiro, Elsevier, 2012.

CARDOSO, Rafael (Org). **Impresso no Brasil, 1808-1930: destaques da história gráfica no acervo da Biblioteca Nacional.** Rio de Janeiro: Verso Brasil, 2009.

CARRAZZONI, André. **Getúlio Vargas.** Rio De Janeiro: Livraria José Olympio Ed, 1939.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural – Entre práticas e representações**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Difel, 1986.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

COLLIOT-THÉLÈNE, Catherine. **O conceito de política posto à prova pela mundialização**. Revista de Sociologia e Política, Curitiba. Nº 12: junho, 1999, p.07-20.

DEL PRIORE, Mary & VENANCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

DUVERGER, Maurice. **Os partidos políticos**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Imprensa a serviço do progresso**. In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. (Orgs). **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2013, p.83-102.

ENGEL, Guido Irineu. **Pesquisa-Ação**. In: **Educar**: Curitiba. Editora da UFPR. nº.16, 2000. p. 181-191.

FARIA, Maria Alice. **Como usar o jornal na sala de aula**. 10ª Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FARIA, Antonio Augusto & BARROS, Edgard Luiz de. **Getúlio Vargas e sua época**. São Paulo: Global Editora, 1988.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14ª Ed. São Paulo: Editora da universidade de São Paulo, 2012.

FAUSTO, Boris. **Getúlio Vargas: o poder e o sorriso**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

FAUSTO, Boris. **A revolução de 1930: Historiografia e História**. 5ª Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.

FONSECA, Joaquim da. **Caricatura: a imagem gráfica do humor**. Porto Alegre: Arte e Ofícios, 1999.

FONSECA, Pedro Cezar Dutra. **Do progresso ao desenvolvimento: Vargas na Primeira República**. In: BASTOS, Pedro Paulo Zahluth & FONSECA Pedro Cezar Dutra (Orgs). **A Era Vargas: desenvolvimentismo, economia e sociedade**. São Paulo: Editora Unesp, 2012, p. 51-68.

GAWRYSZEWSKI, Alberto. **Conceito de caricatura: não tem graça nenhuma**. Domínios da Imagem, Londrina, ano I, n. 2, maio 2008, p. 07-26.

HARTMANN, Ivar. **Getúlio Vargas**. 5ª Ed. Porto Alegre: Amrigs Gráfica e Editora, 1984.

HILÁRIO, Janaína Carla S. Vargas. **História política – cultura política e sociabilidade partidária: uma proposta metodológica.** História Unisinos, São Leopoldo, 10 (2), maio/agosto 2006, p. 142-153.

JOLY, Martine. **Introdução à análise da imagem.** 13º Ed. Campinas: Papirus, 2009.

KNAUSS, Paulo. **O desafio de fazer História com imagens. Arte e cultura visual.** ArtCultura, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan.-jun. 2006.

LE GOFF, Jacques. **A História Nova.** 4ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

LIMA, Herman. **História da caricatura no Brasil.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1963.

LUCA, Tania Regina de. **A imprensa na primeira metade do século XX.** In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. (Orgs). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013, p.149-175.

MALTA, Márcio José Melo. **Jeca na careta: charges e identidade nacional.** 2007. 108 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciência Política, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Ufrj, Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp036687.pdf>>. Acesso em: 09-maio-2016.

MARTINS, Ana Luiza. **Da fantasia à História: Folheando páginas revisteiras.** *História.* São Paulo, v.22. n° 1, p.59-79, 2003.

MARTINS, Ana Luiza. **Imprensa em tempos de Império.** In: MARTINS, Ana Luiza e LUCA, Tania Regina de. (Orgs). História da Imprensa no Brasil. São Paulo: Contexto, 2013. p.45-80.

MAUAD, Ana Maria. **O olho da história: fotojornalismo e a invenção do Brasil contemporâneo.** In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P., MOREL, Marco & FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Orgs). História e Imprensa representações culturais e práticas de poder. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj, 2006, p.365-384.

MENDES JÚNIOR, Antonio & MARANHÃO, Ricardo. **Brasil História – texto e consulta – Era Vargas.** São Paulo: Hucitec, 1989.

MENDES, Oswaldo. **Getúlio Vargas.** 5ª Ed. São Paulo: Moderna, 1986.

MORAES, Elisabete Rodrigues. **Abolição da escravatura no Brasil sob o prisma da imprensa: fontes para o ensino e a pesquisa da história (1871-1885-1888).** 2014. 130 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

MORAES, Roque. **Mergulhos Discursivos; análise textual qualitativa entendida como processo integrado de aprender, comunicar e interferir em discursos.** 2ed. Ijuí/RS: Ed.Unijuí, 2007, PP.85-114.

NETO, Lira. **Getúlio (1882-1930) – Dos Anos da formação à conquista do poder**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

OLIVEIRA, Marcelo França de. **A trincheira discursiva: escritos políticos de Ângelo Dourado em livros e na imprensa rio-grandina na formação do Rio Grande do Sul republicano (1893-1905) - uso e possibilidades para a pesquisa e o ensino de história no ensino superior**. 2014. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **A relação entre história e a imprensa, breve história da imprensa e as origens da imprensa no Brasil (1808-1930)**. In: **HISTORIAE**. Rio Grande: Editora da Furg, v. 2, n. 3, 2011. p.125-142. Quadrimestral.

PEREIRA, Nalde Jaqueline Corrêa. **A imprensa como fonte para o ensino e a pesquisa em história: o caso de um jornal rio-grandino**. 2014. 160 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Instituto de Ciências Humanas e da Informação, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2014.

PESAVENTO, Sandra J. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004

PINSKY, Carla Bassanezi (Org). **Novos temas nas aulas de História**. São Paulo: Contexto, 2010

REIGOTA, Marcos. **Meio ambiente e representação social**. 6ª Ed. São Paulo: Cortez, 2004.

RÜDIGER, Francisco Ricardo. **Tendências do Jornalismo**. 3ª Ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2003.

SARAIVA, Márcia Raquel de Brito. **Os obeliscos e suas escrituras**. Disponível em: <http://www.pucrs.br/ffch/historia/egiptomania/publicacoes/obeliscos2.pdf>. Acesso em: 18-maio-2016.

SILVA. Marcos A. da Silva. **Caricata República: Zé-Povo e o Brasil**. São Paulo: Editora Marco Zero, 1990.

SILVA, Hélio. **Vargas: Pensamento Político Brasileiro**. São Paulo: São Paulo Ind. Gráfica e Ed., 1980.

TEIXEIRA, Luiz Guilherme Sodré. **O traço como texto: A história da charge no Rio de Janeiro de 1860 a 1930**. Edições Casa de Rui Barbosa, Coleção Papéis Avulsos, n. 38, 2001.

TREVISAN, Leonardo. **A República Velha**. São Paulo: Global Ed., 1982.

Careta, Rio de Janeiro, 06 de junho de 1908, ano I, n ° 01, p.09.

Anexo

Universidade Federal do Rio Grande – FURG

Instituto de Ciências Humanas e da Informação – ICHI

Programa de Pós-graduação em História – PPGH

Mestrado Profissional em História

Turma consultada: Da disciplina de História Brasileira IV

Licenciatura

Bacharelado

1) A observação de caricaturas faz parte do seu cotidiano?

Sim

Não

2) No caso de sim, por qual meio se dá a observação?

Jornais. Quais?

Revistas. Quais?

Sites. Quais?

Outros. Quais?

3) Você já realizou algum tipo de trabalho escolar/acadêmico no qual houve a utilização da caricatura?

Sim

Não

4) No caso de sim, em que momento se deu tal experiência,

Ensino Fundamental

Ensino Médio

Ensino Superior

5) Quanto a tal experiência, ela pode ser considerada:

Positiva

Negativa

Indiferente

Justifique _____

6) Para você, a caricatura é uma forma de comunicação?

Sim

Não

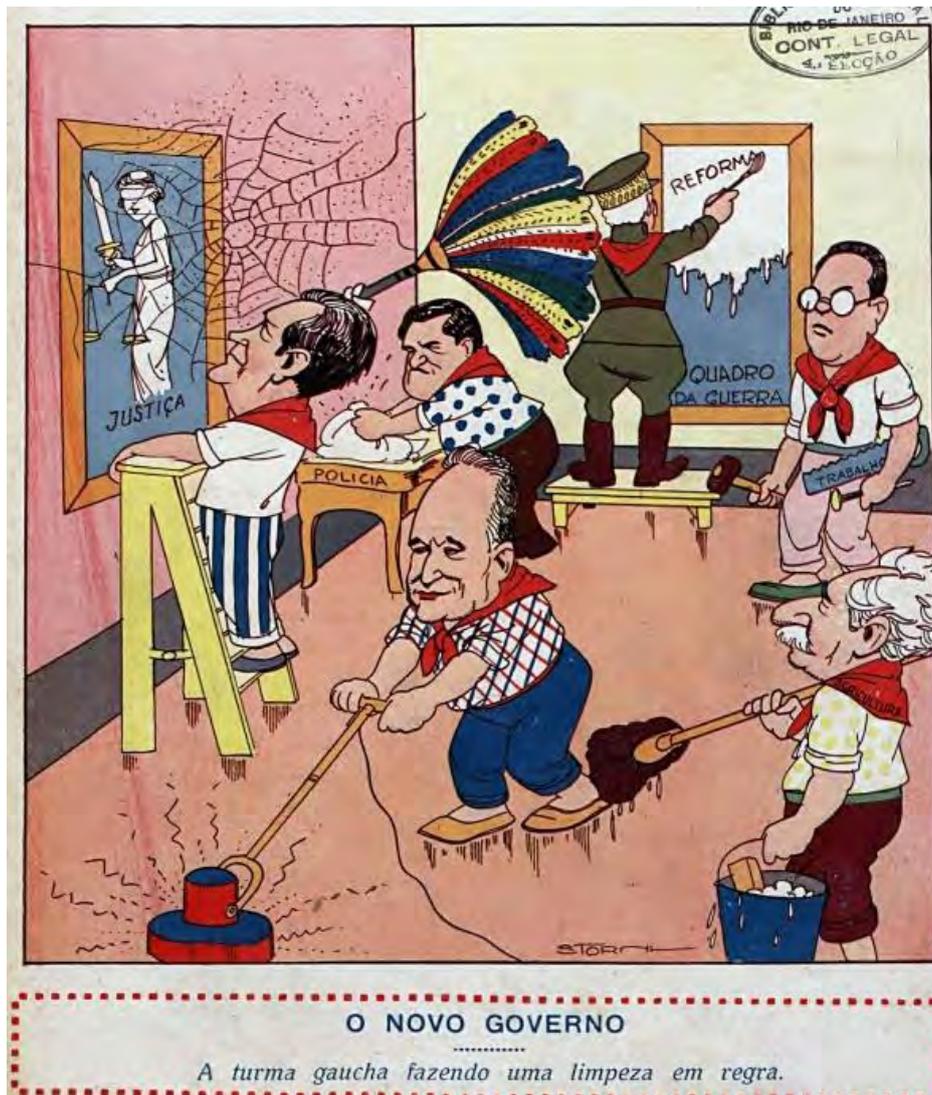
Justifique _____

7) Antes da aula de hoje, você já ouviu falar/conheceu a revista Careta?

Sim

Não

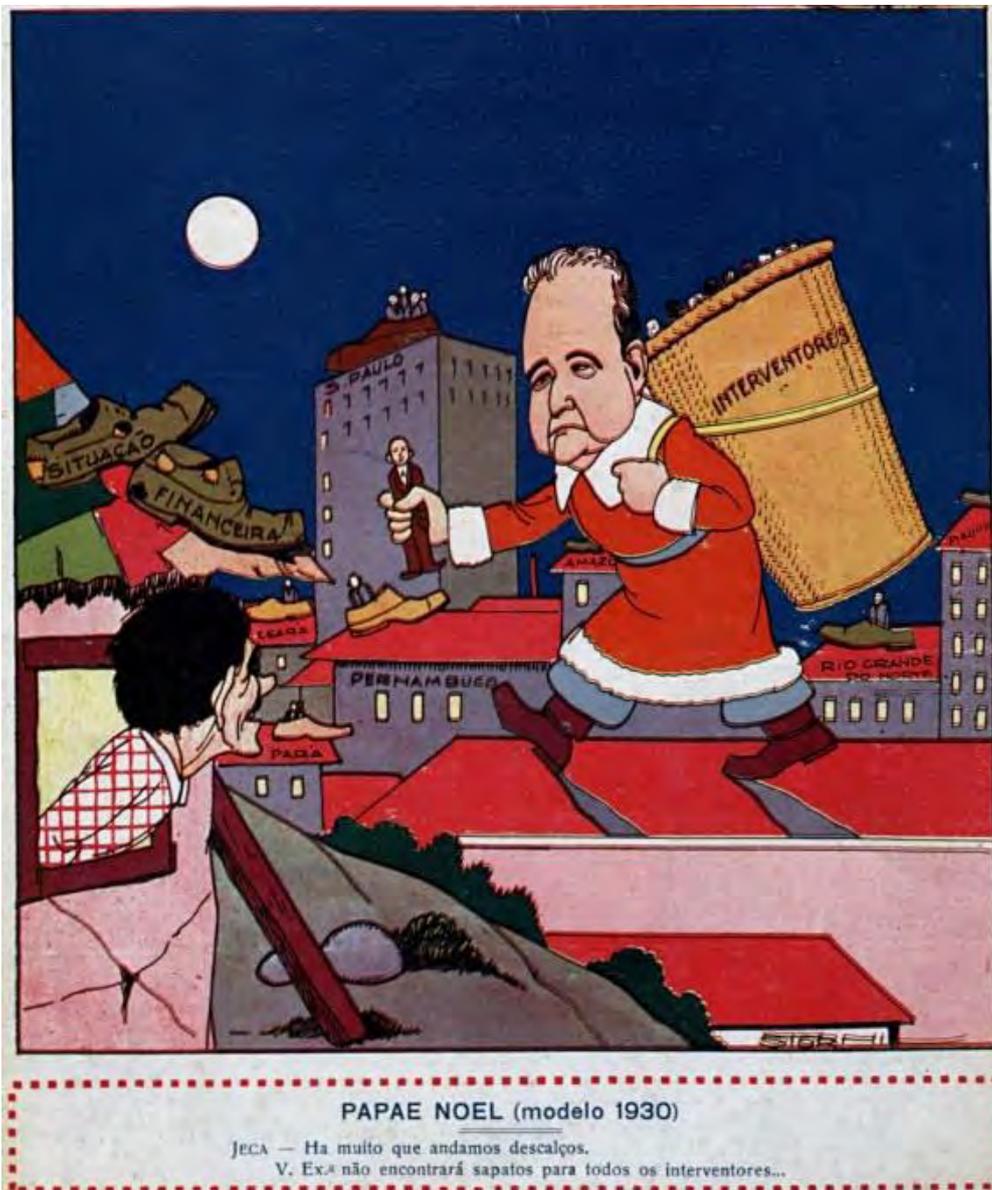
8) A revista *Careta*, (1908-1960) ao longo de sua trajetória, apresentou de forma crítico-humorística várias facetas da evolução histórica brasileira. Como foi o caso das transformações pelas quais passou o Brasil no início dos anos 1930. Em seu número 1170 de 22 de novembro de 1930 sua capa foi esta,



Esta capa, representa qual evento da história brasileira republicana?

- Não representa nenhum evento em particular, apenas mostra um dia de limpeza no Palácio do Catete.
- Representa a chegada do grupo varguista ao poder.
- Representa o grupo varguista comemorando a chegada da nova Constituição.

9) A capa do número 1175 de 27 de dezembro de 1930 da revista Careta foi esta,



Ela faz alusão à situação financeira dos estados e às dificuldades que Getúlio Vargas e os interventores por ele escolhidos estavam enfrentando. Na sua opinião, esta capa expressa bem o momento a que ela se refere?

() Sim

() Não

10) No dia 21 de março de 1931, a revista *Careta* em seu número 1187 na página 19 publicou esta caricatura, fazendo uma espécie de comparação entre a formação histórica brasileira e um outro período da história,



Esta caricatura faz alusão à:

- () Revolução Russa
- () Revolução Industrial
- () Revolução Cubana
- () Revolução Francesa

11) Caricatura publicada dia 11 de abril de 1931 na página 32 do número 1190. Nela Getúlio Vargas protagoniza uma situação política que pode ser assim definida,



- () A derrubada da República Velha é uma forma simbólica, pois ocorreu uma troca de elite do poder, porém sem grandes rupturas.
- () A reorganização do estado e do governo, evidenciava a similitude de forças dos movimento revolucionário.
- () A República Velha era uma instituição muito fácil de ser derrubada.

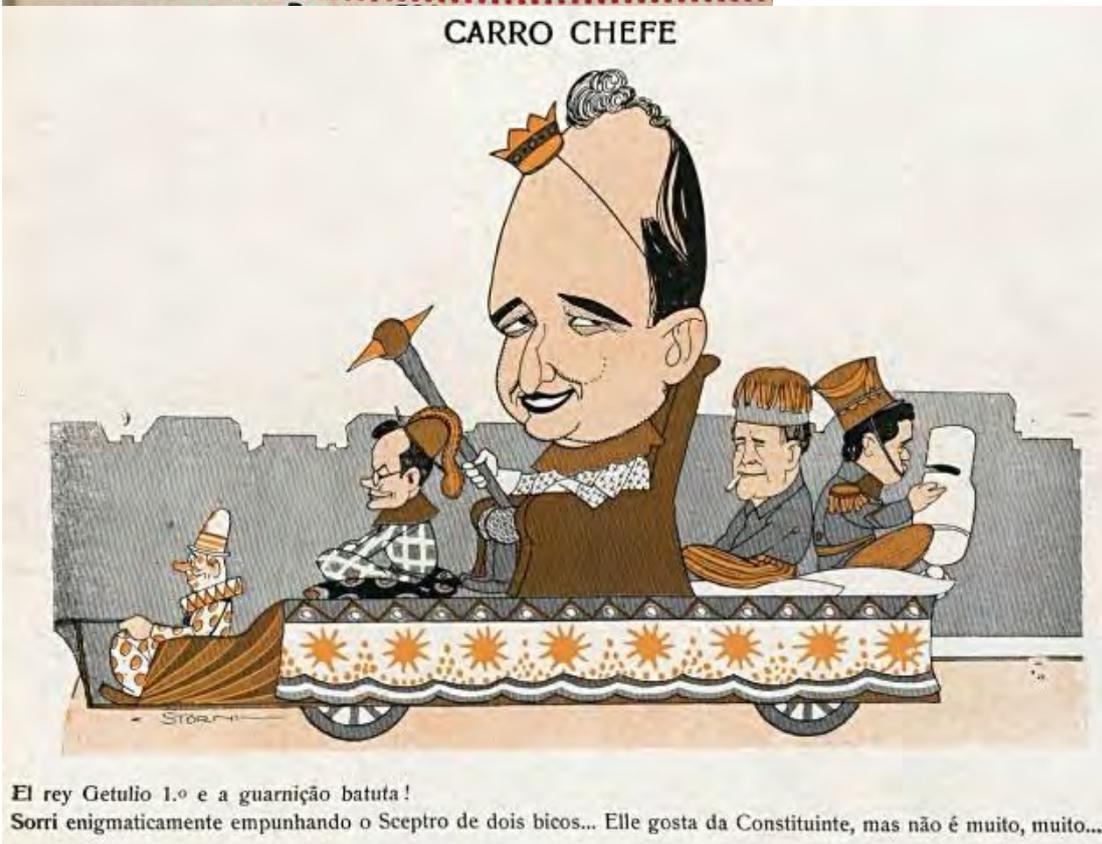
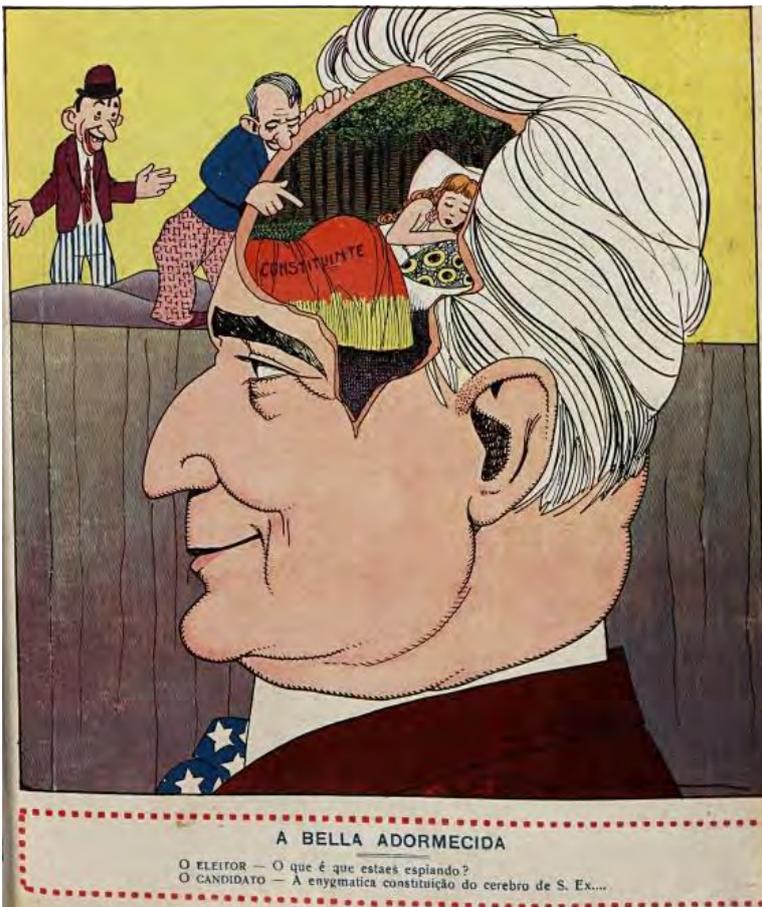
12) A capa da revista Careta publicada em 18 de junho de 1932 foi:



Ela que nos dizer que:

- () A antiga oligarquia se manteve no poder.
- () A nova ordenação do poder era um grupo heterogêneo, comandados por Getúlio Vargas.
- () O novo governo era totalmente descentralizado.

13) Observe estas duas caricaturas.



Elas expressam que o pensamento de Getúlio Vargas era:

- () De como uma nova Constituição seria importante para governar melhor o país.
- () De convocar imediatamente a Assembleia Constituinte.
- () De adiar ao máximo a Constituição.

14) A caricatura do dia 10 de outubro de 1931, página 14 da revista Careta,



faz referência a:

- () ao Código Eleitoral
- () à Constituinte
- () à Lei das Sindicalizações

15) Caricatura publicada no número 1237 do dia 05 de março de 1932 na página 18, apresenta Getúlio Vargas:



- () Apresenta Getúlio Vargas mostrando o tamanho do poder dos estados.
- () Apresenta Getúlio Vargas descentralizando o poder em favor dos estados.
- () Apresenta Getúlio Vargas concentrando a política nas suas mãos.

16) No dia 27 de agosto de 1932 na página 16 da revista Careta a caricatura impressa foi:



Getúlio Vargas conversando com o Zé, chama a atenção para qual acontecimento:

- () A coluna Prestes
- () A revolta constitucionalista
- () A revolução de 1930

17) A caricatura é uma expressão artística, que se utiliza de aspectos humorísticos para divertir e informar o seu receptor. Ela tem por característica acentuar desproporcionalmente os defeitos da pessoa retratada ou satirizar um acontecimento. Partindo desse pressuposto, no seu entendimento, as caricaturas apresentadas conseguiram retratar de forma mais evidente o período escolhido?

Sim

Não

Justifique _____

18) A partir do que foi apresentado, na sua opinião, é relevante o uso de caricaturas como um recurso no auxílio na pesquisa e no ensino/aprendizado de História em sala de aula?

Sim

Não

Justifique _____

19) E quanto à imprensa escrita, jornais, revistas, etc, você, como futuro professor/pesquisador, com vistas à pesquisa/ensino em História, acredita ser ela, uma colaboradora na apreensão do conhecimento?

Sim

Não

Justifique _____

20) Você, como futuro professor/pesquisador pensa que o conteúdo sobre caricaturas é relevante para sua formação?

Sim

Não

É indiferente